

**PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

JOSÉ AUGUSTO MACHADO BETIM

**A *KENOSIS* DE CRISTO (FI 2,5-11) COMO PARÂMETRO DO EXERCÍCIO DA
AUTORIDADE NA IGREJA**

**CURITIBA
2016**

JOSÉ AUGUSTO MACHADO BETIM

**A *KENOSIS* DE CRISTO (FI 2,5-11) COMO PARÂMETRO DO EXERCÍCIO DA
AUTORIDADE NA IGREJA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz José Dietrich

**CURITIBA
2016**

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

Betim, José Augusto Machado
B563k A *kenosis* de Cristo (Fl 2,5-11) como parâmetro do exercício da autoridade
2016 na Igreja / José Augusto Machado Betim ; orientador, Luiz José Dietrich.
-- 2016.
94 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2016
Bibliografia: f. 84-94

1. Autoridade – Igreja. 2. Humildade. 3. Jesus Cristo – Personalidade e
missão. 4. Teologia. I. Dietrich, Luiz José. II. Pontifícia Universidade Católica do
Paraná. Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 200



PUCPR

GRUPO MARISTA

Pontifícia
Escola
Programa
Mestrado

ATA DE

D

Aos vinte e nove dias

se na sala de Defesa

Pontifícia Universidade

professores: Luiz Jo

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao Rei dos reis e Senhor dos Senhores Jesus Cristo por me conceder tão grande oportunidade de estudar e constantemente crescer na graça e no conhecimento.

Ao meu orientador: prof. Dr. Luiz José Dietrich, pela absoluta dedicação e esmero na orientação, pela amizade, e grande ajuda na elaboração do trabalho.

À minha esposa, incansável, estimuladora, incentivadora e apoiadora Marli Ataíde Betim.

Um especial agradecimento aos meus pais: meu pai Antonio Acir Betim (*in memoriam*), que me ensinou ter caráter e respeito pelo próximo e à minha mãe, Palmira machado Betim, que mesmo com pouca instrução, sempre me incentivou para estudar.

Agradeço a todo o corpo docente e secretaria do Programa de Pós Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, bem como aos demais alunos que fizeram e fazem parte dessa mesma caminhada.

RESUMO

Essa dissertação constitui-se de uma pesquisa exegética em Fl 2,5-11 para compreender a autoridade de Jesus e sua relação com a humildade e despojamento. Autoridade essa que é passada para os seus discípulos através do Espírito Santo. Realiza uma exegese da perícopa, zelando pela coerência bíblica e em diálogo com a teologia cristã consagrada. Exegese feita à luz do trabalho dos pesquisadores Wegner, Schnelle, Gusso, Barbaglio, Cerfaux, Comblin, Meeks e do estudo direto do texto grego de Fl 2,5-11. Essa passagem traz basicamente duas doutrinas que fazem parte da cristologia que são de suma importância: a doutrina do esvaziamento, ou “*kenosis*”, e a doutrina da exaltação, ou do “Senhorio” de Cristo. A partir da análise dessa perícopa é possível aprender princípios de como se deve conduzir, especialmente no exercício da autoridade tomando por base nos exemplos de Jesus. Nesses versos, aprende-se logo de início que a humildade é um sentimento em Jesus, que deve também existir espontaneamente na vida dos cristãos e das cristãs hoje. O escrito paulino, ao dizer: “Tende em vós o que também houve em Jesus Cristo”, refere-se à humildade de Jesus. Jesus é um perfeito paradigma de humildade. Desde seu nascimento, por toda a sua vida e, por fim, a sua morte, exalaram o odor da humildade. Tais reflexões podem cooperar para respostas em direção à questão: como a visão de despojamento de Jesus narrada no Novo Testamento pode contribuir para a formação e o exercício da autoridade espiritual nas Igrejas Evangélicas no Brasil hoje? A falta de conhecimento com relação à autoridade, principalmente nas igrejas evangélicas, tem se tornado um motivo de preocupação para os verdadeiros seguidores de Cristo. O assunto não tem sido abordado de forma coerente no meio evangélico. Embora muito se fale sobre autoridade, o assunto parece estar longe de ser explicado. Por isso é necessário aprofundar no estudo e no conhecimento sobre a autoridade, principalmente a autoridade no sentido bíblico que é de fundamental importância, e tem que ser levado a todos os cristãos. Este trabalho tem como objetivo discorrer sobre o exercício da autoridade no âmbito da igreja a partir da *kenosis* em Filipenses 2,5-11. Além disto, também tem como intuito mostrar como o assunto sobre autoridade é importante e precisa ser resgatado na Igreja. Uma compreensão cristã coerente sobre autoridade certamente contribuirá para o verdadeiro crescimento do ser humano como tal e como cristão.

Palavras chaves: Autoridade. Humildade. Cristologia. *Kenosis*. Filipenses. Paulo.

ABSTRACT

This dissertation consists of an exegetical research Fl 2, 5-11 para understand the authority of Jesus and his relationship with humility and detachment. This authority that is passed to his disciples through the Holy Spirit. Performs an exegesis of the pericope, ensuring the biblical consistency and dialogue with the consecrated Christian theology. Exegesis made in the light of the work of researchers Wegner, Schnelle, Gusso, Barbaglio, Cerfaux, Comblin, Meeks and direct study of the Greek text of Fl 2, 5-11. This passage brings basically two doctrines that are part of Christology that are of paramount importance: the doctrine of emptying, or "kenosis" and the doctrine of exaltation, or "Landlord" of Christ. From the analysis of this pericope can learn the principles of how to lead, especially in the exercise of authority building on the examples of Jesus. In these verses, one learns early on that humility is a feeling in Jesus, who must also spontaneously exist in the lives of Christians and Christian today. The written Pauline, saying: "Have in you which was also in Christ Jesus", refers to the humility of Jesus. Jesus is a perfect paradigm of humility. Since its birth, throughout his life, and finally, his death, exhaled the odor of humility. Such reflections can cooperate to answer towards the question: how the dispossession of view of Jesus narrated in the New Testament can contribute to the formation and exercise of spiritual authority in evangelical churches in Brazil today? The lack of knowledge regarding the authority, especially in evangelical churches, has become a cause for concern for the true followers of Christ. The issue has not been addressed in a coherent way in evangelical circles. Although much talk about authority, it seems far from being explained. Therefore it is necessary to deepen the study and knowledge of the authority, especially the authority in the biblical sense that is of fundamental importance, and must be brought to all Christians. This paper aims to discuss the exercise of authority within the church from the kenosis in Philippians 2, 5-11. In addition, also it has the intention to show how the issue of authority is important and needs to be rescued in the Church. A consistent Christian understanding of authority would certainly contribute to the real growth of the human being as such and as a Christian.

Keywords: Authority. Humility. Christology. Kenosis. Philippians. Paulo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 VIDA, MISSÃO E CARTAS DE PAULO	12
1.1 CIDADE DE FILIPOS	19
1.2 A CARTA AOS FILIPENSES E SEU CONTEXTO	19
1.3 O HINO	26
2 ANÁLISE DE FILIPENSES 2.5-11 KENOSIS	33
2.1 DELIMITAÇÃO E DIVISÃO DO TEXTO	33
2.2 O TEXTO GREGO	35
2.3 TRADUÇÃO DO TEXTO GREGO	36
2.4 USO DE FONTES ESCRITAS	37
2.5 ANÁLISE LINGUÍSTICO-SINTÁTICA	39
2.6 VOCÁBULARIO E PALAVRAS CHAVES	45
2.7 ANÁLISE REDACIONAL LITERÁRIA	50
2.8 ANÁLISE DAS FORMAS	51
2.9 ANÁLISE TEOLÓGICA	55
2.9.1 <i>Kenosis</i>	56
3 A QUESTÃO DA AUTORIDADE	58
3.1 AUTORIDADE: DEFINIÇÕES E ATITUDES	59
3.2 AUTORIDADE A PARTIR DA PRÁTICA DE PAULO	62
3.3 O PRINCÍPIO DA AUTORIDADE A PARTIR DE JESUS	64
3.4 A AUTORIDADE SEGUNDO O HINO DA <i>KENOSIS</i>	67
3.5 O EXERCÍCIO DA AUTORIDADE NA IGREJA	72
3.6 CARACTERÍSTICAS DE QUEM TEM AUTORIDADE SEGUNDO <i>KENOSIS</i>	79
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	89

INTRODUÇÃO

Para os cristãos Jesus Cristo é o Filho divino e humano de Deus, nascido da virgem Maria; o grande intercessor de seu povo, sentado à direita de Deus; fundador da igreja cristã e figura central da raça humana. No ensino de Cristo, e na passagem de Fl 2,5-11 do ensino de Paulo, o mais alto de todos os modelos é o exemplo de Jesus. A vida de Jesus foi a demonstração prática de seu ensino ético. O tema da imitação de Cristo permeia as Cartas do Novo Testamento, em especial as de Paulo, que não conviveu pessoalmente com Jesus.

Segundo Atos dos Apóstolos Jesus ressuscitado foi ao encontro de Paulo, e o interpelou no caminho de Damasco (Atos 9,1-6). Paulo instruiu os convertidos a seguir “a mansidão e a benignidade de Cristo” (2Co 10,1). Além disso, encorajou-os a imitar o Mestre (1Co 11,1). Ao recomendar a prática de todas as virtudes cristãs, Paulo declarou: “ revesti-vos do Senhor Jesus Cristo” (Rm 13,14). Por todo o Novo Testamento, Jesus é apresentado como aquele que deixou o exemplo e que deve ser seguido pelos cristãos (Jo 13,14-16; 13,34-36; 15,12-17; 1Pe 2,21). Em Fl 2,5-11, passagem aqui analisada, novamente há um estímulo para que se siga o exemplo de Jesus Cristo: “Tende em vós o que também houve em Jesus Cristo”. O texto conclui com a gloriosa afirmação de que Jesus Cristo é o Senhor. Cristo quer dizer: “Ungido”. É um dos nomes atribuídos a Jesus que indica que ele é o Messias, rei e libertador tão esperado.

Cristo se identificou totalmente com a humanidade, em sua natureza humana, a fim de que, eventualmente, ela pudesse identificar-se totalmente com ele, em sua natureza divina. Portanto, a própria salvação consiste da condução de muitos filhos à glória (cf. Hb 2,10). [...] Ele tomou sobre si o próprio tipo da natureza humana, debilitada como ela está pelo pecado (ver Rm 8,3), embora nunca houvesse cometido pecado. Não obstante, em sua humanidade, ele teve de abordar os mesmos problemas e fraquezas que afligem os seres humanos. Em Jesus, pois, Deus irrompeu no mundo, e assim permitiu que os homens alcançassem autêntica vitória espiritual.

Conforme Filipenses, Jesus assume a forma de escravo. A liberdade pessoal era a posse mais preciosa para o grego ático. Ser independente de outras pessoas e dirigir sua própria vida, e viver conforme a sua própria escolha é da essência de tal

liberdade. O *doulos* pela própria natureza das coisas não pertencia a si mesmo, mas, sim, a outra pessoa. *Doulos* e seus cognatos aparecem muito frequentemente nos escritos de Paulo. O próprio Paulo se apresenta como escravo de Cristo Jesus por diversas vezes (Rm 1,1; Fl 1,1; Gl 1,10). Ao descrever a relação que tem com Jesus, como escravidão, Paulo deixa perceber que para ele essa forma de submeter-se a Jesus é coisa extremamente excelente. Pois Paulo já tem em mente que a suprema dignidade de Jesus, o título de *Kyrios*, lhe foi conferida por ele ter assumido a figura do *doulos*, do escravo. Cristo se despojou, tomando sobre Si a forma de um escravo. Acima de tudo a declaração de Filipenses 2,7 mostra a significância deste grupo de palavras. Ao tornar-Se homem, o Preexistente toma sobre si a forma de um *doulos*.

No pensamento paulino, quando Cristo, na sua encarnação, assume a forma de um escravo, entra em plena solidariedade com a humanidade, na sua sujeição ao pecado, à lei e à morte. Como servo, Ele está sujeito à lei (Gl 4,4), e leva sobre Si a maldição desta lei (Gl 3,13). Assume a forma “em semelhança de carne pecaminosa” (Rm 8,3), fazendo-Se humano, carne, por toda a vida. É a forma de escravo que descreve com exatidão a encarnação de Jesus Cristo como sendo a mais profunda auto-humilhação (ZABATIERO, 1982). Conforme mencionado supra, a declaração “Jesus é o Senhor” é o ponto máximo da declaração de fé das primeiras comunidades cristãs. Após a exaltação registrada na cruz, Jesus recebeu o título de *Kyrios*, “Senhor” no sentido absoluto. O texto em análise é imprescindível em o Novo Testamento como forma de demonstrar o sentido com o qual Jesus foi reconhecido como Senhor. Nesse texto, o apóstolo menciona o “nome que está acima de todo nome”. Esse nome é, provavelmente, o título “Senhor”.

O assunto “autoridade” será abordado em vários aspectos, fazendo uma diferenciação dos tipos de autoridades, discutindo o assunto no âmbito da igreja evangélica, já que o sentido de uma autoridade coerente com os calores do Evangelho é algo que tem que ser recuperado nesse meio. De passagem foca-se também certas compreensões doutrinárias a respeito de como deve se comportar o cristão quanto à autoridade civil, ou mesmo eclesiástica. Aqui muitas vezes encontrar-se-ão ensinamentos e comportamentos que estão em franca contradição com ensinamentos da Bíblia Sagrada. E muitos estão alheios a esse assunto que é de suma importância.

A falta de compreensão sobre esse assunto tem levado muitos cristãos a

exercerem autoridade, ou a entrarem em conflito com autoridades instituídas, muitas vezes revelando incoerências quanto a princípios doutrinários e bíblicos. Hoje, por exemplo, entre os grupos cristãos, formas equivocadas de autoridade são frequentemente escondidas através da aceitação ou rejeição do grupo. O líder manipula a opinião do grupo que, então, serve como um tipo de vara para disciplinar o desobediente.

Cada um é requerido por Deus a se submeter à sua autoridade. Portanto, é necessário que cada um seja capaz de discernir e decidir o que vem verdadeiramente Dele, o que está em consonância com o Seu Espírito, e o que é apenas imposição do homem. Em cada lugar e em cada grupo há aqueles que estão declarando ter ou estar com a verdadeira autoridade. Mas, infelizmente, não são muitos os que verdadeiramente a têm. Portanto, buscou-se reunir informações com o propósito de responder ao seguinte problema da pesquisa: como a visão de despojamento de Jesus narrada em Filipenses 2.5-11, pode representar um paradigma de autoridade nas Igrejas.

Este trabalho tem como objetivo discorrer sobre o exercício da autoridade no âmbito da Igreja a partir da *kenosis* em Filipenses 2,5-11. Os objetivos específicos do trabalho são: definir o significado de autoridade a partir da perícope em Filipenses 2,5-11; apresentar os empecilhos das Igrejas quanto ao exercício e ao reconhecimento de autoridade; apontar exemplos bíblicos sobre autoridade no sentido, de conscientizar sobre sua relevância no contexto da Igreja; e, de contribuir para um exercício de autoridade mais coerente com Cristo.

A justificativa é que a maior exigência que a Bíblia faz aos humanos é que eles obedeçam aos princípios Divinos. Sendo assim como se deve comportar o cristão quanto à autoridade eclesiástica que está em franca contradição, com o que lhe determina a Palavra de Deus? Em um mundo cheio de denominações e busca pelo poder, muitas vezes se pensa que ter autoridade significa apenas controlar as pessoas ou um grupo de pessoas. É muito fácil confundir autoridade com poder, ou autoritarismo. Ter autoridade não significa controlar, por isso em primeiro lugar é necessário perceber de onde vem a autoridade e para que serve, para depois compreender o verdadeiro sentido da palavra.

Sendo assim é preciso compreender que esta autoridade deve observar a ética, a justiça e o amor, visto que estas características expressam o próprio agir de Deus. E este agir sempre parte de uma vontade boa, perfeita e agradável. O tema

do despojamento é por demais negligenciado na Igreja, até mesmo em sua seção evangélica, a qual deveria enfatizar tão somente a divindade de Cristo, até mesmo no que tange à sua natureza da encarnação. A verdade inteira dessa questão é que o Senhor Jesus cumpriu a sua missão inteira como homem.

Para o desenvolvimento do presente trabalho foi feita uma exegese que é o estudo da perícopé bíblica Filipenses 2,5-11 a partir da língua original do grego sendo traduzido para português, zelando pela coerência e pela teologia bíblica cristã. Para isso, é feito uso de ferramentas de tradução de exegese e de comentários bíblicos que possam dar uma melhor compreensão e para que se obtenha um melhor resultado. O presente trabalho trata de uma pesquisa bibliográfica se baseia em publicações científicas da área de teologia, ou seja, baseado em diversos livros de autores como, por exemplo: Barbaglio, Cerfaux, Udo Schnelle, José Comblin, Meeks, Wegner, entre outros, para referenciar a dissertação. Além das bibliotecas a pesquisa adentrou também nos bancos de dados da internet. Todas as citações bíblicas neste trabalho são retiradas da Nova Versão Internacional, salvo indicação em contrário.

Essa dissertação estrutura-se em três capítulos e procurará analisar a autoridade exercida na igreja em nome de Cristo a partir da *kenosis* em Filipenses 2,5-11, levando também em consideração a cristologia da autoridade, bem como a autoridade presente em Cristo advinda de seu despojamento e esvaziamento, e no seu corpo que é a igreja mística.

O primeiro consiste em um breve apanhado sobre a vida, a missão e as cartas de Paulo, baseado em vários autores. Um levantamento sobre a biografia do apóstolo Paulo será feita ressaltando-se a importância de suas Cartas, focando em sua passagem pela cidade de Filipos e o contexto em que se encontrava a cidade por ocasião da escrita da Carta aos Filipenses. Além de abordar as origens da cidade de Filipos, são também trabalhados os aspectos da Carta aos Filipenses e o contexto em que foi escrita.

No segundo capítulo é feita uma exegese da perícopé bíblica de Filipenses 2,5-11, a partir da língua original do grego, seguindo todos os passos sugeridos por Wegner: tradução literal do texto grego; análise literária, linguístico-sintática; uso de fontes escritas; vocabulário, palavras chaves; análise redacional, das formas e análise teológica.

No terceiro capítulo entra-se no assunto “autoridade”, que será abordado em vários aspectos, fazendo uma diferenciação dos tipos de autoridades, discutindo o assunto no âmbito da igreja evangélica, já que, em muitos casos, especialmente quando confrontados com os ensinamentos da exortação em que Paulo usa o hino da *kenosis* (Fl 2,5-11), parece que o sentido de autoridade, neste âmbito, não está sendo coerente com os valores do Evangelho. Portanto, isso é algo que tem que ser recuperado nesse meio.

Sendo assim, à luz do hino da *kenosis*, é preciso compreender que o exercício da autoridade deve observar a ética, a justiça e o amor, visto que tais autoridades devem expressar o próprio agir de Deus. E este agir sempre parte de uma vontade boa, perfeita e agradável. Esta dissertação enfatizará a cristologia da autoridade espiritual, bem como a autoridade presente em Cristo, especialmente com base no estudo do hino da *kenosis*. O exercício da autoridade na igreja, que é o objetivo desta dissertação, terá um enfoque ampliado e serão analisadas as características desta autoridade e de quem exerce esta autoridade em seus diversos aspectos, sempre tomando como parâmetro, as características reveladas no hino de Fl 2,5-11.

1 VIDA, MISSÃO E CARTAS DE PAULO

Paulo dá testemunho de parte de sua biografia em Filipenses 3,5. Ali ele diz que foi circuncidado ao oitavo dia, descendente de Benjamim, hebreu de hebreus, quanto a lei fariseu, quanto ao zelo perseguidor da Igreja. Conforme Atos 22,3 nasceu em Tarso da Sílcia e era um cidadão Romano – embora em suas próprias cartas isso não seja mencionado – e que foi enviado muito jovem à cidade de Jerusalém, para aprender aos pés do grande rabino Gamaliel, provavelmente para se tornar também um rabino.

Schnelle (2010) ressalta que Gálatas 1,14 diz que dentre os da sua idade ele se destacou, tornando-se extremamente zeloso das tradições dos seus pais. Sua língua materna certamente era o hebraico, pois era de família judia e praticante do judaísmo, o que transparece em seu pensamento teológico. Paulo demonstra ter boa integração étnica, cultural e religiosa com o povo israelita. Aluno da sinagoga de Tarso, seu conteúdo de formação escolar consistia de tradições bíblicas e judaicas, porém certamente influenciada por perspectivas do judaísmo da diáspora. Mesmo sendo um hebreu, que seguia os ritos do judaísmo, Paulo vivia na Diáspora e não se encontrava alheio ao mundo helênico. O apóstolo dominava a língua grega.

Era rigoroso observador da lei por ser fariseu, conforme confessa numa passagem bíblica: “e como progredia no judaísmo mais do que muitos compatriotas da minha idade, distinguindo-me no zelo pelas tradições paternas” (Gl 1,14). Os fariseus constituíam um grupo extremamente preocupados com relação à moral (cf. Fl 3,6). Exerciam e defendiam a fé monoteísta. Paulo procurava viver isso, sendo um homem justo e reto, diante de Deus e da lei (cf. Fl 3,6-9).

Toda força de Paulo estava centrada no esforço ascético da pessoa conforme orientações do farisaísmo. Todo fariseu tinha como meta a realização religiosa e moral de si mesmo, que se dava no cumprimento das obras da Lei. Por isso assumiu uma postura rígida em relação aos cristãos por causa de sua fidelidade judaica e farisaica; esse seu passado de perseguidor ele escreve na Carta aos Gálatas: “Ouviste certamente da minha conduta de outrora no judaísmo, de como perseguia sobremaneira e devastava a Igreja de Deus (Gl 1,13). Quando ele escreve sua primeira Carta aos Coríntios, reconhece que não era digno de ser considerado apóstolo do Senhor Jesus: “em último lugar, apareceu também a mim como a um abortivo. Pois sou o menor dos apóstolos, nem sou digno de ser chamado apóstolo,

porque persegui a Igreja de Deus (1Co 15,8-9). Ao redigir a Carta aos Filipenses, ele se lembra das perseguições que impôs às primeiras comunidades: “quanto ao zelo, perseguidor da Igreja” (Fl 3,6a). Ele era um defensor incansável da lei judaica e não tolerava nenhum desvio (BARBAGLIO, 1989).

Paulo parece ter sido um protagonista importante na forte perseguição desencadeada pelo Sinédrio contra os judeus que acreditavam que Jesus era o Messias. Essa perseguição ocorreu poucos anos após a morte e ressurreição de Jesus (At 8,1). Naquela ocasião Paulo é descrito como opositor e o mais ferrenho inimigo e perseguidor (At 8,3) das comunidades judaico cristãs que confessavam Jesus como o Cristo, o Messias.

Paulo antes da sua conversão parecia “uma fera selvagem” (LOPES, 2009). Atos 9,1 informa que Saulo “respirava ameaças e morte” contra os discípulos. Em primeira Timóteo 1,13 ele é descrito como blasfemo perseguidor e insolente. Atos 8,3 diz que entrava nas casas e arrastava homens e mulheres e os jogava na prisão e assim assolava a igreja de Cristo e combatia os judeus que seguiam os ensinamentos de Jesus.

Saulo é também descrito agindo como um touro indomável. Pois Atos dos Apóstolos conta que Jesus aparece para ele e lhe diz: “dura coisa é recalcitrar contra aguilhão” (9,5), comparando sua atitude com a do touro que não obedece nem mesmo às aguilhoadas que lhe dá seu condutor. Paulo muda de comportamento após este confronto com o Senhor ressuscitado no caminho para Damasco. Cego e atordoado, Paulo foi levado por discípulos de Jesus, para Damasco. E ali começa a preparação de Saulo para o ministério. Ananias tem papel importante na introdução de Paulo na comunidade dos discípulos e discípulas de Jesus (LOPES, 2009, p.42).

O autor deixa claro na citação acima de como era o procedimento de Paulo antes da sua conversão. Mas depois de sua iniciação na fé em Cristo através de Ananias, ele já aparece pregando nas sinagogas, afirmando que Jesus era o Filho de Deus, chamado o Cristo (At 9,20-22). Entretanto, conforme Gálatas 1,17-18, parece que a preparação envolveu um período de mais ou menos três anos, e que aconteceu entre a Arábia e Damasco. Depois disso Paulo sobe para Jerusalém, porém, em todos locais ele encontrava desconfiança. A passagem de perseguidor a disseminador do Evangelho não era facilmente compreendida e aceita. Ele

encontrou muitas barreiras no início, e especialmente a indignação de seus ex-companheiros de perseguição.

Também, segundo Atos dos Apóstolos, ao voltar e apresentar-se para a comunidade judaico-cristã em Jerusalém, os apóstolos e irmãos não creram na sua conversão. Barnabé teve de ajudá-lo confirmando com seu testemunho a conversão de Paulo. Mesmo assim, parece que sua passagem de perseguidor a evangelizador (Gl 1,23) foi difícil e demorada. Ficarão um longo tempo na Síria e na Cilícia. É somente depois disso, que Paulo sendo liderado por Barnabé partirá em missão de anunciar o evangelho, criando e reforçando comunidades de seguidores e seguidoras de Jesus entre as sinagogas da diáspora.

Paulo de religioso judaico passa a ser um judeu cristão. Sua fé continua direcionada ao Deus único do judaísmo, entretanto, Paulo soma-se àqueles que consideram Jesus o Messias, enviado por esse único Deus. Convencido disso, Paulo assume a missão de anunciar o Evangelho do Messias e Salvador Jesus, inicialmente aos judeus em suas sinagogas (At 9,20; 13,5; 13,14; 14,1, etc.), e depois, frente aos grandes conflitos que enfrentou nas sinagogas, estende sua pregação também aos gentios (At 13,46).

Como bem assegura Barbaglio (1989), antes de sua conversão no judaísmo, Paulo preservava sua identidade religiosa e étnica. Seu contato com seguidores de Jesus, sua entrada no movimento de Jesus levou-o a ter um novo olhar para as tradições judaicas, especialmente sobre a maneira de vivê-las. Certas práticas, rituais e doutrinas passam a ser relativizadas quando assim exigia a vivência e a expressão do amor e da fraternidade anunciada e vivida por Jesus e seus discípulos. Paulo compreende que a mensagem de salvação através da fé em Jesus é para todas as pessoas. De acordo com Atos dos Apóstolos Paulo viveu e compreendeu essa experiência de salvação quando estava indo para Damasco e foi interpelado pelo Senhor Jesus (At 9,1-6).

A partir desse momento nasce uma nova pessoa cheia de amor pelos outros, que quer levar a mensagem, a solidariedade e o amor de Cristo a todos. Até então Paulo estava cegamente convicto talvez por influência do farisaísmo, que os seguidores e seguidoras de Jesus, que afirmavam ser Ele o Messias esperado, estavam profundamente equivocados e suas práticas eram nocivas ao judaísmo.

Paulo tinha em alta conta as práticas rituais e as doutrinas da separação entre o puro e o impuro e outras obras entendidas como observância da lei a partir de

certa leitura da Torá (Pentateuco). Com sua conversão ele muda de grupo e estas práticas e obras são relativizadas no discipulado de Jesus. No entendimento das primeiras comunidades de seguidores e seguidoras, Jesus exige mais preocupação e sensibilidade com as pessoas e suas necessidades do que com as doutrinas, leis e suas restrições (SCHNELLE, 2010).

Tais convicções e práticas chocam-se frontalmente com entendimento tradicional de outros membros do judaísmo que esperavam obter a salvação através do cumprimento ritualístico de certas leis do Antigo Testamento, que acreditavam piamente que Deus aceitava as pessoas por méritos. Depois da conversão, Paulo viu que a salvação é unicamente operada através de Jesus pela fé e não por méritos próprios. Mais tarde ele mesmo vai escrever na Carta aos Romanos (cf. 3,23) “todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus” (CASAGRANDE, 2013, p.16).

Paulo foi um grande missionário e um teólogo influente. Foi talvez o maior formador de comunidades da história primeira do cristianismo. Educador grandemente estimado, com suas Cartas e escritos terá uma influência profunda na cultura ocidental, com suas obras copiadas e distribuídas em seu mundo, talvez como poucos do seu tempo. Mas, apesar de tudo isso, morreu sem bens materiais, velho, cheio de cicatrizes numa masmorra, provavelmente passando pelo martírio. Mas Atos dos Apóstolos apresenta-o como um homem capacitado e culto. Depreende-se do livro a imagem de uma personalidade extraordinária, poliglota, inteirado em muitos conhecimentos do Judaísmo e do mundo helênico. Aparece em Atenas, capital intelectual do mundo naquela época, discutindo com filósofos, estóicos e epicureus. (LOPES, 2009).

Ainda segundo Atos dos Apóstolos, Paulo funda várias comunidades em cidades estratégicas, e sofre severa perseguição da parte do judaísmo mais ortodoxo, e, de Corinto, escreve as cartas aos Tessalonicenses, em Efésio combate ferrenhamente a idolatria e planta comunidades em todas as regiões incluindo Colossos e Laodicéia. Após vários anos de atividade sobe uma segunda vez para Jerusalém (Gl 2,1), para levar ofertas aos pobres da comunidade judaico cristã de Jerusalém e também para buscar uma palavra de apoio para sua maneira de compreender a evangelização e as exigências aos gentios. Chegando lá Paulo é denunciado às autoridades judaicas e é preso. Ao ser preso, para escapar de um julgamento sumário do Sinédrio, Paulo apela ao direito de ser julgado por um

tribunal romano e pede para ser mandado para Roma. Segundo Atos dos Apóstolos, essa viagem transcorre com muita aflição e tensão (BARBAGLIO, 1989).

Tendo chegado a Roma, da prisão vai escrever várias cartas confortando as igrejas, relatando tudo que passou pelo amor de Jesus. Nessa ocasião, um grande incêndio ocorrido em Roma servirá como justificativa para o imperador Nero desencadear uma grande perseguição contra a comunidade judaica estabelecida em Roma. Também aqueles e aquelas que seguiam os ensinamentos de Jesus, que eram parte dessa comunidade, foram perseguidos e muitos sofreram o martírio. A tradição afirma que Paulo, e também Pedro estão entre os mártires dessa perseguição (LOPES, 2009).

Ehrman também se refere à atividade de Paulo como um missionário cristão e enfatiza que:

viajou por diversos lugares do mundo pregando sua mensagem e estabeleceu comunidades no Mediterrâneo, Ásia menor, Macedônia e Acaia. Dava início a uma comunidade cristã, quando estava funcionando perfeitamente, partia para outra cidade e fazia a mesma coisa. Seguiu adiante de cidade em cidade fundando comunidades e pondo as em funcionamento sucessivamente. Comunicava-se com as comunidades através de contatos pessoais e por cartas, passando informações, instruções de como se deveriam comportar, estimulando-as a viverem de forma coerente as boas novas de Deus para todos os povos transmitidas no Evangelho. Várias dessas cartas se encontram no Novo Testamento. 1 Tessalonicenses provavelmente foi a primeira de uma série de cartas escritas por volta dos anos 50 a 60 d.C (EHRMAN 2014, p. 177).

Das treze cartas sob o nome de Paulo no Novo Testamento, Ehrman une-se aos que defendem que Paulo escreveu somente sete delas que são: Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Filipenses, 1 Tessalonicenses e Filemon. Essas são consideradas cartas paulinas autênticas e são os textos sobreviventes mais antigos de um cristianismo primitivo, sendo que as outras foram escritas posteriormente e em contextos já bastante diferentes daqueles vividos por Paulo, e também com objetivos bastante distintos daqueles que teriam levado Paulo a escrever suas cartas.

1.1 A CIDADE DE FILIPOS

Horsley (2004, p.11) afirma que durante os anos 50 d. C., o apóstolo Paulo passou pela cidade de Filipos, proclamando o Evangelho de Cristo. Paulo reafirmou que podiam esperar um Salvador vindo dos céus e ensinou que Deus “exaltou soberanamente Jesus Cristo... para que se dobre todo joelho... e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor” (Fl 2,9-11).

De conformidade com Murphy (2000) a descrição mais antiga pormenorizada sobre a cidade de Filipos é a de Apião:

Filipos é um cidade que outrora se chamava Datus e antes disso Crenides por que ali há muitas fontes borbulhando em torno de colinas. Situa-se em uma colina escarpada e seu tamanho é exatamente o do cume da colina. Ao norte há florestas, através das quais Rascúpolis conduziu o exército de Bruto e Cássio. No sul há um pântano que se estende até o mar. A leste estão os desfiladeiros dos Sapeus e Corpileus e o oeste é uma planície bela e bastante fértil... A planície foi cortada em declive, de modo que o movimento para os que descem de Filipos é fácil, mas penoso para que os sobem de Anfípolis. Não distante de Filipos, há outra colina que se chama colina de Dionísio, onde existem minas de ouro chamadas Asilas (MURPHY 2000, p. 219-220).

De acordo com Schnelle (2010), a cidade macedônia, Filipos, que foi importantíssima para a missão de Paulo, também era importante no esquema romano de controle da região. Fundada como Crenides (“Saltos”) pelo exilado ateniense Calístrato e em seguida, menos de cinco anos depois, tomada, destruída e novamente fundada em 358 a.C. por Felipe II que lhe deu o seu nome. Isso era apenas o começo de suas transformações. Depois que Otaviano e Antônio derrotaram Brutus e Cássio lá, na batalha que assinalou o fim da República Romana (42-41 a.C.), Antônio fundou de novo a cidade na condição de *Antoni Iussu Colonia Victrix Philippensium* e estabeleceu um grupo de seus veteranos (da vigésima oitava legião) lá.

Com relação ao início da cidade de Filipos, Meeks afirma que:

Cerca de onze anos mais tarde, Otaviano, tendo destruído as forças de Antônio em Áccio, reorganizou a colônia mais uma vez, nela estabelecendo algum dos seus antigos veteranos, inclusive a coorte de pretorianos agora tinha que abandonar suas terras itálicas para outros veteranos de Otaviano. O novo nome da cidade era Colônia

Julia Filipenses, à qual o epíteto de “Augusta” foi acrescentado para se adaptar à nova honra de ter sido dedicada a Otaviano pelo Senado em Janeiro de 27 a.C. A dupla colonização e a passagem constante de tropas por Filipos, devido à sua localização estratégica, assegurou à cidade caráter muito mais latino do que o cunho que marcou qualquer das outras cidades por onde Paulo iniciou comunidades. Barbara Levick conta 421 inscrições de Filipos, sendo apenas 60 delas em grego – e algumas destas podem ser de origem pré-colonial. Em contrapartida, somente cerca de 41 por cento das inscrições de Antioquia da Pisídia são em latim. As moedas mostram a mesma persistência do elemento itálico em Filipos. Predominam motivos militares e o título completo da cidade em latim persiste até o reino de Galeno, ao passo que as legendas latinas nas moedas pisídias rapidamente vão desaparecendo com a pronúncia errada dos bárbaros. O plano da cidade também é acentuadamente romano, com a *Via Egnácia* formando o principal eixo (*decumanus*). No centro desse eixo, na haste meridional, está localizado o fórum, ‘conjunto arquitetônico auto-abrangente’, com seu lado aberto voltado para a magnífica vista da acrópole. Outra prova, entretanto, indica a persistência da grande população nativa, incluindo forte elemento trácio, e firme influência de imigrantes vindos do Egito, da Anatólia e de outros lugares. Provavelmente a segunda língua de todos esses grupos era o grego, que era a língua usada na comunicação inter-étnica no dia a dia. (MEEKS 1992, p. 76-77).

Filipos também é diferente das outras cidades paulinas por ter sido primordialmente centro de agricultura mais que um centro comercial. Os colonizadores itálicos foram dispersos em aldeias ao longo da planície e nos vales que se abriam para ela, e o trabalho em terras em volta das aldeias foi a base do desenvolvimento econômico da área. A cidade em si sempre permaneceu muito pequena – não mais do que seiscentos a oitocentos metros de uma muralha à outra no seu eixo leste-oeste. Por outro lado, os imigrantes do Egito, de Anatólia e de outras localidades devem ter trabalhado primeiramente no comércio e em várias profissões embora haja poucas provas diretas disso. Uma inscrição latina assinala a dedicação “à Fortuna e ao Gênio do Mercado” (MEEKS 1992, p.78).

Segundo a narrativa apresentada em Atos dos Apóstolos, pode-se supor que Paulo chegou pela primeira vez em Filipos entre 49 e 52. Não é possível precisar a data com mais exatidão. Aí começou a evangelização da Europa, pois Filipos foi a primeira cidade europeia que Paulo visitou (cf. At 16,11-40) e que deu a Cristo os seus primeiros discípulos europeus. Uma mulher de Tiatira, negociante de púrpura, chamada Lidia e residente na cidade, recebeu o Apóstolo em sua casa. A partir dela nasceu o primeiro núcleo da comunidade cristã de Filipos (Barbaglio, 2009).

Murphy (2000) ressalta sobre a fundação da comunidade de Filipos dizendo

que:

A abundância de provas para as preferências religiosas da população pagã de Filipos faz com que a ausência de quaisquer sinais arqueológicos ou epigráficos da presença judaica seja significativa. A fonte de Lucas evoca um “lugar de oração” fora da cidade, ao longo de um rio, ao qual Paulo e os companheiros iam no sábado (At 16,13). Não se pode deixar de concluir que o lugar era de culto judaico. A expressão “lugar de oração” não exclui uma edificação, mas não implica, necessariamente, a existência de uma. Entretanto, as conhecidas sinagogas da diáspora do século I são todas em cidades, como seria de esperar, pois os judeus tinham direito legal a um lugar de culto. Se eram em número muito pequeno para construir uma sinagoga, um cômodo em uma de suas casas seria o lugar óbvio de reunião para estudar e rezar. Além disso, entre os convertidos de Paulo não é mencionado nenhum judeu. Lídia é mencionada de forma explícita como pagã (At 16,14), e o mesmo podendo dizer do carcereiro (At 16,30-31). Finalmente, o grupo que Paulo encontrou reunido não incluía nenhum homem. A fonte de Lucas menciona só mulheres (At 16,13), uma das quais, Lídia é identificada como “adoradora de Deus”. Em outras palavras, era temente a Deus, pagã que se associara ao judaísmo, mas sem se converter formalmente. Como presença judaica em sua cidade natal, Tiatira, na Ásia, é atestada de maneira evidente, não é necessário supor que ela tenha sido atraída por uma comunidade judaica em Filipos (MURPHY 2000, p. 221-22).

De acordo com o autor Murphy e os registros bíblicos em Atos dos Apóstolos fica evidente como se iniciou os cultos cristãos e a origem da Igreja na cidade de Filipos e quem foram os primeiros discípulos angariados pelo Apóstolo Paulo na região.

1.2 A CARTA AOS FILIPENSES E SEU CONTEXTO

Para Barbaglio (1991, p. 353) o apóstolo Paulo escreve esta carta em tom afetivo, pois dentre todas as comunidades que atuava, a de Filipos era a que ele mais apreciava: era a primícia da sua missão em território europeu, retribuía ao seu amor com uma sincera e concreta dedicação. Mas é, também, uma carta que apresenta gravíssimos problemas no plano da crítica histórica e literária.

Quanto ao conteúdo do escrito, pode dizer que é mais afetivo que doutrinal, que nos escritos se ouvem as batidas do coração de Paulo. A intensa relação que o liga aos filipenses pode ser percebida praticamente em cada trecho. Em primeiro

plano estão os seus sentimentos. É um dos escritos mais pessoais de Paulo (BARBAGLIO, 1991, 360).

Comblin (1985, p.7) também concorda que a Epístola aos Filipenses é eminentemente “pessoal”. O objeto dessa epístola, entretanto é o evangelho, isto é, o que constitui a autenticidade do evangelho, como identificar o verdadeiro evangelho de Jesus Cristo e como distingui-lo dos falsos evangelhos ensinados pelos falsos apóstolos. Paulo se apresenta aos filipenses como sendo ele próprio o portador do verdadeiro evangelho. Ele mostra na sua carreira apostólica, na sua trajetória pessoal, o critério do evangelho autêntico.

A verdade do Evangelho é o caminho da cruz, e Paulo escolheu e está vivendo na própria carne esse caminho do evangelho. Comblin (1985) faz menção que o tema da epístola é o próprio núcleo do Evangelho de Jesus Cristo. O que torna esse núcleo tão vivo e profundo é a sua encarnação na história pessoal do Apóstolo Paulo, que se acha tão identificado com o núcleo do Evangelho de Jesus Cristo que se considera portador dos critérios de autenticidade do Evangelho. Não por causa dele, Paulo, individuo particular, mas por ele se identificar com Jesus e com o Evangelho, vivendo coerentemente os valores do reino, mesmo sabendo que esse caminho pode colocá-lo na rota da perseguição, da morte e da cruz de Jesus. Desse modo o evangelho da cruz se torna presente e visível na missão do Apóstolo. Ele se dá como exemplo vivo do evangelho (Fl 1,30; 3,17; 4,9).

Horsley (2004, p.14) ressalta que Paulo juntamente com a comunidade de filipenses luta contra uma perseguição de oponentes oficiais e/ou locais, mas aos quais vão enfrentar com a convicção de que, vivendo na prática de modo coerente com os valores do Reino de Deus, eles são, acima de tudo, cidadãos do Reino de Deus, que sua real cidadania está no céu, do qual esperam o verdadeiro “Salvador” (Fl 1.15-30; 2.14-18; 3,20-21).

Míguez (2009, p.64) está de acordo que Filipenses deve ser incluída entre as cartas paulinas “autênticas”, mas vale ressaltar que esta Carta tem outros co-autores como, por exemplo, a participação de Timóteo na saudação inicial (Fl 1,1) e mais à frente tem a participação de Silvano. Devido Paulo estar possivelmente encarcerado precisou de auxílio (COMBLIN, 1985, p.23).

Schnelle (1999, p.33-34) acredita que Paulo redigiu essa carta enquanto estava preso (Fl 1,7,13,17), mesmo assim ele segue sua missão de levar a mensagem de Cristo avante (Fl 1,12ss). Recebeu donativos dos filipenses por meio

de Epafrodito (FI 4,8; 2,25; 4,14). Logo após Epafrodito deveria voltar a Filipos expressando sua gratidão (FI 2, 25,28), contudo Epafrodito adocece em companhia de Paulo, deixando os filipenses preocupados (FI 2,26-30). Paulo escreve sobre o desejo que tem de visitar os filipenses (FI 1,26; 2,24), “mesmo sabendo que estava por passar por julgamento”. Já tinha passado por um (FI 1,7). Mas tem a expectativa de uma breve decisão (FI 2,23). Sua confiança é num bom resultado (FI 1,25; 2,24), e está preparando Timóteo para viajar a Filipos (FI 2,19-23), para obter notícias a respeito dos irmãos filipenses.

A crítica tem postulado uma subdivisão em duas ou até em três missivas, depois integradas de maneira mesclada no texto atual. A razão desta divisão seria a dificuldade que alguns encontram em integrar dentro de um mesmo esquema de pensamento os elementos autobiográficos e de defesa do ministério elaborados em FL 3,1b-21, com o resto da Carta. Assim, 3,1a teria sua continuidade natural em 4,1, já que a primeira parte do v. 3,1 exorta à alegria, como acontece em 4,1. Por sua vez, 3,1b-21 seria uma inserção proveniente de outra Carta, ou uma Carta breve completa em si mesma, por razões redacionais despojada da introdução e do final (COMBLIN, 1985).

Outro motivo que leva a entender que existe uma fusão de mais documentos na Carta é o difícil agrupamento do capítulo 4. Nele encontramos vários saltos de pensamentos e alguns cortes, cada um deles podendo indicar o final de uma Carta. Esta é a impressão quando se lê FI 4,7; 4,10; 4,20; e 4,23. Isto levou alguns autores como Comblin, Schnelle entre outros a pensar que teríamos três missivas: a mais extensa, cujo corpo central abrangeria FI 1,1-3 e que continuaria em FI 4,1-7. Na realidade essa seria a segunda Carta, antecedida de uma primeira missiva breve de agradecimento pelo auxílio recebido por meio de Epafrodito (cf. FI 2,25-30), escrita logo após a chegada dele e antes de sua enfermidade correspondendo ao texto de FI 4,10-20 (SCHNELLE, 1999, p.464). Acredita-se que haveria uma terceira Carta separada das duas primeiras e escrita em outra ocasião, cujo início foi perdido e que estaria presente em FI 3,1b-23 e FI 4,8-10. A ocasião e o motivo dessa Carta seriam distintos e posteriores às Cartas anteriores e ela estaria motivada pela presença de “judaizantes” na comunidade. Os versos de 4,21-23 poderiam ser uma saudação final de qualquer uma das Cartas, especialmente da segunda, pela referência à “casa de Cesar”, uma possível referência eufemística ao lugar de sua prisão, anteriormente referido como o “pretório” (1,13). As três Cartas se misturam e

resultaram na ordem que temos hoje (MÍGUEZ, 2009, p.64-65). Assim, a composição da Carta seria o seguinte ¹:

1. Uma primeira missiva breve (Carta A), espécie de “recibo”, expressando gratidão pelo auxílio recebido por intermédio de Epafrodito (FI 4,10-20).

2. Uma Carta mais extensa (Carta B), enviada depois, pelas mãos de Epafrodito após a enfermidade dele. Epafrodito havia deixado Paulo a par de alguns problemas internos devido a conflitos entre os fiéis, por ciúmes e questões de ordem hierárquica na comunidade. Seria o que se lê em FI 1,1-3,1a e FI 4,1-7.

3. Algum tempo depois, Paulo já ancião, e em sua prisão romana, teria enviado a terceira Carta (Carta C). Nela, outro problema: a presença de alguns pregadores que vinham do grupo de Tiago ou de judeu-cristão adepto de doutrina similar, ou mensageiros do protognosticismo judeu, como os que encontramos na Carta aos Gálatas. Esta última Carta aos filipenses estaria centrada nesse problema e corresponderia a maior parte do capítulo 3 e aos versos 8 e 9 do capítulo 4.

De acordo com Míguez (2009, p.66-67) e com o que o próprio Paulo diz, essa Carta foi escrita de dentro da prisão. E isto leva muitos comentaristas como Barbaglio, Schnelle entre outros, especialmente os que reconstituem a vida de Paulo com base nos relatos do Livro de Atos, a atribuírem essa Carta a um tempo tardio na vida de Paulo, durante sua prisão em Cesaréia (cf. 23,23ss) ou até posteriormente durante o tempo de sua prisão em Roma. Há também a hipótese de que a Carta tenha sido escrita na prisão em Éfeso. Porém, não é seguro tomar o relato de Atos como única fonte da biografia paulina. O próprio Paulo enfatiza que passou por diversas experiências de prisão (2 Cor 11,23).

Comblin (1985, p.12-17) discorda que a carta tenha sido escrita em Roma. Um dos principais argumentos é distância entre as duas cidades. A carta parece referir-se a várias viagens entre Filipos e a cidade em que Paulo está encarcerado: viagens de Epafrodito, Timóteo, e a própria viagem prevista pelo Apóstolo Paulo. A Carta dá a entender que as comunicações eram rápidas, ou seja, as notícias são transmitidas rapidamente de uma cidade para outra. Naquela época uma viagem de Filipos a Roma demorava aproximadamente cinco semanas. Por causa da distância, Comblin exclui as hipóteses que defendem Roma e Cesareia como locais em que a Carta teria sido escrita.

¹ Também encontramos esse argumento em COMBLIN, J. **Epístola aos Filipenses**, 1985, p.11-16.

Fazendo a defesa de Roma está Schnelle (2010) afirmando que essa cidade tem a favor de si a maior probabilidade. A descrição da prisão de Roma em Atos combina muito bem com a situação de prisão branda que se encontra na Carta aos Filipenses. Em favor disso, ainda se encontra o entendimento da menção da guarda pretoriana em (Fl 1,13), e dos escravos imperiais (Fl 4,22). Schnelle elenca vários argumentos em favor de Roma como lugar da escrita, e uma datação tardia da Carta aos Filipenses são:

- 1) A falta de notícias sobre a coleta indica que a coleta já estava concluída no momento da redação da carta.
- 2) A Carta aos Filipenses pressupõe uma longa duração de detenção. Se a carta estivesse sido redigida em Éfeso, o silêncio de Atos sobre a demorada prisão em Éfeso seria inexplicável, enquanto a prisão de dois anos em Roma (cf Atos 28,30) pode ser conciliada muito bem com a situação pressuposta na carta [...]
- 3) A descrição distanciada da situação no lugar da prisão em Fl 1, 12-18 (especialmente v.15,17, cf. a respeito 1 Clem 5,5!) leva a concluir que a comunidade não foi fundada pelo próprio apóstolo.
- 4) O termo ἐπισκόπος (“inspetores”) que ocorre nas cartas paulinas autênticas somente em Fl 1,1 (cf., além disso, At 20,28; 1Tm 3,2; Tt 1,7) pressupõe um progresso da situação da comunidade em direção às cartas pastorais.
- 5) Um estudo da linguagem paulina na Carta aos Filipenses indica particularidades linguísticas no prólogo, no uso do título de Cristo, no uso de “nós” e “eu”, e na ocorrência de palavras raras [...] que apóiam todas um enquadramento temporal da Carta aos Filipenses após a Carta aos Romanos (SCHNELLE, 2010, p. 466-467).

Apesar de Schnelle (2010) ser enfático ao afirmar que Paulo estava preso em Roma; e considerando isso, que carta deveria ser datada por volta dos anos 60, muitos autores discordam dele. Míguez (2009, p. 67), por exemplo, situa a carta, junto com a carta de Filemon, em algum tempo mais cedo da missão paulina, por volta dos anos 53-54, tendo como lugar provável de sua redação a cidade de Éfeso, durante um período de prisão que culminou numa liberdade um tanto inesperada.

Quanto à data da escrita da Carta, Comblin (1985, p.17) considera que o problema depende do local da redação da Carta ou cartas. Se foi em Roma, então deve ser posterior ao ano 60. Se foi escrita em Éfeso, a data deve situar-se entre 52 e início do ano 55, ou entre o final do ano 54 e começo de 57, de acordo com a cronologia paulina adotada.

Esta dissertação aceita a hipótese de Míguez Bonino (2009, p.67) que assevera que a carta foi escrita quando Paulo estava preso em Éfeso, e que a missão na cidade Filipos ainda estava em estágio embrionário no momento em que a comunidade dos filipenses decidem ajudar Paulo. A proximidades das cidades ajudaram nesse intercâmbio. Os filipenses enviam Epafrodito com uma ajuda material como colaboração para ajudar o prisioneiro Paulo. E ele por outro lado, demonstra seu agradecimento à comunidade e ao enviar-lhe notícias que, embora não sejam tranquilizadoras mostram integridade do ânimo que sustenta o apóstolo. Mas ao mesmo tempo, ele quer deixar claro sua independência, para evitar se prender em relações de clientelismo, próprias da cultura romana que imperava na colônia. Quanto ao clientelismo, Lampe (2003) ressalta que:

era geralmente uma pessoa livre que assumia uma relação de dependência para com um influente patrono. Os dois faziam um contrato baseado na confiança ou lealdade mútua. Isso significava que o cliente devia mostrar respeito e gratidão ao patrono, prestar-lhe certos serviços, e apoiar suas atividades políticas, econômicas e sociais. Em troca o influente patrono protegia os interesses econômicos, sociais e legais do cliente, permitindo que este se valesse das ligações sociais do patrono e dando-lhe acesso a seus recursos. Em Roma nos tempos antigos, o contrato entre patrão e cliente envolvia muitas vezes o arrendamento de terra. O cliente voluntário não perdia sua liberdade pessoal ou sua capacidade legal, mas estava obrigado a fidelidade e fazer serviço para o patrono. Ele fortalecia o prestígio social do patrono e apoiava seus objetivos políticos. Em troca o patrono prometia proteger e ajudar o cliente em todas suas necessidades providenciava assistência e representação legais, e oferecia vantagens econômicas. (LAMPE, 2008, p. 431-432).

Por outro lado, os próprios portadores da ajuda tornam-se informantes da situação interna em que vivia a comunidade, das tendências e das tensões que estavam aparecendo, da incidência de outras correntes “teológicas” (para usar um termo atual) presentes na época entre eles. Paulo aproveita então a oportunidade para entretecer a sua própria situação e experiência, como forma de mostrar o caminho que, no seu entender, marca a fé. Esta Carta é um esboço ético da vivência da fé, não isento das dúvidas e ambiguidades, das debilidades e esperança com que ela é vivida no meio da sociedade imperial (MÍGUEZ, 2009, p.67-68).

Míguez (2009, p.68) escreve que uma das possibilidades de aproximação da carta é o desenvolvimento dado por Paulo com suas propostas da formação de uma

“ideologia” que se define como “a base das representações compartilhadas pelos membros de um grupo”. A expressão “representações sociais” abarca tanto aspectos epistemológicos (modos e categorias por meio das quais se conhece), valorativos (o que, para esse grupo, é bom ou mau, correto ou incorreto) e em consequência, leva a atuar (aspectos éticos e práticos). As ideologias se nutrem das experiências e identidades dos indivíduos e setores que formam um grupo e ao mesmo tempo as configuram.

Essa definição dá a oportunidade de comparar ideologicamente dois “grupos” inteiramente dissimilares em sua extensão, composição, poder e inserção social, a saber, por um lado, a classe fundamental do Império Romano, sua construção imperial e, por outro lado, as comunidades de fé geradas em torno da pregação do grupo missionário paulino, tratando de uma proposta ideológica ancorada na fé, ou seja, de uma “ideo-teologia”, uma leitura da realidade que parte de uma experiência que não se esvazia por que os fatos são imediatos, mas que apela para a irrupção do transcendente, para a presença histórica daquilo que excede, porém não anula a história humana: o fato messiânico de que a teologia de Paulo se nutre desta expectativa e que é por isso que ela confronta com ideologia do poder que difere da experiência do imediato, dos poderes reinantes, da hegemonia imposta. Paulo luta ideologicamente com o Império Romano (MÍGUEZ, 2009, p.68-69).

Roma usava a ideia do “prestígio” para impor sua hegemonia. Para se autojustificar e convencer os demais de seu direito de conquista. Os estudos antropológicos históricos mostram a incidência de conceito de “honra – vergonha” como verdadeiro organizador social. Nesse sentido, a honra constitui todo um modo de vida que põe todos os habitantes numa competição ferrenha para mostrar-se numa consideração social maior ou numa posição social superior às demais (CROSSAN, REED, 2007).

Paulo combate arduamente este comportamento estimulado pelo império em Fl 2,1-4 ele escreve: existirá algo assim, como cristãos que se animem uns aos outros? Vocês me amam bastante para quererem ajudar-me? Significa algo para vocês o fato de sermos irmãos no Senhor, partilhando o mesmo Espírito? O coração de vocês está cheio de ternura e compaixão? Então, façam-me verdadeiramente feliz, amando-se um aos outros e concordando uns com os outros de todo coração, uma só mente e um só propósito. Não sejam egoístas, não vivam para causar boa impressão aos outros. Sejam humildes, pensando dos outros como sendo melhores

do que você mesmo. Não pensem unicamente em seus próprios interesses, mas preocupem-se também com os outros e com o que eles estão fazendo.

Na cultura romana o “prestígio” vem do reconhecimento social que faz com que a pessoa se considere honorífica, constitui-se base nas variantes de riquezas, participação pública e sua linhagem. No âmbito grego do Império, também a “sabedoria” era importante, devido à tradição filosófica da cultura helênica. Fica evidente uma amostra dessa leitura e do seu confronto com o pensamento paulino, por exemplo, em 1 Co 1,26: “Irmãos, pensem no que vocês eram quando foram chamados. Poucos eram sábios segundo os padrões humanos; poucos eram poderosos; poucos eram nobres de nascimentos”. Portanto pode-se ver em vários aspectos como Paulo, com o Evangelho, com o “caminho da cruz”, vive e propõe valores que contradizem valores básicos e estruturantes do império romano (CROSSAN, REED, 2007).

1.3 O HINO

Para Meeks (1992, p.216-217) a melodia e o canto normalmente eram parte das reuniões cristãs tanto em Cl 3,16s, quanto no texto paralelo de Ef 5,18-20 – ambos provavelmente adaptando linguagem tradicional e posteriores às epístolas paulinas – falam de “salmos, hinos e odes espirituais”. Os cânticos “espirituais” eram compostos livremente de acordo com o sentido das linhas, dotados de ritmo, mas não escandidos com precisão. Provavelmente seguiam alguns modelos populares comuns e usavam repetições estereotipadas de frases (inclusive linhas escriturísticas, como em Fl 2,11) bem como fórmulas cristãs.

De conformidade com Soares (2009, p. 39), o hino pelo fato de ser pré-paulino, mostra que a ideia da encarnação e do despojamento da divindade estava presente nos primórdios do cristianismo primitivo, sendo provavelmente o texto mais antigo que ensina a preexistência e encarnação do Cristo. Através do hino Paulo orienta os cristãos ter uma postura ética. É frisado que não basta somente buscar a união, a humildade, o amor: em verdade, para alcançá-los, é necessário ir além; exige um despojamento de seu próprio eu, de seus interesses, para busca dos interesses do próximo. A palavra “humildade” no mundo helenístico possuía uma conotação eminentemente pejorativa, expressando uma mentalidade “servil”,

indigna; uma pessoa livre jamais adotaria tal procedimento. Entretanto, a humildade apregoada pelo hino não é uma “humildade de quadrúpedes”, mas sim uma atitude de desapego aos próprios interesses, à satisfação egoística, em prol do semelhante, do bem-estar do irmão.

Koester (2005), diz que o hino está inserido no que se considera ser a Carta central da Epístola em sua redação atual, ou na chamada *Carta A*: Fl 1,1-3,1a (a situação de Paulo, admoestações e ação de graça); Fl 4,4-7 (admoestações finais) e, provavelmente, Fl 4,21-23 (saudações finais).

Schnelle, (2004, p.148) concorda que sob o aspecto sociorreligioso, esse hino não apresenta uma realidade, pois enquanto a segunda parte (Fl 2,9-11) aponta para um pensamento semita e judaico, por causa da alusão a citações do Antigo Testamento, bem como de material de fórmulas litúrgicas, a primeira estrofe (Fl 2,6-7) contém fortes paralelos terminológicos com a literatura helenista de cunho religioso filosófico. O “lugar vivencial” do hino é a liturgia da Igreja. Na primeira estrofe ele canta a humilhação do Preexistente, na segunda parte, sua entronização como *Kyrios*. Para o entendimento Paulino do hino, são decisivos a colocação no contexto e os acréscimos redacionais, não, porém, a estrutura da peça tradicional.

O hino de Cristo está inserido num contexto parenético² e nitidamente conectado com ele, de modo que se torna plausível para a redação paulina um entendimento ético, não mítico da passagem. Aqui se situa a maioria das afirmações que ligam a peça da tradição com o contexto, pelo que se salienta nitidamente a ênfase ética do Apóstolo (SCHNELLE, 2004, p 148).

Paulo esclarece a orientação da existência cristã pelo caminho do *Kyrios* Jesus Cristo, que fundou, preserva e realiza a salvação. Jesus Cristo possibilita as novas existências dos cristãos. Cristo não olhou para aquilo que era seu, mas entregou-se à morte na cruz, também os cristãos não devem viver em egoísmos e briga, mas em humildade e união. A transformação do Filho fundamenta a participação dos crentes.

Paulo adota a cristologia do elemento traditivo e insere-a numa argumentação parenética, como mostra Fl 2,1-5. Existem relações tanto compositórias como terminológicas com este trecho. Por exemplo, a humilhação de Cristo, circunscrita no Fl 2, 8 comenta no Fl 2,3: “humildade, modéstia” exigida da comunidade. Também

² Parenético: Arte de pregar, eloquência sacra, usado pelos profetas e primeiros padres da Igreja.

há uma relação com o subsequente Fl 2,12; ali, Paulo retoma o pensamento da obediência de Cristo e justifica assim a atitude exigida da comunidade. A comunidade convocada a imitar no ambiente da ética o que o *kyrios* realizou modelarmente no evento salvífico da encarnação, da morte na cruz e da entronização. Dessa maneira, Cristo aparece em Fl 2 simultaneamente como imagem primordial e imagem modelar. A comunidade pode e deve seguir Cristo na consciência de que ela, assim como o apóstolo, ainda não se encontra no estado de salvação plenamente realizada, mas que caminha ao encontro do dia da vinda de Cristo, do juízo e da ressurreição (Fl 3,12ss). A possibilidade disto é aberta por Deus que opera nos fiéis as duas coisas: o querer e o operar (Fl 2,13) (SCHNELLE, 2010, p 475).

Contra o pano de fundo de uma comunidade de cunho romano-colonial, Fl 2,5-11 ganha também uma dimensão política. Pela intervenção direta de Deus, uma pessoa crucificada pelos romanos recebe um *status* que não pode ser ultrapassado, e somente ela merece ser reverenciada por pessoas ajoelhadas (pân góny kámpse) e a *exhomologesis* (louvação). Essa confissão de fé acentua e revela aspectos de suma importância:

Enquanto reis e governantes ganharam seu poder por meio da violência e da apropriação por roubalheira, Jesus Cristo humilha-se a si mesmo e torna-se assim o verdadeiro governante. Com isso, ele corporifica a contraimagem ao governante que exalta a si mesmo. Também os títulos de *Kyrios* em Fl 2,11 e de Salvador em Fl 3,20 contêm conotações anti-imperiais. Numa inscrição grega do tempo de Nero encontra-se a formulação “O *kyrios* do mundo inteiro, Nero”, e especialmente no oriente no império, os imperadores romanos se deixaram celebrar como salvadores. A essa pretensão político-religiosa, o hino contrapõe uma nova realidade que ultrapassa qualquer poder terrestre. Os filipenses (Fl 3,20s), de modo que Paulo, conseqüentemente, denomina unicamente em Fl 1,27 sua conduta com o verbo πολιτεύεσθαι (“conduzir sua vida como cristão”). O Paulo preso em Roma oferece a sua comunidade um *contramodelo*: na verdade, a impotência e o poder/ domínio são distribuídos de modos totalmente diferentes daquilo que parece se indicar à primeira vista (SCHNELLE, 2010, p 475-476).

A teologia paulina é política, na medida em que como uma nova criação de sentido, diz respeito imediatamente à vida dos cidadãos, a seu modo de vida. Como

Jesus Cristo, Paulo introduz uma autoridade nova e insuperável do tempo escatológico; realiza uma nova definição de mensagem de salvação, domínio, redenção, paz, graça e justiça, e postula uma transformação que não poderá ser interrompida. Com isso, ele atua também politicamente, mas não assume uma posição conscientemente política no sentido moderno. Assim Crossan e Reed (2007), contrariando Schnelle, afirmam que alguns estudiosos de Paulo já deram ênfase criativa e acurada ao confronto entre o cristianismo paulino e o imperialismo romano. Paulo se opunha a Roma ao lado de Cristo contra Cesar, não porque o império fosse particularmente injusto ou opressor, mas porque o apóstolo questionava a própria normalidade da civilização, uma vez que esta sempre foi imperial, isto é, injusta e opressora, foi por causa desse ataque que de alguma forma o império romano o prendeu e possivelmente condenou à morte.

- 1) Em Paulo nenhuma expressão direta ou apenas crítica a Roma; ao contrário, pois
- 2) Rm 13.1-7, como único testemunho direto de Paulo sobre o Império Romano tanto mais que exige explicitamente o conhecimento do mesmo; tanto mais que
- 3) A vinda eminente de Cristo exaltado faz o Terrestre aparecer já agora sob uma luz passageira (1Co 7,29-31); (SCHNELLE, 2010, p 286).

Na época, da missão evangelizadora de Paulo o “evangelho de César” já se disseminara nessas cidades. Paulo reafirmou aos filipenses que podiam esperar um “Salvador vindo dos céus”. Mas o salvador imperial há muito estabelecera “paz e segurança” por todo o mundo mediterrâneo, e as cidades da Grécia e da Ásia Menor há muito tinham estabelecido santuários, templos, festivais que envolviam toda cidade e jogos entre as cidades nos quais honrassem o salvador. Paulo ensinou que Deus “exaltou soberanamente [Jesus Cristo]... para que se dobre todo joelho... e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor” (Fl 2,9-11). Mas o Senhor Divino, a quem todos obedeciam e a quem todos declararam lealdade (“fé”) já estava entronizado em Roma (HORSLEY, 2004, p.11-12).

O imperativo inicial (Fl 2,5), que introduz o famoso hino cristológico é de interpretação discutida. Segundo Barbaglio (2009, p.374) a referência a Cristo deve ser entendida em sentido ético e lida como a apresentação de um exemplo a ser imitado. Paulo estaria exortando os filipenses a se comportarem entre si como Cristo se comportou. Eles deveriam imitar sua humildade e obediência. Ele estaria

exortando os filipenses a se comportarem entre si como pessoas que estão vitalmente unidas ao Senhor. Cristo não seria, pois, critério moral de ação, mas princípio ativo da vida dos fiéis, que comporta uma *práxis* conseqüente e coerente.

No plano metodológico, deve se ter presente também o contexto: Paulo citou-o para sustentar sua parênese à Igreja filipense, mas a utilização paulina não pode pretender erigir-se em norma suprema de leitura. De fato, a riqueza teológica do hino parece exceder ao quadro exortativo em que o hino é inserido. Assim, por exemplo, a segunda parte da glorificação de Cristo não encontra nenhuma correspondência no fim parenético perseguido pelo apóstolo. Aliás, parece que se pode afirmar que só uma interpretação que preserve a autonomia do hino permite evitar a queda numa leitura moralista da história de Jesus aqui cantada (BARBAGLIO, 2009, p.377).

Quanto à articulação do trecho, deve-se, antes de tudo, destacar FI 2,6-8 e nos FI 2,9-11 a diversidade de sujeito e a presença característica da antítese abaixamento-elevação: lá, Cristo se humilhou: aqui, Deus o exaltou. A história de Jesus tem dois tempos nitidamente distintos: no primeiro, ele é o protagonista ativo da decisão operativa de humilhar-se; no segundo, ao invés, é beneficiário da ação exaltadora de Deus. Mas também os FI 2,6-8 são construídos sobre uma clara contraposição cristológica: Jesus leva a imagem de Deus impressa em seu ser, e, no entanto, se assemelhou aos outros homens, configurando-se a um escravo e sendo submetido à morte. Não se aproveitou do seu ser como Deus para receber um tratamento adequado; ao contrário, humilhou-se, escolhendo uma vida efêmera e mortal.

Pode-se, pois, dizer que a cristologia do hino define Jesus segundo três polaridades conexas (é a imagem de Deus; por obediência se fez homem mortal; por iniciativa divina foi constituído Senhor do universo), ou também segundo antítese natureza-história, ser-tornar-se. O autor quer, evidentemente, resolver uma espécie de contradição existente na pessoa de Cristo: como é possível confessar o senhorio de alguém que viveu e morreu como um homem qualquer, e chamar Senhor alguém que na sua vida se configurou a um escravo, e que morreu crucificado? E responde que, na realidade, ele não é um homem qualquer, mas o homem criado à imagem de Deus e que renunciou a impor no plano histórico aquilo que era, escolhendo por obediência aquilo que para os outros é destino, ou seja, uma existência mortal (BARBAGLIO, 2009, p.377).

O hino começa com uma proposição participial afirmativa da dimensão divina de Cristo: ele é imagem de Deus. Parece evidente a referência a Adão e Eva, criado a imagem e semelhança de Javé (Gn 1,26-27). Mas impõe-se também a citação de Sb 2,23, que interpreta o tema da imagem divina na linha da participação na incorruptibilidade de Deus: sim, Deus criou homem incorruptível, fez dele uma imagem da sua eternidade, ainda não tocadas pelo pecado, são renovadas em Cristo, participante por direito da imortalidade divina. Mas ele não se aproveitou dessa sua condição invejável. Ao contrário, renunciou a ela, optando pelo tipo de vida de todos os homens, efêmeros e mortais.

O hino insiste, com fórmulas paralelas, em precisar sua colocação histórica: despojou-se, assemelhou-se a um escravo, tornou-se semelhantes aos outros homens, o seu aspecto exterior era o de um homem qualquer, humilhou-se fazendo-se obediente até a morte. Numa palavra, acentua, sim, sua humanidade, mas ao mesmo tempo evidencia que ele é diferente: é o homem incorruptível do projeto do Criador, porém escolheu partilhar da condição dos pecadores, condenados a morrer. Ele é o obediente que se solidarizou com os desobedientes, participando do seu destino de pecadores que atraíram sobre si a morte. Também parece possível, aqui, dizer que o pano de fundo do hino é o livro da Sabedoria, no qual se atribui conjuntamente à ação diabólica e ao pecado dos homens o ingresso da morte no mundo (2,24) (BARBAGLIO, 2009, p.379).

Paulo acrescenta: “e morte na cruz!” prolongando e especificando a perspectiva cristológica do hino. A obediência de Cristo não arrefeceu nem mesmo diante da experiência humana mais ignominiosa e humilhante. O obediente tornou-se o crucificado, “escândalo para os judeus, tolice para os pagãos” (1Co 1,23), “maldito por Deus”. Se o anônimo autor do poema tinha o olhar voltado para a participação de Cristo no destino do homem mortal, o apóstolo fixa a atenção sobre a paradoxal impotência e humilhação do Crucificado.

É a experiência do Messias Jesus, a partir da identificação com os mais humildes, com as não-pessoas da escravidão que revela a vontade libertadora do Deus transcendente. É neste crucificado da história que se mostra a glória do Deus eterno, perante a qual terão de se inclinar os que hoje se acreditam vitoriosos e poderosos, que se creem eternos numa eternidade que se sustenta com base nas armas e num prestígio alimentado pela sua própria ambição. Este poema central da Carta põe em evidência justamente o sentido do caminho libertador a partir da

humildade e em confronto com o caminho do opressor que escraviza, destrói e crucifica (MÍGUEZ, 2009, p.74).

É justamente no hino cristológico de Fl 2,5-11 que se destaca que o Messias “assumiu a forma de escravo”. E mais, se destaca que ele assumiu a forma de escravo para ficar “na semelhança de humano”. Esta ordem (primeiro escravo, depois homem) não é absolutamente um detalhe secundário: para antiguidade clássica, inclusive Aristóteles, os escravos não são humanos. Fazer-se escravo para ressaltar a humanidade do escravo a partir da própria escravidão é todo caminho “ideológico”, mas só quando aquilo que se destaca não é a obediência do escravo, e sim a sua desobediência à ordem constituída. Efetivamente quando neste hino se afirma que ele se fez “obediente até à morte, e morte de cruz”, estabelece-se uma aporia, uma contradição interna insolúvel na expressão, já que a cruz não se destina ao escravo obediente, mas sim ao desobediente, àquele que não se resigna ao seu lugar desumanizado e se rebela em busca de sua liberdade. Sendo assim, a obediência de Jesus não é uma obediência à ordem vigente que desumaniza o escravo, mas uma obediência à sua condição de ser humano livre, à dignidade que a figura divina plasmada no ser humano tem desde a criação e da qual Jesus é também portador (MÍGUEZ, 2009, p.74).

Comblin (1985, p. 18) explica que a carta aos filipenses trata sobre o evangelho da cruz, e é por isso que o hino cristológico de Fl 2,5-11 exprime exatamente o conteúdo do evangelho. Por isso o lugar que ocupa na epístola é realmente central. Paulo achou nesse hino a melhor expressão condensada do evangelho.

O evangelho da cruz é o evangelho de Jesus porque Jesus percorreu o caminho da cruz: abandonou qualquer apoio, qualquer poder e até qualquer dignidade humana. Foi ao encontro da perseguição, da morte, da rejeição total e até da aparente rejeição por Deus. Dedicou aos serviços dos irmãos todas as suas forças, fez-se obediente e nada quis para si.

Por tudo que foi analisado até agora é notada a grande importância desse texto bíblico (Fl 2,5-1) conhecido como hino kenótico escrito por Paulo e inserido na Carta e enviada aos Filipenses, agora se faz necessário adentrar ao texto grego para maior compreensão da mensagem, por isso é feita a exegese.

2 ANÁLISE DE FILIPENSES 2,5-11: *KENOSIS*

Nessa parte do trabalho é suma importância fazer uma análise exegética de Fil 2,5-11 e, para tanto, conforme Uwe Wegner (1998, p. 28) é necessário abordar o texto no grego em que foi escrito a perícopa para um melhor entendimento³. E também verificar a presença do hino na exortação e compreender sua função nela com intuito de explorar melhor o significado de autoridade através dos feitos de Cristo para uma aplicação nas Igrejas.

2.1 DELIMITAÇÃO E DIVISÃO DO TEXTO

Para Wegner (1998, p.84) os estudos sobre a integridade literária das cartas paulinas revelaram que algumas delas eventualmente não foram redigidas pelo próprio apóstolo Paulo. Outras, como é o caso da carta aos filipenses, talvez seja uma coleção de diversos escritos paulinos, redigidos em épocas distintas. Por isso Wegner afirma que a delimitação do texto é necessária e é o primeiro passo da exegese. Para o estudo da perícopa aqui selecionada a delimitação será importante, pois para muitos estudiosos os versículos 5-11 trazem um hino cristológico das primeiras comunidades cristãs. A delimitação também é importante porque os escritos neotestamentários originalmente foram redigidos em escrita contínua, sem espaço entre as palavras e sem subdivisões de versículos, perícopas e capítulos, e as divisões impostas ao texto posteriormente obedecem, e também de certa forma já direcionam a leitura para determinadas interpretações.

Wegner(1998) ainda afirma que o primeiro manuscrito a apresentar uma subdivisão dentro dos evangelhos foi o *códice Vaticanus* (sigla B, século IV). Muitas vezes as subdivisões apresentadas pelas Bíblias são frutos de determinadas interpretações dos textos e interferem na leitura e na compreensão, uma vez que direcionam o olhar ao encontro da interpretação de quem impôs tais divisões e subdivisões aos textos. A atual divisão do Novo Testamento em capítulos é atribuída a Stephan Langston, arcebispo de Cantuária, no ano de 1227. Somente em 1551, é que o editor parisiense Robert Stephanus – na 4ª. Edição do Novo Testamento Grego – introduziu a divisão em versículos (ALAND e ALAND, 2010, p.30). Esta

³ A exegese segue também os passos sugeridos SCHNELLE, Udo. **Introdução à exegese do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2004.

divisão é adotada até os dias de hoje. Isto quer dizer que a subdivisão em versículos, perícopes e capítulos, não é obra dos autores originais, e não se encontrava originalmente nos textos.

Além disso, os textos bíblicos, não raro, são formados por uma série de pequenas unidades pré-existentes, que foram produzidas como unidades autônomas e assim existiram no mundo bíblico, antes de serem inseridas, editadas ou não, em textos maiores. Por isso é que, nem sempre as modernas traduções da Bíblia para o português trazem consenso quanto ao início e término de certos textos. Dessa forma, para uma boa exegese faz-se necessário partir de uma delimitação cuidadosa do texto em que se pretende trabalhar.

Vários critérios podem ser usados para a delimitação de uma unidade autônoma de sentido, isto é, o início e o fim de uma perícope. Wegner (1998, p. 85-86) destaca os seguintes critérios: 1) A perícope delimitada deve ter “pé e cabeça”, isto é, forme um todo coeso e orgânico. O autor quer dizer com isso que “o texto constitui uma unidade autônoma quando seu conteúdo possui uma mensagem própria e característica, distinta da mensagem dos textos anteriores ou subsequentes”. 2) Deve-se atentar para a existências de mudanças, alternâncias, diferenciações e rupturas entre os textos. 3) Em textos argumentativos, sobretudo nas epístolas, que é o caso específico desse trabalho, a natureza das conjunções empregadas muitas vezes sinaliza a conclusão ou a continuidade de um determinado assunto.

A seguir, a perícope de Fl 2,5-11 será analisada sob os pontos acima mencionados, para buscar maior precisão e fidelidade na interpretação dos textos bíblicos. Isso é importante pelo fato de não termos o texto original da epístola de Paulo aos Filipenses, mas apenas cópias feitas, com diferenças entre si. Uma mudança de estilo ocorre a partir do versículo 6 do capítulo 2, passando do estilo de prosa para poesia. Ainda que a maioria dos estudiosos interpreta e delimita a perícope em 2,6-11, para fins desse trabalho a divisão será de 2,5-11.

Opta-se por iniciar no versículo 5 pois consideramos que ele funciona aqui como uma “introdução” ao hino, ou seja, serve de transição. Assim a perícope começaria com uma frase que convoca os Filipenses a buscar o mesmo sentimento de Cristo. Esse sentimento é explicado dos versos 6 a 8 que constituem o hino. O versículo 5 funciona como cimento que foi usado para integrar o hino à exortação paulina aos Filipenses.

Estudiosos como Pereira (2012) e Soares (2009) tem interpretado essa passagem como sendo uma solene declaração doutrinária do apóstolo. Segundo Carson (1997, p.357), constituía a base de teorias kenóticas da encarnação. Em tempos mais recentes tem-se dado cuidadosa atenção à sua forma, e agora é amplamente aceito que se deve considerá-la tanto como poesia quanto como liturgia – em suma, como um hino.

Diante dessa declaração, pode-se dizer que a diferença de estilo literário encontrada nessa perícopé pode servir como indicador de término. O versículo 11 então marcaria o final da perícopé, pois, a partir do versículo 12 a escritura volta a ter o tom ou o estilo de uma carta. Também para Silva (2000 p. 72), do verso 11 para o verso 12 percebe-se novamente a mudança de estilo. Desta vez o estilo passa de poesia para prosa.

Ao longo do texto existe divisão de estrofes, indicando tratar-se de uma poesia inserida na Carta – que está em prosa. Existe ampla discordância sobre se o número de estrofes é três, quatro, cinco ou seis ou se deve ser pensado em seis dísticos (anúncios). Essas divisões indicam que de fato trata-se de um hino.

2.2 O TEXTO GREGO

Abaixo, o texto bíblico de Fil 2,5-11, em língua grega, citado conforme o Novo Testamento Grego (NESTLE, ALAND, 1993).

- v. 5 Τοῦτο φρονεῖτε ἐν ὑμῖν ὃ καὶ ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ,
v. 6 ὃς ἐν μορφῇ θεοῦ ὑπάρχων οὐχ ἄρπαγμον ἠγήσατο τὸ εἶναι ἴσα θεῷ,
v. 7 ἀλλὰ ἑαυτὸν ἐκένωσεν μορφὴν δούλου λαβών, ἐν ὁμοιώματι ἀνθρώπων γενόμενος· Καὶ σχήματι εὔρεθεις ὡς ἄνθρωπος.
v. 8 ἑταπείνωσεν ἑαυτὸν γενόμενος ὑπήκοος μέχρι θανάτου, θανάτου δὲ σταυροῦ.
v. 9 διὸ καὶ ὁ θεὸς αὐτὸν ὑπερύψωσεν καὶ ἐχαρίσατο αὐτῷ τὸ ὄνομα τὸ ὑπὲρ πάντων ὄνομα,
v. 10 ἵνα ἐν τῷ ὀνόματι Ἰησοῦ πάντων γόνυ κάμψη ἐπουρανίων καὶ ἐπιγείων καὶ καταχθονίων
v. 11 καὶ πᾶσα γλῶσσα ἐξομολογήσεται ὅτι κύριος Ἰησοῦς Χριστὸς εἰς δόξαν θεοῦ πατρὸς

2.3 TRADUÇÃO DO TEXTO GREGO

Na tradução literal do texto em estudo é empregado a correspondência formal, que estará em um texto literal, semelhante ao que aparece nos textos e traduções interlineares ou justalineaes. Este tipo de tradução, ideal para o estudo exegético de um texto, procura, quando possível, preservar as características originais de estilo métrica e gramática, mantendo-se mais fielmente apegado ao texto original, analisando palavra por palavra, para resultar em um bom português que consiga reproduzir as construções gramaticais, a ordem das palavras e a forma da língua original (WEGNER, 2008, p.30).

Concordando com Gusso (2005), vemos que a tradução de um texto como base para a exegese, é um pouco diferente do processo de tradução para a elaboração de uma Bíblia, que deverá servir para ser lida em uma comunidade de fieis. Nesse caso a tradução é feita em fases distintas. A primeira delas é a análise e a tradução de cada palavra. Essa fase consiste na tradução ultra-literal da perícopé escolhida; a segunda parte consiste em fazer uma tradução literal melhorada, onde as frases são colocadas em bom português, adaptando-se a estrutura grega para a língua portuguesa; a terceira fase é aquilo que pode ser chamado de uma tradução idiomática. Para essa tradução é preciso um esforço adicional para que o texto fique com uma linguagem simples. Para a exegese, parte-se do texto obtido na segunda fase. É preciso, entretanto seja para a exegese, seja para elaborar uma Bíblia, manter a fidelidade à mensagem contida nas estruturas do texto original.

Segue abaixo uma proposta de tradução literal e uma tradução literal melhorada que servirá de base para a exegese do texto de Fl 2,5-11:

Vers.	Tradução Literal	Tradução Literal Melhorada
5	Isto tende em mente em vós, o que também em Cristo Jesus	Tende em mente vós o que também houve em Cristo Jesus
6	o qual em forma de Deus existindo, não algo ao qual aferrar-se considerou o ser igual a Deus	o qual, existindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus como algo ao qual aferrar-se.
7	mas a si mesmo esvaziou a forma de escravo tomando em	Mas a si mesmo esvaziou, tomando a forma de escravo, fazendo-se

	semelhança de humanos fazendo-se; e figura sendo encontrado como humano	semelhante aos humanos; sendo encontrado em figura humana
8	humilhou a si mesmo fazendo-se obediente até da morte, e da morte de cruz.	humilhou a si mesmo, fazendo-se obediente até da morte, e da morte de cruz.
9	Por isso também Deus o hiper-exaltou e deu a ele o nome, sobre todo nome	Por isso, Deus também o hiper-exaltou e deu-lhe o nome acima de todo nome,
10	para que em o nome de Jesus todo joelho se dobre, daqueles nos céus, e de sobre a terra e de debaixo da terra	para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, dos que estão nos céus, na terra e debaixo da terra,
11	e toda língua confesse que o Senhor (é) Jesus Cristo para glória de Deus Pai.	e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.

O próximo passo da exegese consiste em uma análise literária, também denominada “crítica literária”. Essa análise procura estudar o texto como unidade literariamente formulada e acabada. Tem como objetivo principal definir o grau de coesão e integridade literária da unidade delimitada e a estrutura literária presente nesta unidade (GUSSO, 2005).

2.4 USO DE FONTES ESCRITAS

A integridade literária e o estudo da coesão do texto estão relacionados como exame do uso de fontes. Esse estudo visa apurar a natureza mais exata do material, o espaço que ocupa dentro do texto e sua eventual proveniência, sempre que isso possa ser determinado. No texto em análise, Wegner (1998, p.106-107) declara a existência de uma fonte extra bíblica. Uma fonte que continha material produzido por grupos cristãos, mas que atualmente ainda continua desconhecida. Em Fl 2,5-11, Paulo cita um hino cristológico provavelmente conhecido pelas comunidades de Filipos, e talvez em uso na região das comunidades paulinas.

Cerfaux (2003, p. 292-294), declara haver um forte indício de que Paulo tenha se apropriado de um hino cristão primitivo, talvez judeu-cristão e composto provavelmente em aramaico. Contudo, para ele o hino corresponde a uma exortação que se inicia em Fl 2,1, as idéias e até mesmo o vocabulário fazem-lhe eco. Nos cânticos do Servo do livro de Isaías encontra-se a fonte mais próxima de inspiração desse hino. Cristo mesmo teria apelado para duas figuras que na perspectiva profética se reúnem: o Servo de Deus de Isaías (Is 53) e o Filho do homem de Daniel Dn 8,17). Os primeiros seguidores de Jesus os teriam colocado como fundamentos de sua teologia, mensagem, liturgia. Paulo deve recordar-se disso ao aludir ao exemplo de Cristo que desempenhou o papel de Servo de Deus.

O Servo de Deus na Septuaginta (Is 52,13) é chamado de *παῖς μου*, mas também de *δούλου* (Is 53,11). Observar que a palavra que aparece aqui não é o substantivo *δούλου*, mas o particípio do verbo *δουλεύω*, que denota a condição de quem é escravo, servo. Usa *δούλος* especialmente em Is 49,3.5.7, no “segundo canto do servo”. A escolha de *δούλος* impunha-se a Paulo por causa da Antítese implícita com *κύριος*. Cerfaux ressalta que a descrição do servo põe ênfase em seu aspecto miserável, de sua submissão. “É ferido, afligido por causa de nossos pecados, entregue à morte”. Cerfaux continua afirmando que:

o contraste entre nossos aniquilamentos e sua glorificação é tão bem marcado que é natural ver aí a ideia-mãe da antítese paulina: ‘Por isso dar-lhe-ei em prêmio as multidões e fará dos poderosos os seus despojos em recompensa de se ter prodigalizado a si mesmo até à morte e de se ter deixado contar entre os malfeitores’. O paralelismo das situações reforça-se com comparações verbais.

Há um entrelaçamento mais intrínseco entre Fl 2,9-11 e as duas passagens complementares Is 45,22 e 49,7. Enfatiza que a frase de Fl 2,10 é apenas um decalque dela e Paulo a usa também em Rm 14,11 “Como está escrito: Por minha vida, diz o Senhor, diante de mim se dobrará todo joelho, e toda língua dará louvores a Deus.”. No cântico do Servo do capítulo 49 (Is 49,6s), Deus cede a seu servo o lugar que ele reivindicava para si mesmo. O servo desempenha o papel que Deus reservava para si. É esta função que terá também o servo no hino da Carta aos filipenses.

De acordo com Cerfaux (2003, p. 296), Paulo leu, e muito especialmente em

Isaías, a história antecipada de Cristo, sua própria vocação e missão peculiar: completar a obra de Cristo, tanto em seus sofrimentos como em seu trabalho missionário de levar ao evangelho até às extremidades do mundo. Clemente se inspira em Fl 2,3, quando no capítulo 16 da Carta de Clemente Romano aos coríntios exorta-os à humildade, baseando-se no exemplo de Cristo: “Pois Cristo pertence aos humildes e não aos que se elevam acima da grei. O cetro da majestade de Deus, o Senhor Jesus Cristo, não veio com aparato de arrogância e orgulho, embora pudesse tê-lo feito, mas com humildade com o Espírito Santo sobre Ele anunciou:”.... a partir daí Clemente cita por extenso Is 53,1-12, para em seguida concluir: “Vede, amados, que modelo nos foi dado! Se o Senhor assim se humilhou, que faremos nós que chegamos por Ele ao jugo de sua graça” (CLEMENTE DE ROMA 95-97d.C⁴).

Assim, pois, em filigrana, declara Cerfaux (2003, p. 296), na exposição de Paulo, Clemente percebia a imagem do Servo de Deus de Isaías. Clemente é um bom juiz e sabe-se que ele lê as epístolas com inteligência e finura e recorre de bom grado às mesmas fontes que inspiraram o Apóstolo.

2.5 ANÁLISE LINGUÍSTICO-SINTÁTICA

A presente análise linguístico-sintática compreende considerações sobre os diversos aspectos a partir dos quais se pode avaliar a linguagem empregada no texto: seleção dos termos aplicados, modo de relacionamentos destes termos entre si, etc. As categorias e formas gramaticais elencam as categorias, e formas gramaticais em destaque no texto, bem como o emprego de termos característicos (WEGNER, 1998, p. 249). Apresenta-se a seguir a análise verso a verso e palavra por palavra.

⁴ Clemente de Roma (30-100 d.C.), é um dos pais apostólicos, cristão que gozava de grande autoridade entre seus contemporâneos. Orígenes e Eusébio de Cesárea identificam-no como o colaborador de Paulo mencionado em Filipenses: “*E peço também a ti, meu verdadeiro companheiro, que ajudes essas mulheres que trabalharam comigo no evangelho, e com Clemente, e com os outros cooperadores, cujos nomes estão no livro da vida*” (Filipenses 4.3). Irineu de Lião escreveu que Clemente teria sido o terceiro sucessor do apóstolo Pedro no pastorado da Igreja em Roma. Segundo Tertuliano, ele foi consagrado pelas mãos do apóstolo Pedro. Escreveu uma Epístola chamada de 1º Clemente, escrita de Roma por volta de 95 d.C., para a igreja em Corinto. A obra *Atos dos Mártires*, do século IV ou V d.C., afirma que Clemente foi exilado para a península de Queronesse, na área do mar Negro, foi atirado ao mar com uma âncora amarrada ao seu pescoço.

v. 5 Τοῦτο φρονεῖτε ἐν ὑμῖν ὃ και ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ,

Palavra	Forma, função sintática ⁵	Tradução
Τοῦτο	Pronome demonstrativo acusativo neutro singular	isto
φρονεῖτε	Verbo φρονέω imperativo voz ativa presente 2° pessoa do plural	Tende em mente
ἐν	Preposição dativo	em
ὑμῖν	Pronome pessoal dativo plural	vós
ὃ	Pronome relativo nominativo neutro singular	O que
καί	Conjunção	também
ἐν	Preposição dativo	em
Χριστῷ	Nome próprio dativo masculino singular	Cristo
Ἰησοῦ,	Nome próprio dativo masculino singular	Jesus

v.6 ὃς ἐν μορφῇ θεοῦ ὑπάρχων οὐχ ἄρπαγμὸν ἠγήσατο τὸ εἶναι ἴσα θεῷ,

Palavra	Forma, função sintática e tradução	Tradução
ὃς	Pronome relativo nominativo masculino singular	O qual
ἐν	Preposição dativo	em
μορφῇ	Substantivo dativo feminino singular comum	forma
θεοῦ	Substantivo genitivo masculino singular comum	de Deus
ὑπάρχων	Verbo ὑπάρχω participio presente ativo nominativo masculino singular	existindo
οὐχ	Advérbio	não
ἄρπαγμὸν	Substantivo acusativo masculino singular comum	Algo ao qual aferrar-se

⁵ Identificada a partir do software Bible Works (BIBLEWORKS, LLC. **Bible Works for Windows**. Versão 7.0.012g. Norfolk: BibleWorks, LLC, 2006).

ἡγήσατο	Verbo ἡγέομαι verbo indicativo aoristo média 3° pessoa	considerou
τὸ	Artigo definido acusativo neutro singular	o
εἶναι	Verbo εἶμι Verbo infinito presente ativo	ser
ἴσα	Advérbio	igual
θεῶ,	Substantivo dativo masculino singular comum	a Deus

v.7 ἀλλὰ ἑαυτὸν ἐκένωσεν μορφὴν δούλου λαβών, ἐν ὁμοιώματι ἀνθρώπων
γενόμενος· Καὶ σχήματι εὐρεθεὶς ὡς ἄνθρωπος σταυροῦ.

Palavra	Forma, função sintática	Tradução
Ἀλλὰ	Conjunção coordenativa adversativa	mas
ἑαυτὸν	Pronome reflexivo acusativo masculino singular	A si mesmo
ἐκένωσεν	Verbo κενόω indicativo aoristo voz ativa 3° pessoa singular	esvaziou
μορφὴν	Substantivo μορφή acusativo masculino singular comum	a forma
δούλου	Substantivo δούλος genitivo masculino singular comum	de escravo
λαβών,	Verbo λαμβάνω particípio aoristo voz ativa nominativo masculino singular	tomando
ἐν	Preposição dativo	em
ὁμοιώματι	Substantivo ὁμοίωμα substantivo dativo neutro singular comum	semelhança
ἀνθρώπων	Substantivo ἄνθρωπος genitivo masculino plural comum	de humano
γενόμενος·	Verbo γίνομαι particípio aoristo voz média depoente nominativo masculino singular	fazendo-se
Καὶ	Conjunção coordenativa	e
σχήματι	Substantivo σχῆμα dativo neutro singular comum	figura

εὑρεθείς	Verbo εὕρισκω Particípio aoristo voz passiva nominativo masculino singular comum	Sendo encontrado
ὥς	Conjunção subordinativa	como
ἄνθρωπος	Substantivo nominativo masculino singular comum	humano

v.8 ἔταπείνωσεν ἑαυτὸν γενόμενος ὑπήκοος μέχρι θανάτου, θανάτου δὲ σταυροῦ.

Palavra	Forma, função sintática	Tradução
ἔταπείνωσεν	Verbo ταπεινῶω indicativo aoristo voz ativa 3° pessoa singular	humilhou
ἑαυτὸν	Pronome reflexivo acusativo masculino singular	a si mesmo
γενόμενος	Verbo γίνομαι particípio 2° Aoristo voz média depoente nominativo Singular	fazendo-se
ὑπήκοος	Adjetivo normal ὑπήκοος nominativo masculino singular	obediente
μέχρι	Preposição genitivo	até
θανάτου,	Substantivo θάνατος genitivo masculino singular comum	Da morte
θανάτου	Substantivo θάνατος genitivo masculino singular comum	da morte
δὲ	Conjunção coordenativa	e
σταυροῦ.	Substantivo σταυρός genitivo masculino singular comum	de cruz

v.9 διὸ καὶ ὁ θεὸς αὐτὸν ὑπερύψωσεν καὶ ἐχαρίσατο αὐτῷ τὸ ὄνομα τὸ ὑπὲρ πᾶν ὄνομα,

Palavra	Forma, função sintática	Tradução
διὸ	Conjunção coordenativa (Por isso)	por isso
καὶ	Conjunção coordenativa (também)	também

ὁ	Artigo definido nominativo masculino singular	o
θεός	Substantivo nominativo masculino singular comum	Deus
αὐτόν	Pronome pessoal acusativo masculino singular	o
ὑπερύψωσεν	Verbo ὑπερυψώω indicativo aoristo voz ativa 3° Pessoa singular	Hiper-exaltou
καὶ	Conjunção coordenativa	e
ἔχαρίσατο	Verbo χαρίζομαι indicativo 1° aoristo voz média 3° pessoa singular	deu
αὐτῷ	Pronome pessoal dativo masculino 3° pessoa singular	a ele
τὸ	Artigo definido acusativo neutro singular	o
ὄνομα	Substantivo ὄνομα acusativo neutro singular comum	nome
τὸ	Artigo definido acusativo neutro singular	o
ὑπὲρ	Preposição Acusativa	sobre
πάν	Adjetivo indefinido acusativo neutro singular	todo
ὄνομα,	Substantivo acusativo neutro singular comum	nome

v.10 ἵνα ἐν τῷ ὀνόματι Ἰησοῦ πάν γόνυ κάμψη ἐπουρανίων καὶ ἐπιγείων καὶ καταχθονίων

Palavra	Forma, função sintática	Tradução
ἵνα	Conjunção subordinativa	para que
ἐν	Preposição dativo	em
τῷ	Artigo definido dativo neutro singular	o
ὀνόματι	Substantivo ὄνομα dativo neutro singular comum	nome
Ἰησοῦ	Nome próprio genitivo masculino singular próprio	de Jesus
πάν	Adjetivo indefinido nominativo neutro singular	todo

γόινυ	Substantivo nominativo neutro singular comum	o joelho
κάμψη	Verbo κάμπτω subjuntivo aoristo voz ativa 3 ^o pessoa singular	se dobre
ἐπουρανίων	Adjetivo normal ἐπουράνιος genitivo masculino plural	daqueles nos céus
καὶ	Conjunção coordenativa	e
ἐπιγείων	Adjetivo normal ἐπίγειος genitivo masculino plural	de sobre a terra
καὶ	Conjunção coordenativa	e
καταχθονίων	Adjetivo normal καταχθόνιος genitivo masculino plural	De debaixo da terra

v.11 καὶ πᾶσα γλῶσσα ἑξομολογήσεται ὅτι κύριος Ἰησοῦς Χριστὸς εἰς δόξαν θεοῦ πατρὸς.

Palavra	Forma, função sintática	tradução
καὶ	Conjunção coordenativa	e
πᾶσα	Adjetivo πᾶς indefinido nominativo feminino singular	toda
γλῶσσα	Substantivo feminino nominativo singular comum	língua
ἑξομολογήσεται	Verbo ἑξομολογέω subjuntivo aoristo voz média 3 ^o pessoa singular	confesse
ὅτι	Conjunção subordinativa	que
κύριος	Substantivo nominativo masculino singular comum	O Senhor
Ἰησοῦς	Nome próprio nominativo masculino singular	Jesus
Χριστὸς	Nome próprio nominativo masculino singular	Cristo
εἰς	Preposição acusativo	para
δόξαν	Substantivo δόξα acusativo feminino singular comum	a glória
θεοῦ	Substantivo genitivo masculino singular comum	de Deus
πατρὸς.	Substantivo genitivo masculino singular comum	Pai

3.6 VOCABULÁRIO E PALAVRAS CHAVES

A partir desta análise, são trabalhados os vocábulos mais recorrentes, ressaltando o caráter teológico que evocam temas importantes para teologia paulina. A perícopre apresenta vários termos que são bastante característicos do *corpus paulinum* como um todo; por isso, a necessidade de se fazer uma análise semântica dos principais vocábulos. Conforme segue abaixo:

- a) μορφή (forma): o termo possui vários sentidos no grego clássico e no grego helenístico, aparece na Septuaginta (LXX) com sentido de *aparência*, mas pouca vezes: Jó 4,16; Jz 8,18 e Is 44,13. Em o Novo Testamento duas vezes em Fl 2,6; 2,7 e uma vez em Mc 16,12 onde possui também esse sentido. Assim o termo aponta para atributos visíveis, aparentes que mostram (aparência externa) de um ser, ou de algo.
- b) ἀρπαγμὸν (algo ao qual aferrar-se): expressão de complicada semântica, no sentido ativo, significa “pegar para si” (daí “usurpação”); a idéia é a de como uma ave de rapina ou um animal agarra com unhas e dentes sua presa, agarrar com violência, aferrar-se em sentido passivo seria “algo a reter” (só se recebe e retém). No hino a idéia principal é a de alguém que “possui algo e não faz questão de utilizá-lo”, ou “não faz valer o que lhe pertence por direito ou natureza”. Ocorre uma vez na Bíblia;
- c) ἠγήσατο (considerou): raiz ἠγέομαι que aparece vinte e nove vezes no NT, porém nas cartas paulinas aparece sete vezes, de forma muito concentrada em Filipenses 2,3.6.25; 3,7 e 8 (duas vezes) e uma vez em 2 Cor 9,5. E a palavra ἐκένωσεν: Na Septuaginta aparece duas vezes (Jr 14,2 e 15,9). No Novo Testamento cinco vezes, todas nos escritos de Paulo: Rm 4,14; 1Cor 1,17; 9,15; 2Cor 9,3 e uma vez nessa perícopre; seu complemento é o pronome “a si mesmo”, o próprio Jesus.
- d) ἴσα (igual): aparece oito vezes no Novo Testamento, e uma vez nessa perícopre;
- e) ὁμοιώματι (semelhança): aparece seis vezes no Novo Testamento, sendo que cinco nos escritos paulinos; sendo cinco delas em Romanos.
- f) σχήματι (figura): reforça a aparência exterior, em esquema (“traços exteriores, figura”) humano. Assim no rebaixar-se ele já é percebido como

homem (pelos traços humanos), ocorre duas vezes no NT, todas nos escritos Paulinos;

- g) ἑταπείνωσεν (humilhou): é o grau máximo de humildade, ocorre quatorze vezes no NT, 4 nos escritos paulinos sendo duas na epístola ao Filipenses;
- h) ὑπήκοος (obediente): ocorre três vezes no NT, sendo que duas nos escritos paulinos;
- i) σταυροῦ (de cruz): Aparece vinte e sete vezes no NT; Fl 2,9, mais trinta e seis vezes no capítulo oito de Odes de Salomão e trinta e cinco vezes no capítulo três de Daniel, por ocasião da oração de exaltação, todos seres e natureza exaltam a Deus
- j) ὑπερύψωσεν (hyper-exaltou): Aparece uma vez no NT;
- k) ἔχαρίσατο (deu): ocorre seis vezes no NT, sendo que três nos escritos paulinos; mas a raiz da palavra aparece vinte e três vezes no NT e dez vezes nos escritos paulinos
- l) κάμψῃ (se dobre): ocorre quatro vezes no NT sendo que três vezes nos escritos paulinos;
- m) ἐπουρανίων (daqueles nos céus): aparece dezenove vezes no NT, sendo que cinco vezes aparece nos escritos paulinos;
- n) ἐπιγείων (de sobre a terra): ocorre sete vezes no NT, cinco nos escritos paulinos, sendo que duas vezes em Filipenses;
- o) ἑξομολογήσεται (confesse): aparece dez vezes no NT, sendo que três são nos escritos paulinos.

De acordo com Pereira (2012, p.34) essa perícope tem várias expressões que não se encontram em outros escritos paulinos e, algumas inclusive, em nenhuma outra passagem do Novo Testamento. Como por exemplo, “a forma de Deus”, “agarrar-se”, ou o que se pode traduzir por “não considerou como presa a agarrar”. Soares, 2009, p.32 também ressalta que a ênfase no nome de Jesus não é forma paulina de se expressar; conexão humilhação-glória; não é ressaltado o “para nós” paulino da morte de Jesus; há, ainda, um paralelismo dos membros típicos da poesia oriental.

O próprio início do hino, na forma que se encontra na Carta (iniciando com um pronome relativo, “o qual”) deixa entrever que havia, no mínimo, uma frase anterior

que continha o referente do pronome, frase essa que o apóstolo suprimiu. Daí considerarmos, em nossa abordagem, o v.5 como sendo necessário na análise linguística do hino, considerando-o como uma frase de ligação que serve para conectar o texto do próprio apóstolo com a primeira frase do hino propriamente dito.

Soares, 2009, p.34 ressalta que pode ser que tenha havido uma elaboração paulina sobre a forma original, por exemplo, em 8b o texto possui uma redundância: “até a morte e *morte de cruz*”. O tema da “morte de cruz é de fundamental importância na teologia paulina. Da mesma forma, a frase “de (seres) celestiais e de (seres) terrestres e de (seres) debaixo da terra” no v.10 seria um acréscimo, pois quebraria o paralelismo das frases. O mesmo ocorre em 11b: a frase “para a glória de Deus pai” quebra o ritmo do hino. Sabe-se também que, para Paulo, Cristo não é o fim último, mas entrega tudo ao Pai (1Co 15,24-28). A redundância e a quebra de ritmo apontariam para inserções paulinas, o que corrobora a hipótese de uma revisão por parte do apóstolo em um texto já existente. Por outro, somente o “em Cristo” (5b) é tipicamente paulino.

As evidências mostram que se trata de um hino que circulava antes da atuação missionária de Paulo, por isso concorda-se nessa dissertação que Paulo utilizou um hino já conhecido e que era usado na liturgia cristã primitiva.

Em Fil 2,6 encontramos o termo ἄρπαγμὸν que não aparece em nenhuma outra parte do Novo Testamento e muitíssimo raro nos textos sagrados; por isso, se torna difícil sua tradução. Pereira (2012, p.34) afirma que o termo ἄρπαγμὸν no sentido ativo significa “roubando”, enquanto no passivo “prêmio adquirido pelo roubo”. Também pode significar algo a ser considerado à força, usurpação; algo a que aferrar-se, mantido a todo custo, bem ou privilégio avidamente agarrado. Após a tradição interpretativa e a construção teológica parece difícil existir base para a tradução que indica Cristo arrebatado, ou apoderar-se da condição de Deus. Sendo assim, o fato de ele ser igual a Deus, não pode ser usurpação. Dessa maneira se chega à conclusão que a tradução “usurpou” não é a mais adequada. Para se ter uma melhor compreensão do texto deveria ser traduzido por “fazer valer o direito de”. Ou “usar seu direito” (Bíblia de Jerusalém), “considerar algo a que devia apegar-se” (Nova versão Internacional), ou como propomos: Jesus não considerou o ser igual a Deus como “algo ao qual aferrar-se”.

Esta frase deve ser entendida como uma expressão solene, pois trata de se

aproveitar-se, de tirar vantagem de algo. O termo “ser igual a Deus” significa que Jesus Cristo não usou sua igualdade a Deus para benefício próprio. Cristo não se aproveitou de sua posição divina, como algo que se deveria aproveitar-se, como algo que se deveria reter para si mesmo como presa, não agarrando-se ao ser igual a Deus (SOARES, 2009).

ἐκένωσεί, termo encontrado no versículo 7, é um dos mais importantes da perícopre. Tanto que os estudos desta perícopre sempre referem-se à *kenosis*. A Raiz desta palavra vem do verbo κενόω que no Novo Testamento é encontrado somente nos escritos paulinos; significa esvaziar-se. Este é um conceito teológico usado com referência à dupla natureza de Jesus como plenamente humano e plenamente divino. Alguns léxicos traduzem por despojo, humilhação (MCKIBBEN, 1978), enquanto outros vertem com “anular ou fazer vão” (TAYLOR, 1991). Aqui, aceita-se que a palavra não significa que Ele esvaziou-se de Sua divindade, mas sim que Ele esvaziou-se da manifestação de Sua divindade para ganho pessoal. A palavra é uma expressão vívida da inteireza de Sua auto-renúncia e Sua recusa de usar o que Ele tinha para Seu próprio benefício. Como este verbo refere-se a um aspecto central do hino, e no Novo Testamento é usado somente por Paulo, pode-se ver que este hino, anterior a Paulo, provavelmente foi importante na formação de seu discurso missionário.

Para Pereira (2012, p. 36) a expressão μορφὴν δούλου λαβών contrasta com a forma anterior de Jesus Cristo. Se antes ele possuía a “forma de Deus”, uma vez tendo se esvaziado, e agora “tomando” (λαβών) para si a forma “de escravo” (δούλου) ele passa de extremo a outro: da divindade, para a mais baixa humanidade, para condição de escravo. O termo empregado aqui para escravo (δοῦλος) refere-se a mais baixa servidão que foi atribuído a Jesus. É importante observar que Ele não trocou a condição divina pela condição de um escravo, mas para seus seguidores demonstrou a condição de Deus na condição de um escravo.

No verso 8 ἐταπείνωσεν aparece 14 vezes no Novo Testamento. O vocábulo tem na maioria das vezes sentido figurado, sobretudo quando acompanhado do pronome reflexivo ou na voz média; descreve a reta atitude de homem ante Deus. O verbo com pronome reflexivo designa a livre decisão de Jesus de tornar-se um ser humano, o qual inclui o caminho para a morte. A morte na cruz demonstra que a auto-humilhação de Jesus é eficaz para salvação. Isso serve de exemplo para os

cristãos que devem sempre levar em consideração que este é o fundamento para humildade cristã.

A expressão *γεινόμενος*. Refere-se aqui a uma obediência incondicional “obediência até a morte, e morte de cruz”. Nesse caso o verbo está no particípio que reforça a ideia de que Cristo esvaziou a si mesmo, rebaixou-se, humilhou-se e foi obediente até a morte.

O verso 10 *ἵνα ἐν τῷ ὀνόματι Ἰησοῦ πάν γόνυ κάμψη ἐπουρανίων καὶ ἐπιγείων καὶ καταχθονίων* apresenta o motivo que significa dizer: depois de tudo o que Jesus fez, agora o Pai pode exaltá-lo a fim de que todo joelho dos que estão no céu, na terra e debaixo se dobrem diante do Cristo. O texto evidencia que o objetivo não é somente de mostrar quais seres ou em quais dimensões Jesus exerce seu senhorio. O foco é mais uma forma de ressaltar que Cristo é conhecido como Senhor de todas as forças do céu, da terra e dos subterrâneos, todos são obrigados a reconhecer que Jesus é o Senhor, e eles deverão mostrar sua submissão ao prostrar-se diante Dele (PEREIRA 2012, p.38).

O vocábulo *κάμψη* significa o ato de “dobrar (os joelhos)”. Palavra encontrada quatro vezes no Novo Testamento, sendo três nos escritos paulinos.

No versículo 11 é importante destacar a expressão *ἐξομολογήσεται*, que pode ser entendida como admitir abertamente, reconhecer, aclamar, homologar ou confessar, sentido adotado pela maioria das traduções. O subjuntivo utilizado para expressar o propósito de que todos os joelhos se dobrem “*εἰς δόξαν θεοῦ πατρὸς*” para a glória de Deus Pai. É por isso que não se vê em Jesus atitude vaidosa de exaltação, pois ele transfere toda a glória para o Pai.

O termo *κύριος* é o mais importante título aqui atribuído a Jesus. O uso dessa palavra indica o sentido de propriedade. Depois da exaltação Ele passa a exercer, literalmente, o domínio sobre todos. Cristo é proprietário e Senhor para glória do Deus Pai. Esse termo é usado na Septuaginta para o próprio Deus. Nessa perícope, no início, antes do esvaziamento, Jesus existia em forma de Deus, isto é, idêntico a Deus. Depois de sua exaltação, ele é chamado de *Kyrios*, a mesma palavra utilizada para Deus (PEREIRA 2012, p.40). E também para o imperador que segundo Crossan; Reed,(2007) enfatizam que no tempo de Paulo os imperadores romanos eram considerados divinos. Entre todos e acima deles, Augusto era chamado Filho de Deus, Deus e Deus de Deus, era Senhor, Redentor e Salvador do

mundo.

No final da perícopie tem uma confissão importantíssima sobre a salvação. Cristo recebe o novo nome, que é o próprio nome de Deus e o direito de exercer seu senhorio levar tudo e todos a darem glória ao Deus Pai.

2.7 ANÁLISE REDACIONAL E LITERÁRIA

Kümmel (1982, p. 437), menciona que a autenticidade paulina não é questionada pela suposição, amplamente difundida, de que em Fl 2,6-11 foi incorporado à epístola um hino pré-paulino; os numerosos arranjos de estrofes e de versículos do texto, procedem quase sem exceção, de uma dupla suposição:

a) de que se pode perceber a estrutura mais ou menos simétrica de um hino, com ou sem acréscimos paulinos, e b) de que tais acréscimos, bem como a forma lingüística e o conteúdo conceptual do hino, mostram que Paulo se serviu de um texto pré-paulino e que, dentro de limites discretos, procurou ampliá-lo.

A composição paulina parece improvável, mas emprega pormenores de formulação tradicional ou até um texto hínico tradicional, nada existindo que induza à conclusão de que o próprio Paulo pudesse ter formulado este hino, utilizando como apoio a referida tradição. Mesmo que no caso de Paulo ter querido inserir um hino mais antigo no trecho de Fl 2,6-11, estaria ele expandindo sua própria proclamação do Cristo. E, simplesmente por este motivo, desmoronariam todas as razões, alegadas ou supostas, para se questionar a origem paulina do texto tradicional (KÜMMEL 1982, p. 437).

Na declaração de Cerfaux (2003, p. 293) o vocabulário é menos estranho a Paulo do que parece à primeira vista e é suficientemente conhecida toda a riqueza de Paulo nesta matéria e sua extrema agilidade. Pode-se admitir, aliás, que compôs este hino no estilo próprio deste gênero literário, e mesmo que foi inspirado por determinado hino.

De acordo com Koester (2005, p.158), geralmente se aceita que Paulo empregou um hino existente e, embora alguns estudiosos sustentem que Paulo o escreveu, a opinião mais comum é que Paulo fez uso da composição já conhecida nas comunidades e a adaptou para seus propósitos. Nesse sentido. Koester sustenta que o contexto da cristologia do hino “foi fornecido por uma versão do tema

do Servo Sofredor que se desenvolveu na sabedoria especulativa do judaísmo”. Paulo retomou o que originariamente foi escrito sobre a sabedoria e aplicou-o a Cristo. Foi necessária alguma reformulação do hino com a inserção de várias frases em prosa, o que significa que “já não é possível reconstruir a forma poética original”.

2.8 ANÁLISE DAS FORMAS

Wegner (1998, p.165), afirma que: “Quando nos comunicamos através da linguagem falada ou escrita, sempre utilizamos determinadas formas, mais ou menos fixas”. A linguagem neotestamentária se serve de variadas formas de expressão para comunicar sua mensagem.

No que diz respeito ao gênero, o texto em estudo encontra-se dentro do gênero das cartas (gênero maior), dentro do gênero dos hinos (gênero menor). Embora nas cartas nunca se caracterizem certos textos expressamente como sendo hinos, segundo Wegner (1998, p.214), a pesquisa supõe que muitas passagens possam remontar a hinos ou fragmentos de hinos conhecidos e empregados pelas comunidades. O hino de Fl 2,6-11 pode ter consistido originalmente de duas estrofes, acrescidas no v. 8 com palavras do próprio Paulo:

Obs: Esta tabela segue a tradução apresentada por Wegner.

1ª. estrofe	2ª. estrofe
6. Este, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus.	9. Por isso Deus também o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome,
7. Antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e reconhecido em figura humana,	10. para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho nos céus, na terra e debaixo da terra,
8. <i>a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz.]</i>	11. e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para a glória de Deus, Pai

Fonte: WEGNER, U. **Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia**. São Paulo: Paulus, 1998. Página 215.

Aqui segue o exemplo de divisão de Cerfaux (2003, p. 297-298) que propõe a divisão em três estrofes, como segue:

- (I) 6. o qual em forma de Deus
existindo, não algo ao qual aferrar-se
considerou o ser igual a Deus;
7. mas a si mesmo se esvaziou
a forma de escravo tornando
- (II) em semelhança de
seres humanos fazendo-se;
em figura sendo encontrado
como ser humano,
8. humilhou a si mesmo fazendo-se
obediente à morte, e à morte de cruz.
- (III) 9. Por isso também Deus
o hiper- exaltou e deu
a ele o nome, que supera todo nome
10. para que em o nome de Jesus
todo joelho se dobre, daqueles nos céus,
e sobre a terra e debaixo da terra
11. e toda língua confesse que o Senhor
(é) Jesus Cristo para glória de Deus Pai.

O ponto importante da divisão estrófica, encontra-se na interseção das duas primeiras estrofes. Uma “sentença comum” faz começar o segundo grande período com καὶ σχήματι (por todo o seu exterior). Com menos frequência, costuma-se unir à primeira estrofe os três incisivos participais “tomando... tornando-se... considerado como”, prefere-se unir estreitamente os dois incisivos participais semelhantes, unidos por καὶ e, para guardar o paralelismo entre a primeira e a segunda estrofe, começá-las por uma fórmula parecida ἐμορφῆν, ἐν ὁμοιώματι. O sentido também recomenda esta divisão: a primeira estrofe termina com a idéia que Cristo tomou uma natureza humana; a segunda insiste neste estado que se torna ocasião de ulterior humilhação (CERFAUX 2003, p.298).

Ehrman (2014, p.207) faz uma discussão a respeito do que ele chama de

“poema sobre Cristo”, citando-o na íntegra em linhas de poesia. Paulo apresenta o poema dizendo aos filipenses que “tenham a mesma mentalidade” que havia em “Cristo Jesus” (2:5). E a seguir vem o poema:

a)

Que, embora fosse na forma de Deus,

Não considerou ser igual a Deus

Algo a que buscar apegar-se

Mas esvaziou a si mesmo,

Assumindo a forma de um servo

E vindo semelhante aos humanos.

E, sendo encontrado em aparência como um humano,

Ele humilhou a si mesmo,

Tornando-se obediente até a morte — mesmo a morte em uma cruz.

b)

Por isso Deus o exaltou grandemente

E lhe deu o nome

Que está acima de todo nome,

Para que ao nome de Jesus

Se dobre todo joelho

Daqueles no céu, na terra e debaixo da terra.

E toda língua confesse

Que Jesus Cristo é o Senhor

Para a glória de Deus-Pai.

A estrutura que Ehrman (2014, p.208) adota é comum entre análises acadêmicas da passagem: o poema tem duas metades, cada metade tem três estrofes, e cada estrofe tem três linhas. A primeira metade abre identificando o tema do poema, “Que”, e a segunda metade abre com a expressão “por isso”. Em termos

de significado geral, a primeira metade fala sobre a “condescendência” de Cristo, ou seja, como ele desceu do reino celestial para se tornar humano a fim de morrer em obediência a Deus, e a segunda metade fala sobre sua “exaltação”, ou seja, como Deus então o alçou a um nível e status ainda mais alto que antes, como recompensa por sua humilde obediência.

Ehrman (2014, p.207) considera a passagem uma tradição pré-paulina que Paulo inclui na carta para os filipenses, pelos seguintes motivos: primeiro, a passagem parece uma unidade independente, de composição poética em vez de proseada. Além disso, uma série de palavras, inclusive algumas palavras essenciais ocorrem nessa passagem, mas em nenhuma outra parte das cartas de Paulo. Inclui-se aqui a palavra “forma” (usada duas vezes: forma de Deus e forma de um servo) e a expressão apegar-se. A ausência dessas palavras importantes nos textos de Paulo sugere que ele esteja citando uma passagem que outra pessoa escreveu anteriormente.

Para Ehrman (2014, p.208) a confirmação dessa ideia provém do fato relacionado de que vários conceitos essenciais da passagem não podem ser encontrados em outra parte dos textos de Paulo. Isso inclui de novo alguns conceitos centrais da passagem: Jesus tinha a forma de Deus antes de se tornar humano, ele tinha em aberto a possibilidade de apegar-se à igualdade divina antes de vir a ser humano, e tornou-se humano “esvaziando a si mesmo”. Essa última ideia costuma ser interpretada como se Cristo abrisse mão das prerrogativas exaltadas que lhe cabiam como ser divino a fim de se tornar humano.

Segundo Ehrman (2014, p.208) existe também outro argumento que apoia a ideia de que Paulo está citando uma tradição preexistente e em circulação há algum tempo: é o fato de que parte do poema não parece encaixar-se muito bem no contexto da Carta aos filipenses. Nesse trecho da Carta, Paulo está dizendo aos convertidos cristãos filipenses que devem agir de forma desinteressada, tratando as outras pessoas melhor do que tratam a si mesmos. No verso anterior, ele havia dito que não deveriam cuidar apenas dos próprios interesses, mas ainda mais dos interesses dos outros. Então, ele cita essa passagem a fim de mostrar que foi isso que Cristo de fato fez, abrindo mão do que lhe era de direito (a “forma de Deus”) a fim de servir aos outros (assumindo a “forma de um servo”) e sendo obediente a Deus a ponto de morrer pelos outros.

O problema é que a segunda metade do poema sobre Cristo (Fl 2,9–11) não

transmite em absoluto essa lição e, se tomada a sério, pode parecer ir de encontro a ela. Conforme as três estrofes, Deus recompensou Jesus profusamente pela condescendência temporária em se tornar humano e morrer. Deus exaltou-o ainda mais alto que antes (é o que parece sugerir o verbo grego “exaltou grandemente”, bem como os versos seguintes), fazendo-o Senhor de tudo, a quem todos os seres vivos ofereceriam confissão e adoração (EHRMAN 2014, p.207).

Fica evidente na Carta que a ideia da eventual exaltação de Cristo não combina com o propósito por trás da citação do poema por Paulo, pois, se alguém é humilde e obediente devido ao que vai acabar obtendo com isso, trata-se simplesmente de outra maneira de fazer as coisas por interesse próprio. E o ponto geral dessa passagem é que as pessoas não devem agir por interesse pessoal, mas de forma desinteressada, pelo bem dos outros.

Uma vez que a segunda metade do poema não “funciona” muito bem no contexto, é quase certo que se trata mesmo de um poema preexistente que era familiar a Paulo e, provavelmente, também aos filipenses. Paulo cita o poema inteiro porque é familiar aos leitores e transmite o tema que ele quer transmitir, que as pessoas devem imitar o exemplo de Cristo em abrir mão de si mesmas pelos outros, muito embora a segunda metade possa ser interpretada como contrária ao argumento (EHRMAN 2014, p.207), no sentido de que possa ser visto como um estímulo para que alguém busque ser humilde com o objetivo final de ser exaltado, o que seria uma falsa humildade.

2.9 ANÁLISE TEOLÓGICA

Wegner ressalta que esse procedimento visa evitar que a exegese incorra na tendência de dissociar-se de outras disciplinas teológicas, como a teologia bíblica e a teologia sistemática. Dentro do escopo da exegese, a análise teológica trata de correlacionar textos em que opções ou posturas idênticas tenham sido tomadas pelo próprio Jesus ou então encontrem testemunhadas em outras partes da Bíblia, quer seja do NT quer seja do AT.

Partindo dessa necessidade, este trabalho passa a analisar os temas e doutrinas teológicas fundamentais, presentes na perícopes de Fl 2,5-11 à luz da teologia e do testemunho mais amplo da Escritura sobre o Evangelho de Deus (WEGNER 1998, p.297- 298).

2.9.1 *Kenosis*

É importante ressaltar que a perda da posição do Jesus Divino não vem sobre ele como uma sina, ele não é rebaixado, mas ele rebaixou a si mesmo por solidariedade para com todos. Sendo seu caminho para as profundezas um caminho voluntário, ele pode ser caracterizado como obediência. (BARTH 1979, p.46)

Em lugar de aferrar-se à sua igualdade com Deus, Cristo despojou a si mesmo. Cristo renunciou a todas as suas gloriosas prerrogativas e se fez escravo. A ideia central da palavra despojou, é de tornar algo vazio, ou nulo.

De acordo com Soares (2009, p. 39), o “esvaziou-se” de Jesus, tendo como sujeito ele mesmo, revela que ninguém o obrigou a esta ação: trata-se de uma expressão de liberdade, sendo a única motivação o querer dele mesmo, motivado pelo amor, além de não ser uma atitude imposta, não foi interesseira (não esperava “benefícios” em troca). Essa é a atitude tipicamente cristã, não se pode “comercializar” com o Pai (dar para receber, em troca, o dobro). A postura de Cristo revela a atitude correta do indivíduo com consequências para toda a comunidade: se o indivíduo se exalta, prejudica e destrói a comunidade (como o termo em si mesmo indica, só ocorre se houver “comunhão”); mas, se ele se rebaixa, fortalece a comunidade, pois com esse proceder ele ajuda o outro.

Essa é uma das grandes doutrinas da cristologia. Em sua humanidade o Verbo renunciou a muitos de seus atributos divinos essenciais, como onipotência, onisciência, onipresença. O que fica evidente é que Jesus estava de alguma forma limitado quanto ao exercício dos poderes da divindade, mas não quanto à sua qualidade de divino.

De acordo com Haught (1998), os seguidores de Cristo vêem a manifestação da humildade de Deus, de maneira especial, no Crucificado. Se não fosse este evento, dificilmente teria entrada, em nossa consciência, a convicção de uma *kenosis*. É na morte de Jesus que a fé distingue o total derramamento do seu eu no mundo. A reflexão teológica, partindo desta fé, está cada vez mais aprendendo o auto esvaziamento divino como característica eterna de Deus.

Esta humildade de Deus é o fundamento até mesmo da criação do universo. No vir a ser do cosmo, Deus se envolveu com essa criação frágil e finita. O fato de Deus deixar que o mundo exista é tornado possível pela retração da onipotência divina. Deus encolheu seu poder humildemente, abandonando qualquer impulso de

manipular eventos. Deu sequência descendo até o povo de Israel e teve seu ponto mais alto entregando seu Filho único para a morte de cruz. O apóstolo João escreve: “E o verbo se fez carne e habitou no meio de nós” (Jo 1,15). (HAUGHT,1998).

De acordo com Severa (1999, p. 238), após o seu esvaziamento que culminou com sua morte, e morte de cruz, Cristo passou para o estado de exaltação. Voltou a receber aquela glória que ele tinha antes da encarnação. Nesse estado, Cristo assentou-se à destra de Deus, na glória que tinha antes da encarnação, e passou a exercer os atributos divinos plenamente.

De acordo com Crossan; Reed (2007) o Império Romano baseava-se no princípio comum de paz por meio da vitória ou, mais plenamente, na fé expressa da sequência de piedade, guerra, vitória e paz. Os cristãos devem ter entendido, pois, que proclamar Jesus como Filho de Deus significava negar deliberadamente a César seu mais alto título e que anunciar Jesus como Senhor era traição calculada. Jesus como *kyrios* afirmava que o reino de Deus já estava presente e em ação no mundo. Assim como Jesus, Paulo também contradizia a propaganda dos imperadores romanos, associando a paz com a justiça ou, mais claramente, na fé expressa na sequência de aliança, não-violência, justiça e paz.

3 A QUESTÃO DA AUTORIDADE

Como último passo dessa exegese, procurar-se á uma atualização da mensagem do texto para dentro da situação do intérprete. Essa atualização visa construir uma ponte entre o significado do texto no passado e sua relevância para os dias atuais. Essa atualização trabalha com o pressuposto de que a Palavra de Deus, a despeito de ser sempre situacional e contextual, tem uma mensagem perene e válida para além da situação concreta em que foi formulada, pelo simples fato de que a verdadeira identidade da pessoa humana frente a Deus, aos seus semelhantes e ao mundo criado permanece igual hoje àquela que foi no passado e também àquela que será no futuro (WEGNER 1998, p.310).

Nesses versos, aprende-se logo de início que a humildade é um sentimento inato em Jesus, que deve também existir espontaneamente no coração do verdadeiro cristão. Paulo, ao dizer: “Tende em vós o que também houve em Jesus Cristo”, sem dúvida refere-se à humildade de Jesus, mas se levar em conta a discussão nos versículos 1-4 do capítulo 2 de Filipenses, reforça a argumentação apresentada naqueles versículos que Paulo introduz este hino, e lá ele está falando de ninguém buscar ser superior aos outros, fazer as coisas pensando nos outros, para o bem dos outros, a verdadeira vida em comunidade é na solidariedade e na fraternidade. A “*kenosis*” deve ser entendida não somente como humilhação, mas como o exemplo mais profundo de extrema solidariedade de Deus com os humanos, a solidariedade total, até a morte e morte de cruz. A solidariedade que leva o Jesus Deus a morrer na cruz por pelos seres humanos, no lugar deles ou por eles. Ver a “*kenosis*” como o exemplo máximo da solidariedade, (Ex 3,7...), muito mais que humildade.

Jesus como escravo realizou os eternos propósitos de Deus com relação à infeliz humanidade pecadora. Obediência é, nesse texto, quase que um sinônimo de humildade. O espírito soberbo poderá julgar-se auto-suficiente e desprezar a direção de Deus. Quando o cristão prescinde da direção dos céus e pensa em fazer a sua própria vontade, vem o fracasso.

De acordo com Herring (1958) a morte mais cruel era a morte de cruz. Jesus, o Senhor, ser suspenso no madeiro maldito, (Dt 21,22-23; Gl 3,13) suportando tremendas dores físicas, e indizível abatimento moral, é um quadro que ninguém pode contemplar sem apavorar-se. A cruz de Cristo era ainda mais terrível

que qualquer outra cruz, ela suportará nela o pecado do mundo. É preciso que o cristão esteja pronto a obedecer humildemente aos planos de Deus para sua vida, *kenosis* em Fl 2 não fala somente na relação da pessoa com Deus, mas essencialmente das relações entre as pessoas, entre os membros da comunidade, enfatiza a solidariedade radical que deve haver entre os membros da comunidade, Jesus deu o exemplo, tende em vós o que também houve em Jesus Cristo, é um imperativo da parte do apóstolo.

Na exaltação, observa-se a outra face da vida de Jesus, a recompensa pela sua humildade. A verdadeira exaltação é a que vem de Deus, como prêmio da humildade. Jesus é o Senhor, o Alfa e o Ômega do Apocalipse. Nele a história da humanidade começa e termina. Todos os joelhos se dobrarão ante a sua face e toda língua confessará que ele é o Senhor para glória de Deus, Pai. Milhões de cristãos de todos os lugares o adoram hoje e confessam o seu nome. É preciso, porém, ter cuidado para não ficar só na relação pessoal com Deus. Essa é uma das desgraças das comunidades religiosas, pensa-se que é possível amar a Deus sem de fato amar, ser solidário com as demais pessoas, especialmente os mais pobres e injustiçados de dentro ou fora de nossas comunidades (PEREIRA, 2012).

Dobrar o joelho é um sinal somente de submissão. Nos céus, na terra e debaixo da terra todos reconhecem o seu nome. Nos céus e em parte da terra os joelhos se dobram como sinal de gratidão, amor e submissão voluntária ao Senhor Jesus. Muitos que habitam a terra apenas o temem, é uma submissão involuntária. É a reverência que prestarão naquele dia. Significa para o cristão viver sob o senhorio do *kyrios* Jesus exercendo autoridade como tal; é principalmente seguindo seu exemplo de amor, fé, humildade, compaixão, solidariedade e serviços entre as pessoas na comunidade e fora dela também.

3.1 AUTORIDADE: DEFINIÇÕES E ATITUDES

O que é autoridade secular? Segundo o dicionário Aurélio autoridade é "direito ou poder de fazer-se obedecer, dar ordens, tomar decisões, agir, etc." (FERREIRA, 2010, p.81)

Concordando com Ferreira, (2010) autoridade significa, entre outras coisas, o direito ou o poder que alguém recebeu para tomar decisões e agir em nome deles, fazendo-se obedecer pelos subordinados em prol de uma finalidade comum. O

substantivo autoridade em português vem do latim *auctoritate*, que deriva de *auctor*, promotor, patrocinador, ou seja, aquele que promove a cooperação, submissão do grupo em prol de um objetivo maior. Para Bezerra (2012, p.12) a palavra autoridade, que se traduz “*exousia*” vem da palavra latina “*auctoritas*” que quer dizer aquele que aumenta, que faz avançar, progredir. Todos esses termos que são habitualmente associados à família do verbo “*augere*” (fazer crescer, aumentar, acrescentar) traçam, pois, os contornos da autoridade compreendida com a “capacidade de fazer crescer” ou “de ser o autor do crescimento de alguém”. Logo, autoridade é uma pessoa de poder por outrem para liderar, dar ordens, tomar decisões e agir dentro dos limites e dos propósitos estabelecidos.

De acordo com Hawthorne; Martin (2008), autoridade civil é o controle centralizado na sociedade ao qual os grupos que possuem poder social concedem o poder de formular e impor as regras formais básicas da sociedade. O ensinamento Paulino a respeito da autoridade civil não é direto nem abrangente, mas surge na correção de equívocos quanto à liberdade do evangelho. Ele sofreu perseguição das autoridades civis, mas, segundo Atos dos Apóstolos, também apelou a elas em busca de proteção

Autoridade é tudo que faz com que as pessoas obedeçam, seja na escola, universidade, na sua residência, por fim onde estiver uma relação humana. Assim, uma pessoa na função de professor, adquire o poder de determinar as ações do aluno, que legitimam esse poder, pois é passado de geração a geração, ou adquirem rapidamente na própria escola, a imagem do professor como uma figura que tem o direito de exercer a autoridade. As regras adotadas pelo docente advinda da autoridade que é adquirida devem ser aceitas pelo discente e não imposta, estando vinculadas ao papel do líder que as expõem com o direito de ser dialogada com os participantes do processo para sim, ser aceita. (MORAIS, 2001, p. 03).

De acordo com Norberto Bobbio, filósofo e historiador (1909-2004), a segunda e mais comum definição de autoridade que considera que nem todo o poder estabilizado é autoridade, mas somente aquele em que a disposição de obedecer de forma incondicional se baseia na crença da legitimidade do poder. Ou seja, o poder da autoridade é considerado legítimo por parte dos indivíduos ou grupos que participam da mesma relação de poder. Nesta concepção a autoridade tem o direito de mandar e os subordinados o dever de cumprir com as diretrizes proferidas pela autoridade. Portanto, na autoridade a aceitação do poder como legítimo é que

produz a atitude mais ou menos estável no tempo para a obediência incondicional às diretrizes que provêm de uma determinada fonte. Obediência torna-se durável, mas, não permanente, pois de tempos em tempos a legitimidade do poder desta autoridade sofre necessidade de ser reafirmada. (BOBBIO, 1998).

A exacerbação da autoridade cria autoritários. A pessoa que manda, deve construir sua autoridade durante o tempo que está à frente de um grupo ou exercendo um cargo que lhe permite ter pessoas subordinadas, para que possa servir de referência para os outros, pelo seu modo de ser e agir. E isto só será possível, se tiver por base a confiança e a credibilidade mútua. O abuso de autoridade acontece quando alguém, com poder de mando, fizer uso de critérios particulares para fazer valer a sua vontade, e não pela aceitação pactual. O autoritarismo, prática do autoritarista, surge quando o caos, a desorganização se instala, pois, apenas em um ambiente de desorientação de um grupo de indivíduos é propício ao surgimento de tal personalidade. Diante de uma autoridade fraca, inepta, ou mesmo pela ausência de autoridade, se inicia o caos, a desorientação, que não encontrando líderes natos e legítimos, permitirá instalação do autoritarismo. (GOMES, 2010).

Segundo Bobbio (1998, p. 89-93) o poder da autoridade pode apresentar-se nas seguintes formas: forma coercitiva, onde a autoridade estabelece suas diretrizes baseadas na aplicação de sanções físicas; forma remunerativa, onde a autoridade é baseada no controle de recursos e das redistribuições materiais; e a forma normativa, baseada na alocação dos prêmios e privações simbólicas.

Uma autoridade abusa de seu poder quando usa critérios particulares para fazer valer a sua vontade, muitas vezes pessoal e não baseada em critérios justos. Alguns exemplos podem ser o funcionário público que acha que é dono do espaço público só porque tem autoridade para cuidar do local e é protegido pela lei. Ou quando uma pessoa detentora de autoridade usa critérios baseados em abuso de autoridade e preconceitos. Ou o político que acha que pode tomar decisões de autoridade sem consultar democraticamente o povo que elegeu, não percebendo que só tem essa autoridade porque foi o povo quem o colocou lá, e, por conseguinte, deve explicações a ele. Tipicamente o abuso de poder é uma forma (seja ela majoritária ou minoritária) de ditadura.

Ao longo do tempo a palavra autoridade passou a ter novas interpretações e, empregada de diversas maneiras, bem como outras vezes já houve problemas em identificar o que seja autoridade e a relação de autoridade e poder principalmente

daqueles que usaram autoridade e poder como sinônimos. Por isso, "um primeiro modo de entender autoridade como uma espécie de poder seria o de defini-lo como uma relação de poder estabilizado e institucionalizado em que os súditos prestam obediência institucional." (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p.88)

Segundo Bobbio (1998, p. 91), a segunda definição de autoridade é que nem todo poder estabilizado é autoridade, mas somente aquele em que a disposição de obedecer de forma incondicionada se baseia na crença da legitimidade do poder. Autoridade é aceitação do poder como legítimo que produz a atitude mais ou menos estável no tempo para a obediência incondicional às ordens ou diretrizes que provem de uma determinada fonte.

3.2 AUTORIDADE A PARTIR DA PRÁTICA DE PAULO

Paulo era um sujeito que tinha autoridade devido a autenticidade do seu Evangelho e seu testemunho de Cristo (HAWTHORNE; MARTIN, 2008). Isto pode ser depreendido do valor conferido a suas Cartas e às Cartas que lhe são atribuídas no cânon. Paulo diz que recebeu a autoridade do Senhor (2 Co 10,8), que começou por causa dele ser apóstolo de Cristo, que lhe dá o direito de exercer sua influência pessoal quando precisa; essa autoridade é observada na parte inicial de suas cartas, onde ele costuma se identificar como "Paulo, apóstolo de Cristo" (Rm, 1-2 Co, Gl, Ef, Cl, 1-2 Tm, Tt). Paulo demonstrava autoridade quando exortava, ensinava e instruía, fazia tudo em nome do Senhor Jesus Cristo.

Para saber se um missionário tem realmente autoridade de apóstolo, segundo Comblin (1985), basta aplicar os quatro critérios do evangelho da cruz. O que faz a autenticidade da missão de Paulo é o seguinte.

1°) Paulo afirma com toda a radicalidade que há somente um meio de libertação que é a cruz de Cristo. Luta contra todos que buscam apoio nas suas tradições religiosas, em ritos, sacrifícios, obras, manifestações visíveis de poder. A luta contra os missionários judeus-cristãos é justamente a autenticidade da missão.

2°) Paulo segue Jesus no seu aniquilamento. Renunciou tudo o que ele era. Não confia em si próprio em nada de si mesmo. Renunciou a qualquer forma de poder. Tudo espera de Cristo, nada dos objetos que estão ao redor dele (1,2,0.21.23; 3,4-8.9-10.20-21).

3°) Paulo segue a Jesus no seu esvaziamento até na perseguição na prisão e na disponibilidade para aceitar a morte. A sua vida é um combate com todas as forças do mundo. Não está disposto a deixar o combate e sim a sacrificar a vida (1,7.12-24;2,15-17; 3,10; 4,3).

4°) Paulo fez-se escravo das comunidades. Procura servir e não ser servido. Prefere nada receber deles para tudo lhes dar. Ele não se defende contra os falsos apóstolos para defender um privilégio, uma posição pessoal, mas para salvar o verdadeiro evangelho das ameaças de corrupção. Ele não faz questão de seu prestígio pessoal numa comunidade como Éfeso. Aceita que os outros tomem seu lugar, aproveitem a oportunidade da sua ausência para desacreditá-lo. Aceita tudo o que é vexame pessoal, mas não aceita a deformação do evangelho da cruz. Por isso mesmo não intervém nas brigas pessoais da comunidade e busca apenas a reconciliação de todos os irmãos (1,1.3-8; 2,1-3; 1,12-18; 4,2-3,10-20) (COMBLIN, 1985 p. 18-19).

Deve-se observar aqui que esta citação é retirada do comentário de Comblin à Carta aos Filipenses (1985). Para este importante biblista a autoridade de Paulo vem de sua profunda identificação com Jesus. Pode-se dizer a partir daqui que Paulo seguiu de forma radical e consciente o caminho do discipulado de Jesus. E também fica evidente que Paulo entendia Jesus a partir do hino da kenosis. A espiritualidade expressa no hino da kenosis parece ter moldado todo o ser e o viver de Paulo após a sua conversão ao seguimento de Jesus. Na verdade, em FI 2,5 Paulo está apresentando aos filipenses o modelo no qual ele moldou e inspirou toda a sua vida de discípulo de Jesus.

No aspecto da “*Kenosis*” como solidariedade, “o maior é o que serve”; o exemplo vem de Jo 13: Jesus sabia que recebera do Pai todas as coisas, que tinha vindo de Deus e voltaria para Deus. E como Ele amava aos seus discípulos! Assim foi que Ele se levantou da mesa da ceia, tirou o manto, enrolou uma toalha na cintura, derramou água numa bacia, e começou a lavar os pés dos discípulos, enxugando com a toalha que tinha à sua volta.

Várias pessoas que estiveram e aprenderam com Paulo seguiram seu exemplo tendo também atitudes solidárias, entre elas podemos destacar: Timóteo, o discípulo fiel de Paulo, responde ao mesmo critério. Ele também procura unicamente a Cristo e se tornou um escravo de evangelho (FI 2,21-22). Epafrodito, o enviado dos filipenses, participa do mesmo espírito. Veio ajudar Paulo na prisão (FI 2,25). Arriscou a vida, já que no seu serviço ficou doente e quase morreu (FI 2,30). Os

filipenses estão também ao lado da cruz de Cristo. Solidarizaram-se com Paulo na sua prisão, ajudam-no materialmente enviando Epafrodito para atender as necessidades dele. Ajudam Paulo na pregação do verdadeiro evangelho. São fiéis e não se deixam seduzir pelos falsos apóstolos (Fl 1,7, 29; Fl 4,10-20).

3.3 O PRINCÍPIO DA AUTORIDADE A PARTIR DE JESUS

No Novo Testamento encontramos uma série de afirmações sobre a autoridade de Jesus, em vários níveis, como profeta (Lc 7,16), Messias (Mc 8,29), Filho de Deus (Mt 16,16), e até como o próprio Deus (ápice da cristologia, que nos é testemunhado pela comunidade joanina, no Evangelho de João (BROWN, 2006): "No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus. Ele estava com Deus no princípio. Todas as coisas foram feitas por intermédios dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito". (JO 1,1-3). De acordo com este texto e segundo PAGLIARIM (2005, p.7) Jesus tem toda autoridade por que é Deus, que no princípio era o Verbo, e que antes da fundação do mundo, já existia (Pv 8,26-30). Foi a cristologia joanina que se impôs na história da cristandade, e assim ela chegou até nós. E é a partir dela que lemos não só os outros Evangelhos, mas também toda a Bíblia. De certo modo projetamos nos outros Evangelhos e no Antigo Testamento, a cristologia a qual a comunidade do quarto Evangelho chegou somente por volta do ano 100 d.C. (BROWN, 2006).

Desde a sua inicial revelação à humanidade, Deus se apresentou como Verbo. Quando Moisés perguntou o seu nome, o Senhor Ihes respondeu: Eu Sou o que Sou (Ex 3,14). É interessante também notar o poder de Deus como exercício do amor, do dom, o Senhor criou tudo para a humanidade, para compartilhar do dom da vida, para compartilhar de si mesmo com as pessoas, Jesus também fez tudo pela humanidade, por todos, é um poder que nasce da solidariedade, é somente o Deus amor e do amor que merece ser cultuado, esse nos humaniza e ao nos humanizar nos diviniza.

A releitura cristã do Antigo Testamento, se expressa em várias passagens, e ela nos ensina que o Verbo fez tudo existir. Em Colossenses se lê "Nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e invisíveis sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para

ele". (Cl 1,16). A questão de autoridade é um assunto importante na Bíblia. O próprio universo é sustentado pela palavra da autoridade de Deus. A Bíblia afirma que "O Filho é resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser, sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa. Depois de ter realizado a purificação dos pecados, ele se assentou à direita da Majestade nas alturas". (Hb 1,3).

Para Grudem (1999, p. 445), o Senhor Jesus tinha que ser plenamente homem e plenamente Deus para cumprir a função de mediador (1Tm 2,5); fica evidente a solidariedade de Deus em fazer-se humano, pois Cristo é a manifestação maior da solidariedade de Deus para com a humanidade, por que todas as pessoas estavam afastadas de Deus por causa do pecado. Quando Jesus veio como homem, foi capaz de obedecer a Deus e, assim teve o direito de dominar a criação como homem, cumprindo o propósito original de Deus de colocar o homem sobre a terra. Na Carta aos Hebreus está escrito que Jesus tem uma posição de autoridade no universo, coroado de honra e glória (Hb 2,9). Somos levados a ver Jesus Cristo, presente desde antes da criação até o fim dos tempos, como o Alfa e o Ômega da história absoluta (Ap 23,13).

Projeta-se não somente a cristologia do final do século I d.C. para o Antigo Testamento, como projetado também, através dela, a teologia da Trindade, a qual somente se chegou dois ou três séculos depois de Jesus: segundo BERKHOF (1990, p.339), Cristo, na qualidade de Segunda Pessoa da Trindade Santa comparte o domínio de Deus sobre todas as Suas criaturas. Seu trono está estabelecido no céu e o seu reino domina sobre tudo, (Sl 103,19). A realeza de Cristo como o seu poder oficial de governar todas as coisas do céu e da terra, para a glória de Deus e para execução do seu propósito de salvação.

Porém é necessário compreender o processo cristológico dentro da história. É uma teologia que cresce dentro da história, mas não é a história. O crescimento da fé em Jesus se manifesta na história, ao longo da história, mas não pode ser confundido com a história. É antes a história da fé em Jesus do que a história de Jesus e do cristianismo. É o crescimento da fé em Jesus que se apresenta nos escritos cristãos neotestamentários e posteriores. E eles são releituras dos eventos que marcaram a vida de Jesus e das primeiras comunidades à luz de um certo estágio de desenvolvimento da fé em Jesus. Por isso nos escritos paulinos e nos evangelhos sinóticos temos o que Brown classifica como "Cristologia Baixa". Nesses textos Jesus é mensurado e apresentado dentro dos parâmetros da fé judaica do

Antigo Testamento, dentro da fé monoteísta, na qual YHWH, é o único Deus, ficando Jesus em numa posição muitíssimo privilegiada e alta (Cordeiro de Deus, Servo de Deus, Enviado de Deus, Ungido de Deus, Filho de Deus), acima de todos os outros seres humanos, mas mesmo assim, ainda subordinado a Deus.

Quando esquecemos, ou não percebemos isso, vamos na contramão da espiritualidade da *kenosis*. No hino da *kenosis*, reforçado pelo uso paulino em Filipenses 2, a autoridade suprema que é atribuída a Jesus nos escritos neotestamentários, lhe é conferida exatamente pela sua encarnação e pelo modo como Jesus dirigiu sua vida na carne, fazendo-se humano, mas não somente isso, identificando-se com o humano mais pobre e necessitado, com o escravo. E assim se fazendo, foi obediente e fiel até o fim, até a morte, e, acrescenta Paulo, morte de cruz. É por isso que Deus lhe dá o poder e a autoridade sobre tudo e todos. Cristo recebe todo poder porque ao solidarizar-se totalmente com o humano, inclusive até a morte e à morte de cruz, morte por todos, ele revelou plenamente ao mundo o coração solidário de Deus, por assumir ser tão solidário quanto Deus, ele recebe poder igual a Deus.

Todavia, podemos distinguir entre um reino de graça e um reino de poder. A autoridade e o poder divino que muitas vezes apontamos como as principais características de Jesus – e, por consequência também as características muitas vezes apontadas como legitimação de autoridades em nossas comunidades – foi exatamente o que Jesus abandonou ao se fazer plenamente humano: “Tende em mente vós o que também houve em Cristo Jesus, o qual, existindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus como algo ao qual aferrar-se. Mas a si mesmo esvaziou, tomando a forma de escravo, fazendo-se semelhante aos humanos; sendo encontrado em figura humana, humilhou a si mesmo, fazendo-se obediente até da morte, e da morte de cruz. Por isso, Deus também o hiper-exaltou e deu-lhe o nome acima de todo nome...” (Fl 2,5-9)

As escrituras e também grande parte da bibliografia relacionam muito a autoridade com o poder:

Cristo tem autoridade para perdoar pecado (Jo 5,26-27), para dar sua vida e para recebê-la outra vez (Jo 10,17-18), e para conceder a vida eterna (Jo17,2). As pessoas ficavam maravilhadas com a autoridade de Jesus, quando Ele ensinava e realizava milagres (Mt 7,28-29; 8,27; Lc 4,36) (BRUCE; HARRISON; YOUNGBLOOD, 2004, p.159).

Porém, a autoridade de Jesus deriva de seu ministério terreno, da forma como viveu a sua encarnação. Sua autoridade vem do ministério – a vida e as palavras de Jesus – que está por trás das confissões de fé que encontra-se nos Evangelhos. Ele viveu expressando tamanha solidariedade com os mais pobres e necessitados, e expressando o amor de Deus de forma tão coerente e radical, denunciando as injustiças e pondo-se corajosamente do lado de todos os injustiçados, que as pessoas que com ele conviveram passaram a ver nele uma autoridade e um poder que o diferenciava de todas as outras pessoas que haviam conhecido. E atribuíam a Jesus autoridade e poder de profeta, doutor da lei e rabi, viram n'Ele o filho de Deus, com poder para subjugar a natureza, os demônios, as doenças e até a morte. Colocou-se como exemplo a ser seguido. E àqueles que seguiram seus passos, seguiram seu exemplo e encarnaram na sua vida o evangelho anunciado por Ele, Jesus deu poder e autoridade, para testemunhar sobre Ele, anunciar boas novas de salvação, curar os enfermos, expulsar demônios e libertar os cativos. (At 2,43 e 4,33). O hino da *kenosis* diz que a autoridade do Cristo provém do testemunho de amor e de solidariedade de Jesus.

3.4 A AUTORIDADE SEGUNDO O HINO DA *KENOSIS*

No hino da *kenosis* deve ser observado que não é a autoridade de Jesus o que vem primeiro. Primeiro vem a *Kénosis*, primeiro vem a identificação, a solidariedade com os pobres, os excluídos, os injustiçados. Primeiro vem a vida de Jesus. E na vida de Jesus o que aparece é a defesa e a afirmação da mesma dignidade para todas as pessoas. Primeiro vem a prática de acolhimento dos doentes e das pessoas que eram consideradas pecadoras, impuras: primeiro vem a coragem de enfrentar os doutores da lei, os sacerdotes, denunciar o seu legalismo e o seu ritualismo, tudo isso Jesus fez por amor às pessoas, por coerência com sua compreensão de Deus como Pai, não como Pai só dos puros, descendentes de Abraão, seguidores da lei, dizimistas, ritualistas, e assim por diante mas Pai de todos, e especialmente preocupado com os pequeninos (exemplo: parábola da ovelha perdida Mt 18,12-14; Lc 15,1-7).

O exemplo de autoridade que Jesus recebeu do Pai vem primeiramente com a vida, e todo seu modo de viver para com Deus e o próximo, no seu jeito de amar e obedecer; somente depois da sua morte na cruz, vem o reconhecimento crescente

de sua autoridade; é justamente essa ordem apresentada no hino em discussão e assim também é na Bíblia. Assim, os Evangelhos, que são reportagens escritas muito tempo depois de sua morte, por pessoas que reconheceram de forma crescente, depois da ressurreição a sua autoridade de “filho de Deus” (Mc), de “Messias” (Mt), de “Salvador do mundo” (Lc), e finalmente, como o próprio Deus (Jo). Tanto no hino, quanto na exortação de Paulo, quanto na vida de Jesus, a exortação é primeiro viver a solidariedade radical, o amor uns aos outros, o cuidado mútuo e depois vem a autoridade. A autoridade de Jesus veio da *kenosis*, do seu esvaziamento, da sua auto-humilhação, e não do seu ser igual a Deus. Foi exatamente por ter se esvaziado do “ser igual a Deus” que o Pai o hiper-exaltou, foi pelo amor, pela solidariedade, pela humildade e obediência até a morte de cruz, que Jesus demonstrou com sua encarnação e na sua encarnação, que o Pai deu a Ele o nome sobre todo o nome (Fl 2,9-11)⁶.

No hino fica evidente que tudo nasce do amor e da solidariedade radical demonstrada pelo Jesus encarnado. Este é o exemplo máximo de autoridade para seus discípulos. E é justamente isso que afirma a exortação de Paulo, e é por isso que ele usa o hino *kenótico* para exortar aos filipenses que, nas suas relações comunitárias, sigam o exemplo que vem do Jesus encarnado, de sua encarnação e da forma como Jesus viveu na carne entre as pessoas. A encarnação é a *kenosis* básica; ela se aprofunda na humilhação ainda maior que é a identificação com o mais baixo da humanidade, o escravo, com isso a *Kenosis* é total, mas é por isso, é por causa de sua *kenosis* total, que Jesus é feito *Kyrios*, senhor, pelo Pai. Então o exemplo para a autoridade na igreja deve vir da *kenosis*, e não da exaltação. Sendo a exaltação o prêmio que se espera ganhar ao ter seu nome mencionado diante do Pai no dia do julgamento final⁷.

A autoridade de Jesus vem do serviço; há vários textos na Bíblia de como Jesus serviu às pessoas dando preferência aos mais pobres, aos necessitados, aos excluídos, como ele foi solidário com os injustiçados ao denunciar as injustiças. Em sua encarnação, em sua *kenosis*, como já foi notado acima, Jesus encarna o servo de Is 53.

⁶ Conforme interpretação proferida em aula no Programa de Mestrado em Teologia (PUCPR), no 2º semestre de 2015 pelo Profº Dr. Luiz José Dietrich.

⁷ Idem.

Cristo também ordena a seus seguidores que evidenciem profunda solicitude pelos pobres e necessitados. Boa parte do seu ministério foi dedicado aos pobres e desprivilegiados na sociedade judaica. Dos oprimidos, necessitados, samaritanos, leprosos e viúvas, (cf. Lc4,18-19; 21,1-4; Lc17,11-19; Jo4, 1-42; Mt8,2-4; Lc17,11-19; Lc7,11-15; 20,45-47). Ele condenava duramente os que se apegavam às possessões terrenas, e desconsideravam os pobres (Mc 10,17-25; Lc6,24,25; 12,16-20; 16,13-15,19-31). Jesus espera que seus discípulos contribuam generosamente com os necessitados (ver Mt 6,1-4).

Ele próprio praticava o que ensinava, pois levava uma bolsa da qual tirava dinheiro para dar aos pobres (ver Jo 12,5-6; 13,29). Em mais de uma ocasião, ensinou aos que o queriam seguir a se importarem com os marginalizados econômica e socialmente (Mt19,21; Lc12,33; 14,12-14,16-24; 18,22). As contribuições não eram consideradas opcionais. Uma das exigências de Cristo para se entrar no seu reino eterno é mostrar-se generoso para com os irmãos e irmãs que passam fome e sede, e acham-se nus (Mt 25,31-46). O apóstolo Paulo e a igreja primitiva demonstravam igualmente profunda solicitude pelos necessitados. Bem cedo, Paulo e Barnabé, representando a igreja em Antioquia da Síria, levaram a Jerusalém uma oferta aos irmãos carentes da Judéia (At 11,28-30).

É importante também observar, que tanto o hino da *kenosis*, como os textos nos Evangelhos são confissões de fé de quem conviveu com o Jesus encarnado, de quem experimentou a sua solidariedade radical, o seu amor incondicional. O hino e os Evangelhos retratam a fé das pessoas que presenciaram o quanto Ele negava a si próprio para dar aos outros, pessoas que viram e experimentaram a mudança em suas vidas e as mudanças que este tipo de relações trazia também para a vida comunitária e decidiram seguir a Jesus.

Mas estas pessoas também viram este Jesus, que anunciava, vivia e semeava o Evangelho do Deus amor, que eles pensavam ser um profeta poderoso, ser morto na cruz. A forma de superar o escândalo da cruz é afirmar a fé de que Deus, que é amor e justiça não deixará a história de Jesus acabar na cruz. A partir dessa experiência afirmam que Deus ressuscita Jesus. No hino cantam que o Pai o recompensa por toda sua abnegação e seu amor, fazendo-o Senhor de tudo e de todos. Mas isso não é história, isso é testemunho de fé, de quem pela fé vivenciou estas coisas e as transmitiu para os demais, através do hino, através das Cartas e Evangelhos. E assim, quando as cartas e os evangelhos relatam essa transmissão

da autoridade divina que faz de Jesus o Senhor Jesus, seus escritores estão não somente testemunhando a sua fé, mas também justificar e legitimar as suas próprias opções de vida e práticas: fazem isso, em nome de Jesus, o *Kyrios*; tem tais valores e princípios porque são discípulos e discípulas do Senhor Jesus, o *Kyrios* instituído por Deus, e não o imperador.

De acordo com (SHEDD, 2013) Jesus tem toda autoridade, e passou autoridade aos apóstolos para fazerem discípulos. Logo após quarenta dias da ressurreição de Jesus, O Senhor se reuniu com os onze discípulos num monte na Galiléia, no dia da sua ascensão que foi visivelmente no monte das Oliveiras. Naquele lugar e momento, Jesus prometeu que eles receberiam poder ao descer sobre eles o Espírito Santo. No monte da Galiléia declarou: "Então Jesus aproximou-se deles e disse: Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra" (Mt 28,18).

Na ocasião da grande comissão que o Senhor Jesus recebeu de Deus Pai e quando Ele diz: "É-me dada toda autoridade no céu e na terra", uma palavra muito expressiva, que só Ele poderia dizer. Ele afirma seu o seu domínio universal como Mediador, que é o grande fundamento da religião cristã. Ele tem toda autoridade que foi legalmente autorizado a utilizá-lo, e foi investido nele, por uma concessão daquele que é Fonte de todo ser, e, conseqüentemente de todo poder. Deus Pai estabeleceu o Senhor Jesus como o Rei (Sl 2,6), fez com que Ele tomasse posse, e o entronizou (Lc 1,32). Sendo Deus igual ao pai, todo poder era original e essencialmente dele. Mas como Mediador, como Deus-homem, toda a autoridade lhe foi dada. Em parte, pela recompensa de sua obra, (por que ele se humilhou, portanto, Deus assim o exaltou), e em parte como cumprimento do seu próprio desígnio.

Ele tem essa autoridade que lhe foi dada sobre toda a carne, para que pudesse dar a vida eterna a todos quantos lhes foram dados (Jo 17,2), para mais efetiva execução e aperfeiçoamento da salvação. Foi dessa autoridade que ele mais notoriamente foi revestido, o poder da sua ressurreição (At 13,3). Jesus é o Senhor de tudo e de todos (At 10,36), Ele tem toda autoridade no céu, tem o poder do domínio sobre os anjos, todos eles são seus humildes servos (Ef 1,20,21). Ele tem a autoridade de intercessão junto ao Pai, em virtude de sua satisfação e expiação. Ele tem toda autoridade na terra; tendo atendido as exigências de Deus, através do sacrifício da expiação, Ele persuade aos homens, e lida com eles como aquele que tem autoridade, através do ministério da reconciliação. Ele é sobre todas as

peças, o Supremo Mediador e Governador. Por Ele os reis reinam. Todas as almas são Dele, e a Ele todo coração e joelho vem se dobrar, e toda língua confessar que Ele é o Senhor. (HENRY 2010, p. 399-400). Importante levar em consideração que é autoridade do amor, e da solidariedade.

Na Bíblia há um excelente exemplo de uma autoridade que reconhecia a importância e o valor de outra autoridade demonstrando sabedoria e fé. Em Cafarnaum um centurião se aproxima de Jesus e diz:

"Senhor, meu servo está em casa, paralisado, em terrível sofrimento". Jesus lhes disse: "Eu irei curá-lo". Respondeu o centurião: "Senhor, não mereço receber-te debaixo do meu teto. Mas dize apenas uma palavra, e o meu servo será curado. Pois eu sou homem sujeito à autoridade e com soldados sob o meu comando. Digo a um: Vá, e ele vai; e a outro: Venha, e ele vem. Digo a meu servo: Faça isto, e ele faz". Ao ouvir isso, Jesus admirou-se e disse aos que o seguiam: "digo-lhes a verdade: Não encontrei em Israel ninguém com tamanha fé." (MT 8,5-10).

Interessante observar que um centurião comandava cem soldados do exército romano, era uma pessoa de prestígio que gozava de privilégios, era uma autoridade militar. O centurião entendia o verdadeiro significado de autoridade e reconheceu em Jesus uma. Até o Senhor Jesus ficou impressionado, admirado com a atitude daquele homem. Esse centurião demonstra o poder da solidariedade quando se preocupa com o servo doente, pois as características de todos os centuriões romanos eram extremamente rígidos com seus servos.

Outro exemplo segundo Atos dos Apóstolos foi que Paulo antes de reconhecer a autoridade de Jesus tentou de todas as formas acabar com os seguidores de Cristo, mas depois de se encontrar com o Senhor na estrada de Damasco, entendeu que era difícil resistir à autoridade de Cristo e ao cair no chão reconheceu imediatamente a autoridade de Jesus como Senhor e Salvador; depois desse fato foi capaz de submeter-se à direção de Ananias um simples servo do Senhor, pois ali naquele momento ele reconheceu a autoridade do Senhor Jesus, entendendo que, quem conhece a autoridade de Cristo lida somente com ela e não com o homem, ou seja, lida com a autoridade que a pessoa representa a autoridade de Deus que está sobre a sua vida (At 9).

Qualquer ponderação sobre autoridade precisa começar com uma afirmação

sobre o encabeçamento absoluto de Cristo (Ef 1,22; 4,15; 5,23; Cl 1,18; 2,10; 1Co 11,3). A autoridade de Deus nunca pode ser exercida independente dele. Sem Ele ninguém tem qualquer posto. Toda autoridade vem da cabeça que é o Senhor Jesus Cristo que está operando na recuperação da unidade do corpo que é a igreja, mas para que isso aconteça é preciso receber a vida em Cristo que é o cabeça da igreja, juntamente com sua autoridade. Sem a vida da cabeça não pode haver corpo. Sem a autoridade da cabeça não pode existir unidade no corpo. Para permitir a unidade do corpo é preciso que a cabeça governe. Quando a autoridade da cabeça prevalece, a vontade de Deus se realiza, assim a igreja se torna o reino de Deus.

A união vital entre Cristo e seu corpo é referida sob o simbolismo da cabeça e do corpo: uma união mística assim salientada, sendo focada a autoridade absoluta de Cristo e seu governo ativo sobre a igreja, na qualidade de Senhor, o cabeça é o transmissor de vida a qual sustenta o corpo; a vida sem o cabeça é simplesmente impossível. Harmonia e amor entre o cabeça e o corpo, em que cada um cuida do outro. A igreja atualmente está vinculada a Cristo, em harmonia com ele, tal como o corpo está vinculado à sua cabeça. Cristo pertence à igreja, assim com a igreja pertence a Cristo, e estão ligados para sempre, tal como se dá no caso de um corpo e sua respectiva cabeça. (CHAMPLIN 1995, p.99).

3.5 O EXERCÍCIO DA AUTORIDADE NA IGREJA

Um dos motivos que está por detrás da escolha desse tema para essa dissertação foi o abuso espiritual que é o uso da posição de liderança ou da “autoridade” para seduzir, influenciar e manipular as pessoas a fim de alcançar interesses próprios. Os praticantes do abuso espiritual são muito hábeis para passar a impressão de que o que querem é do interesse de Deus e da sua obra quando, na realidade, muitas vezes, o que buscam é seu próprio interesse. O pseudo-evangelho, pregado atualmente por algumas igrejas gerou um grande número de pastores, bispos, apóstolos e líderes que não medem consequências para fazer crescer suas instituições. Há uma confusão, uma superposição de seus interesses, suas instituições com a vontade de Deus e o Reino de Deus.

Esse mesmo estranho evangelho também permitiu a abertura de igrejas por pessoas totalmente despreparadas que se auto-intitularam pastores. Geralmente

eles são oriundos de alguma igreja onde não tiveram oportunidade no ministério. Existem também os que estão interessadas apenas em conseguir recursos financeiros, e exercer autoridade. E por último existem os que são servos de Deus sinceros, mas por não possuírem qualificação ou chamado para o cargo, são inseguros e essa insegurança é disfarçada por um autoritarismo exarcebado. O certo é que muitas vezes tais “autoridades” são danosas aos membros de sua congregação e ao evangelho, pois não raro geram um grande número de pessoas feridas e decepcionadas com o evangelho.

Certos aspectos do sistema hierárquico que constitui as igrejas facilitam, quando não propiciam, o abuso religioso. Esse tipo de regime autocrático centrado na figura carismática do pastor predomina nas igrejas mais novas, em especial nas pentecostais e neopentecostais surgidas nos últimos trinta anos. Claro que não se pode generalizar, pois nesse meio também surgiram igrejas sérias, fundadas por homens de Deus, com único objetivo de pregar o verdadeiro Evangelho e fazer avançar o Reino de Deus.

O pastor Paulo Romeiro (2013) escreveu que: Em termos de governo, o neopentecostalismo verticalizou a igreja. O líder forte no topo da pirâmide, que não presta contas a ninguém, que toma decisões sozinhas em questões financeiras e doutrinárias, acaba tirando das pessoas a oportunidade de funcionarem como um corpo, como deve ser a igreja. Em tais circunstâncias, os abusos se multiplicam. Alguns líderes religiosos têm dificuldade de administrar a autoridade.

A característica mais evidente de um sistema religioso abusivo, ou de um líder abusivo, é a ênfase excessiva em sua autoridade. Normalmente o grupo se diz ter sido estabelecido diretamente por Deus, e, portanto, seus líderes se consideram como tendo o direito de comandar seus seguidores. Em Mateus 23,1–2 Jesus disse que na cadeira de Moisés, se assentaram os escribas e os fariseus, uma posição de autoridade espiritual. Ainda que outros termos sejam usados, essa posição, nos grupos abusivos, é de poder, e não de autoridade moral. Novas doutrinas difundidas pelo movimento neopentecostal, também colaboram para o crescimento dos excessos. Uma delas é o ensino sobre cobertura espiritual, que concede ao líder posição de autoridade e responsabilidade espiritual sobre todos os membros de sua igreja. Quem sair de sua cobertura fica sem defesas contra o inimigo, Deus sequer ouve suas orações (CÉSAR, 2003).

Ed René Kivitz (2006) comenta que: Outro meio de abuso é o conceito difundido de que o pastor é o “ungido do Senhor”. Este conceito é do Velho Testamento. Muitas igrejas evangélicas, especialmente as pentecostais e neopentecostais tratam sua liderança como eram tratados os profetas do passado, com reverência inquestionável. Isso tudo é coisa do Velho Testamento. Em o Novo Testamento não há hierarquização, todos somos sacerdotes, somos nivelados. Há hierarquia no governo eclesiástico, ou seja, o pastor é autoridade sobre o membro no que diz respeito ao governo da igreja, mas não no que diz respeito à experiência pessoal com Deus. No pensamento protestante, o pastor não é intermediário entre o rebanho e Deus, este papel pertence a Jesus, único mediador entre Deus e os homens. A única mediação que existe é a de Jesus Cristo. A visão do Antigo Testamento de que o pastor é um oráculo profético. Isso não tem espaço no cristianismo protestante.

Diz-se que toda autoridade legítima vem de Deus. No entanto, deve-se fazer a seguinte pergunta: como Deus usa sua autoridade e poder? Ou melhor, “Como o Deus feito carne – Jesus – usou sua autoridade? Como ele recomendou que nós fizessemos? Como ele a exerceu? Encontramos Jesus fazendo abuso dela? Ele esmagou os discípulos? Afora uma repreensão ocasional e severa, ele os tratou com ternura, respeito e deixou que eles fossem eles mesmos sem violar a personalidade deles. Jesus até perguntou aos discípulos: “Mas vós, quem dizeis que eu sou? (Mt 16,15)”. Qual o líder que tem coragem de perguntar aos subordinados: qual a opinião que vocês têm a meu respeito? Jesus adquiriu sua autoridade humildemente assumindo o papel de servo. “...Então, Jesus, chamando-os, disse: sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva... ”(Mt 20,25-28; Rm,13)

De acordo com Lopes (2009), há ainda outro aspecto da humildade de Cristo e que diz respeito ao exercício de autoridade e poder, segundo o padrão deixado por Cristo. Como a carta aos Filipenses também foi dirigida aos líderes da igreja (1.1), podemos aplicar o exemplo de humildade de Jesus a todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, exercem influência sobre a vida de outros no ambiente eclesiástico. Paulo corrige os problemas internos da igreja de Filipos não apenas lhes oferecendo conceitos doutrinários e mostrando-lhes o seu próprio exemplo (Fl 1.26,30), mas também os exortando a seguirem o exemplo de Cristo. O melhor

remédio para curar os males da igreja é olhar para Jesus, seguir os seus passos e imitar seu exemplo (Fl 2.5). A igreja de Filipos estava sendo atacada por inimigos externos e por intrigas internas. Para corrigir ambos os males, ela deveria olhar para Jesus. Com o auxílio de Deus, as pessoas podem e devem imitar os exemplos de Cristo que é o ato de servir ao próximo. A atitude de auto-renúncia, com vistas a auxiliar outros, deveria estar presente e se expandir na vida de cada discípulo (Fl 2.4; Mt 11,29; Jo 13,12-17; 13,34; 21,19; 1Co 11,1; 1Ts 1,6; 1Pe 2,21-23; 1Jo 2,6).

Fica evidente no hino cristológico – como também nos evangelhos (Mt 7.22,23; 10.24; especialmente 20.20,28) – que o modelo de autoridade a ser seguido, não é o modelo de autoridade e poder, dos poderosos. O hino apresenta a confissão da fé da comunidade, que acreditava que Jesus existia na “forma de Deus”. Porém, Jesus opta por viver não a partir do poder e da autoridade divina, mas na forma humana, “semelhança de humano”. O líder que segue Jesus deve destacar-se não pelo poder ou autoridade, mas pela sua humanidade, suas características humanas e humanizadoras.

O exemplo de exercício de autoridade de Cristo descrito no hino não está aferrado ao poder. “Não algo ao qual aferrar-se considerou o ser igual a Deus”. Não aferrar-se ao poder, não lutar pelo poder, não competir pelo poder (Fil 2,3), não procurar aumentar seu poder, lutar para permanecer no poder, concentrar o poder em suas mãos. Mas antes, ao contrário, partilhar o poder, permitir, fomentar, estimular o surgimento e o crescimento de novas lideranças. Mas trabalhar para que todas e todos tenham autoridade e possam desenvolvê-la e exercê-la.

Quando o hino dá o exemplo de Jesus, que “a si mesmo esvaziou” (Fl 2.7), está estimulando as lideranças a colocarem as necessidades das pessoas da comunidade antes dos seus projetos pessoais, a colocarem a comunidade em primeiro lugar (Fl 2.4), a assumirem o modelo do servo (Is 53) e do escravo (Fl 2). Há, nessa parte do hino, duas questões implícitas: há a questão do serviço, alcançar o respeito e a autoridade na comunidade pelo serviço à comunidade, pelo cuidado especialmente dos mais necessitados, e há também a questão da identificação com os mais pobres, com os mais humildes, com os mais necessitados da comunidade. Muitos líderes olham para os grandes e fazem deles o seu modelo. Segundo Filipenses Jesus olhou para os que estavam no mais baixo patamar da sua sociedade, os escravos, e fez deles o seu modelo, fez deles o centro de seus cuidados, solidarizou-se com eles, se fez um com eles, e também fez deles o

modelo a seguir (Fl 2.3; cf. Jo 13.12,17)

O hino também enfatiza a obediência à vontade do Pai (Fl 2.8). Para ser obediente à vontade do Pai é necessário primeiro conhecer a vontade do Pai. Para Jesus a vontade do Pai não consistia em respeitar as leis da pureza, nem no cumprimento dos rituais ou no comportamento legalista. Tudo consistia em amar ao próximo como a si mesmo, tratar o próximo como desejava ser tratado. A Vontade do Pai é aquela expressa no êxodo, que todos tenham vida abundante e liberdade (Jo 10.10). A liderança cristã é obediente à vontade do Pai quando tem essas mesmas preocupações e se empenha para tornar realidade, concretizar, estes mesmos objetivos.

A exaltação (Fl 2.9) é consequência de uma vida vivida para Deus, não é a exaltação daqueles que o rodeiam. É a exaltação final, dada pelo Pai, após o bom cumprimento de sua jornada aqui. Não é algo para ser buscado (Fl 2.4), deve ser a consequência de toda uma vida vivida a serviço da comunidade.

Toda a vida e obra de Jesus não apontam para sua glória pessoal, mas objetiva a glória de Deus, o crescimento do Reino de Amor e Justiça, o Reinado de Deus. Jesus atrai os homens para si para poder levá-los a Deus. Na igreja de Filipos havia alguns que tinham o propósito de satisfazer suas ambições egoístas (Fl 1.15,17; 2.3,4). Porém, o único propósito de Jesus era servir a outros ainda que isso tenha lhe custado a maior de todas as renúncias. Enquanto alguns membros da Igreja de Filipos queriam ser o centro das atenções, Jesus queria que, concretizando desta forma o resumo de todos os mandamentos de Deus: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo (Mc 12.28-33). Assim, também, o seguidor de Cristo nunca deve pensar em si mesmo, senão nos demais; não deve buscar sua própria glória, senão o crescimento do reino de amor e de justiça, o crescimento da glória de Deus.

A palavra Igreja significa uma assembléia. Segundo SPURGEON (1868, p.3), a igreja de Jesus Cristo é uma assembléia de homens fiéis, grupo de servos de Deus, Seus convocados, toda a comunidade dos Seus verdadeiros, onde estiverem os verdadeiros crentes, aí está uma parte da Igreja. Esta não é uma corporação de padres, nem uma associação de não-convertidos - é a reunião daqueles cujos nomes estão escritos nos céus. Qualquer reunião de pessoas fiéis é a igreja.

Segundo Hawthorne; Martin (2008), autoridade não é somente para os apóstolos ou líderes. Paulo reconhece as formas individuais e corporativas de autoridades na

Igreja; é uma autoridade que consiste em trabalho, não em posição ou situação pessoal. Como tal, eles devem ter tidos em “alta estima” (1Ts 5,12). Essa autoridade deriva do poder do Senhor Jesus, que está presente com os fiéis reunidos em seu nome (1Co 5,4; Mt 18,20).

Como exemplo da autoridade espiritual na Igreja, pode-se citar os exemplos dos membros do corpo humano que todos dependem um dos outros para estar em plena harmonia. A Bíblia afirma

Ora, assim como o corpo é uma unidade, embora tenha muitos membros, e todos os membros, mesmo sendo muitos, formam um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único Espírito: quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um único Espírito. O corpo não é feito de um só membro, mas de muitos. Se o pé disser: "Porque não sou mão, não pertencço ao corpo", nem por isso deixa de fazer parte do corpo. E se o ouvido disser: "Porque não sou olho, não pertencço ao corpo", nem por isso deixa de fazer parte de corpo. Se todo o corpo fosse olho onde estaria a audição? se todo o corpo fosse ouvido, onde estaria o olfato? De fato, Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade. Se todos fosse um só membro, onde estaria o corpo? Assim, há muitos membros, mas um só corpo. O olho não pode dizer à mão: "Não preciso de você!" Nem a cabeça pode dizer aos pés: "Não preciso de vocês!" (1CO 12,12-21).

A mais ampla expressão de autoridade de Deus se encontra no corpo de Cristo, sua Igreja; essa autoridade é manifestada de forma direta e indireta. O corpo não está sujeito somente à cabeça. Além disso, seus membros ajudam-se mutuamente e estão sujeitos uns aos outros. A mão direita e esquerda não tem comunicação direta, é a cabeça que as movimenta. A mão esquerda não tem capacidade de orientar a mão direita, e vice-versa. A mão também não tem capacidade de ordenar aos olhos que olhem, mas simplesmente notifica à cabeça e deixa que a cabeça ordene os olhos, pois todos os membros estão ligados à cabeça. Faça o que quiser o membro, tudo será atribuído à cabeça. A autoridade da cabeça esta manifesta em todos os membros.

A função de cada membro é limitada, o olho vê, a mão trabalha, o pé caminha, e as pessoas precisam aprender a aceitar as funções dos outros membros. Se o pé rejeitar a mão é o mesmo que rejeitar a cabeça. Mas quando aceita a autoridade de um membro é o mesmo que aceitar a autoridade da cabeça, através da comunhão de todos os membros, constituindo a autoridade da cabeça. Embora a

função da mão no corpo físico seja importante, ela aceita a função do pé no momento em que precisa andar. A mão não pode ver cores, por isso tem de aceitar a autoridade dos olhos. A função de cada membro constitui sua autoridade; cada pessoa tem que aprender a permanecer na posição de membro e aceitar as operações dos outros membros; fazendo isso é aceitar as riquezas da cabeça. Nenhum membro é um ser independente, uma vez que cada um é membro do corpo; tudo o que fizeram os outros membros é considerado como operação de todos os membros e, portanto, operação do corpo (SPURGEON, 1868).

Autoridade espiritual é uma pessoa revestida da autoridade de Deus para desempenhar uma função no reino de Deus. Em o Novo Testamento diz que na igreja tem quatro maiores autoridades espirituais: "E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres." (Ef 4,11). Estes são as maiores autoridades espirituais na igreja.

Exemplo prático de quem tem autoridade, e de quem submete a autoridade: é o de Josué o Antigo Testamento (Ex 18,9-10). Como as pessoas sabem que alguém se submete à autoridade? A primeira atitude é a obediência: o texto sagrado diz que Josué fez tudo o que Moisés lhe falou; a segunda atitude de quem conhece e reconhece autoridade espiritual é servir (Ex 24,13); a terceira atitude é que a pessoa quer estar perto, quer estar junto (Ex 24,13-14); e, a quarta atitude é não participar de rebelião.

Cabe ao pastor da igreja delegar parte de suas responsabilidades para outros irmãos plenamente qualificados, sob a ótica puramente administrativa; todo dirigente eclesiástico, seja ele um pastor ou um leigo, deve praticar a delegação de autoridade, responsabilidade, como é feita em qualquer empresa. Por outro lado, a Igreja, como corpo de Cristo na terra, tem características peculiares que a distinguem de outras organizações.

A igreja é essencialmente um sistema organizacional orgânico, possibilitando uma interação espiritual e social entre seus integrantes, permitindo uma conscientização maior em função de seus objetivos centrais: servir ao próximo em amor e compartilhar o Evangelho de Cristo. Quando bem programado e executado a delegação de autoridade e de responsabilidade na igreja proporciona, entre outras as seguintes vantagens: o trabalho eclesiástico como um todo, torna-se mais produtivo com a distribuição racional de tarefas e responsabilidades (1Co 12,27-31), a capacidade de execução das atribuições na comunidade é aumentada de forma

substancial, o grupo de trabalho age espontaneamente e de forma integrada, mesmo na ausência eventual do seu líder (CARVALHO, 2004).

3.6 CARACTERÍSTICAS DE QUEM TEM AUTORIDADE SEGUNDO A KENOSIS

A Bíblia diz que o Senhor Jesus e o Pai são iguais em poder e autoridade. No começo era o Verbo, e o Verbo era Deus. Os céus e a terra foram criados pela Palavra. A glória que Deus tinha no princípio, e mesma glória do Filho. O Pai e o Filho existem igualmente e são iguais em poder e propriedade. Para as pessoas a obediência deveria ser simples, as pessoas só precisam um pouco de humildade. Para Cristo, entretanto, ser obediente não foi questão simples, pois teve que esvaziar-se de toda a glória e poder de sua divindade e a forma de escravo para poder obedecer. Portanto Cristo deu exemplo de obediência e humildade, mas também de autoridade e liderança.

O Filho originalmente partilhou a mesma glória e autoridade com o Pai. Mas quando veio ao mundo, de um lado, deixou de fazer uso da autoridade e, de outro, assumiu a obediência. De boa vontade assumiu o lugar de escravo, aceitando as limitações humana de tempo e espaço. Ele se humilhou ainda mais e foi obediente até morte. Sofrendo uma morte muitíssimo dolorosa e vergonhosa na cruz, Deus o exaltou sobremaneira. Deus exalta todo aquele que se humilha. Este é um princípio divino. Paulo afirma,

Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se, mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma de humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até morte, e morte de cruz! Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai. (Fl 2,5-10).

Os exemplos de Jesus Cristo, em tudo que fez e como viveu: mostra-nos característica de quem tem autoridade, que é o amor, humildade, obediência,

sujeição e assim por diante. A partir disso será importante destacar as principais características de quem tem autoridade.

A primeira característica de quem tem autoridade é o amor é um sentimento que Deus sente por toda humanidade, e todos devem se amar mutuamente, o Senhor Jesus que ensinou que o mandamento divino é amar Deus sobre todas as coisas, e amar o próximo como a si mesmo. As escrituras relatam muitas histórias de amor e principalmente a maior de todas onde mostra o amor incondicional de Deus pela humanidade ao enviar seu filho para morrer na cruz (Jo 3,16). O amor não é apenas um dos atributos de Deus, mas também parte essencial da sua natureza. A Bíblia declara que Deus é amor. (YOUNGBLOOD, BRUCE, HARRISON, 2004). A obediência de Jesus à vontade do Pai se expressa na *kenosis*. E podemos interpretar a *kenosis* como manifestação do extremo amor de Jesus por todas e todos nós.

Para Paulo o amor é a mais importante de todas as graças cristãs e a verdadeira essência da ética cristã, motivado pela expressão suprema do amor de Deus na morte sacrificial de Cristo, o amor se origina de uma vida transformada cheia do Espírito de Deus. Nos escritos Paulinos, o centro primordial do amor é a expressão tangível na comunidade cristã.

No centro do entendimento que Paulo tem do Evangelho está o amor salvífico de Deus (*ágape*) manifestado em Cristo. A expressão suprema desse amor imerecido é a morte de Cristo na cruz como sacrifício pelos pecados (Rm 5,8; Ef 2,4-5; 2Ts 2,16; cf. Gl 2,20). Quando Paulo fala do amor de Deus (ou de Cristo), é, em geral, com referência a algum aspecto da expiação ou salvação cristã [...] Para Paulo, ter um bom entendimento do amor salvífico de Deus manifestado em Cristo é decisivo. Está no centro de toda teologia e toda ética cristãs verdadeiras e é importante para sensação de segurança do fiel (“nada poderá separar-nos do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo, nosso Senhor”, Rm 8,31-39). Alcançar o perfeito conhecimento desse amor é, então, um de seus mais fortes desejos e orações para seus jovens convertidos (Ef 3,14-21). Na verdade, o irresistível sentido do amor de Cristo é uma das principais forças propulsoras na vida de Paulo (2Co 5,14-15).(HAWTHORNE; MARTIN, 2008, p. 66-67).

De acordo com as Escrituras o amar os outros é característica mais importante da vida cristã e o centro do modo de vida cristão. Tudo que se faz deve ser expressão de amor (1Co 16,14). Mais importante que os dons carismáticos que

os coríntios ambicionavam (1Co 12,31-13,2), o amor é relacionado em primeiro lugar como fruto do espírito (Gl 5,22-23; grande parte do resto da lista pode ser considerado um comentário a respeito do amor) e é única graça que os fiéis devem procurar acima de todas as outras (Cl 3,12.14).

O amor é o maior e mais importante carisma entregue à comunidade (1Co 13.3,13) pelo espírito de Jesus (Jo 14.21,26); é a marca que permite reconhecer as verdadeiras e os verdadeiros discípulos de Jesus (Jo 13.34). Não é por acaso então que Paulo use o hino, com o exemplo de Jesus para estimular as relações de amor nas comunidades cristãs (Fl 2.1-5). O amor deve ser a primeira característica da autoridade na comunidade cristã. Infelizmente esse sentimento está faltando no meio cristão, pelos péssimos exemplos de líderes que estão buscando mais poder e autoridade para manipular o povo, do que os dons espirituais do qual o primeiro de todos é o amor Gl 5,22; 1Co 13,13).

Humildade é uma das principais características de quem tem autoridade espiritual, e é um dos grandes exemplos do Senhor Jesus Cristo.

A palavra portuguesa humildade vem do termo latino *humilitas*, que significa baixeza, vileza. A humildade, pois, é a qualidade de ser humilde, em contraste com a atitude da arrogância. O conceito incorpora ideias de gentileza e submissão. A pessoa humilde é cortês, e não rude. A humildade é uma atitude de modesta auto-estima. É uma condição na qual o orgulho é rejeitado, é a isenção da arrogância. No cristianismo, supõe-se que a humildade seja uma das virtudes principais, que nos resguarda do orgulho humano, o qual anula, tão facilmente, os propósitos da graça. Também envolve o senso de sermos meras criaturas, débeis e indignas diante de Deus, como também de humildade diante dos homens. Condescendente diante de homens de posição inferior. (CHAMPLIN, 2000, p.4442)

O humilde não precisa provar nada, basta uma só palavra para que as coisas sejam feitas não é necessário falar duas vezes. O texto que relata a história do centurião (Lc 7,6-7), mostra justamente a humildade, no relato bíblico diz que o povo falava que centurião era digno de ser atendido por Cristo, mas o centurião dizia não sou digno que o Senhor vá à minha casa. Deus exalta os humildes e abate os soberbos, ele reconhece autoridade na vida de Jesus. Sem humildade não há autoridade, só há autoritarismo. A autoridade existe para servir, há disposição no coração da autoridade para ensinar, para passar para frente aquilo que Deus já ministrou na sua vida. O ser humilde consiste em se fazer igual ao menor, ao mais pobre, ao que está sofrendo, ao injustiçado e oprimido, e em solidariedade com ele

buscar que tenha vida digna e plena.

Outras características de quem tem autoridade é a obediência e a sujeição, muitas vezes os indivíduos não têm autoridade porque não são obedientes ou não se sujeitam às autoridades que foram colocadas sobre suas vidas. O maior exemplo de obediência e sujeição foi o Senhor Jesus Cristo. "Todavia é preciso que o mundo saiba que eu amo o Pai, e que faço o que meu Pai me ordenou..." (Jo 14,31). Jesus era obediente e sujeito à autoridade de Deus. As pessoas reconhecem autoridade em alguém por causa da obediência e da sujeição.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise da autoridade exercida na igreja a partir da *kenosis* em Filipenses 2,5-11. Uma exegese do texto de Filipenses em que o apóstolo Paulo usa o hino da *Kenosis* para exortar os discípulos e discípulas de Filipos a respeito das relações que deviam vigorar na comunidade, foi usada para discutir o exercício da autoridade na igreja hoje. Da *kenosis* de Cristo retira-se uma reflexão acerca do exemplo dado por Jesus, que essencialmente é amor, solidariedade, humildade e obediência e, principalmente, serviço ao próximo, tomado como parâmetro para o exercício da autoridade nas igrejas. Tal procedimento também permitiu avaliar como a questão da autoridade é exercida hoje em algumas comunidades cristãs de hoje.

O caminho percorrido passou por uma análise das condições sócio-culturais contemporâneas a Paulo, com um breve levantamento de informações sobre a cidade de Filipos. Sendo esta cidade diferente das outras cidades em que Paulo fundou comunidades, por ter sido primordialmente um centro de agricultura mais que um centro comercial, pode-se perceber a importância da cidade de Filipos, como “a principal cidade daquela região da macedônia”, na missão propagadora do evangelho (At 16.12).

Paulo chegou primeira vez em Filipos entre 49 e 52. Não é possível precisar a data com mais exatidão. Segundo a narrativa histórica apresentada em Atos dos Apóstolos, aí começou a evangelização da Europa. Filipos foi a primeira cidade europeia que Paulo visitou (cf. At 16,11-40) e que deu a Cristo os seus primeiros discípulos europeus. Uma mulher de Tiatira, negociante de púrpura, chamada Lidia e residente na cidade, recebeu o Apóstolo em sua casa. A partir dela nasceu o primeiro núcleo da comunidade cristã de Filipos.

Pode-se concordar com os estudos que ressaltam que Paulo escreve aos filipenses em tom afetuoso. Dentre todas as comunidades que atuava, a de Filipos era a que ele mais apreciava: era a primícia da sua missão em território europeu, retribuía ao seu amor com uma sincera e concreta dedicação. Mas é, também, uma carta que apresenta gravíssimos problemas no plano da crítica histórica e literária. Em primeiro plano estão os seus sentimentos. É um dos escritos mais pessoais de Paulo (BARBAGLIO, 1991, 360), está de acordo que Filipenses deve ser incluída

entre as cartas paulinas “autênticas”, mas vale ressaltar que esta epístola tem outros co-autores como, por exemplo, a participação de Timóteo na saudação inicial (Fl 1,1) e mais à frente tem a participação de Silvano.

Confirma-se o pensamento de Schnelle (1999, p.33-34) e de outros estudiosos da carta que acreditam que Paulo redigiu essa carta enquanto estava preso (Fl 1,7,13,17), mesmo assim ele segue sua missão de levar a mensagem de Cristo avante (Fl 1,12ss). Paulo escreve sobre o desejo que tem de visitar os filipenses (Fl 1,26; 2,24), “mesmo sabendo que estava por passar por julgamento”. Já tinha passado por um (Fl 1,7). Mas tem a expectativa de uma breve decisão (2,23). Sua confiança é num bom resultado (Fl 1,25; 2,24), e está preparando Timóteo para viajar a Filipos (Fl 2,19-23), para obter notícias a respeito dos irmãos filipenses.

Em sua carta Paulo exorta os Filipenses a manterem a coerência com o evangelho que dele receberam, a comportarem-se de “maneira digna do evangelho de Cristo” (Fl 1.27). Oferece elementos para que os filipenses resistam a aqueles que “anunciam Cristo por inveja” (Fl 1.15), ou que “proclamam Cristo por espírito de competição, sem sinceridade”, pensando que com isto irão aumentar seus sofrimentos na prisão (Fl 1.17). Encoraja-os a não terem medo frente a aqueles que Paulo diz serem os “adversários” dos filipenses (Fl 1.28). A perícopa aqui estudada está inserida dentro desta exortação e deste encorajamento. Paulo ainda nomeia os adversários de “cães”, “maus operários”, “mutilados”, e com isso indica que estes “adversários” eram provavelmente circuncidados e defensores da circuncisão e da imposição de todas as leis e rituais judaicos aos gentios que desejavam seguir o evangelho de Jesus (Fl 3.2-3). Paulo ainda os acusa de serem “inimigos da cruz de Cristo”, por terem “o ventre” como seu deus, de porerem sua glória no que é “vergonhoso”, e de terem seus pensamentos centrados nas “coisas terrenas” (Fl 3.18-19).

No centro da perícopa de exortação está um hino antigo hino cristológico das primeiras gerações de seguidores de Jesus. É o hino da *kenosis* de Cristo que Paulo coloca como o grande exemplo para os filipenses. O hino da *kenosis* era muito importante na vida do próprio Paulo. Não somente porque a análise gramatical evidenciou que as palavras e a espiritualidade da *kenosis* de Cristo perpassam outros de seus escritos, mas porque Paulo entende sua vida de discípulo de Jesus como um processo de esvaziamento. Ele oferece sua vida, como um exemplo de

kenosis. Em Fl 3.4-11 (cf. Gl 2.19-21); temos uma espécie de *kenosis* de Paulo, em que Paulo se esvazia buscando ser fiel a Jesus e ao Evangelho. Por isso ele, que aponta a *kenosis* de Jesus, como modelo para os filipenses, pode também apontar a si mesmo como modelo (Fl 3.17).

O hino cristológico da *kenosis*, pelo fato de ser pré-paulino, mostra que a ideia da encarnação e do despojamento da divindade estava presente nos primórdios do cristianismo primitivo, sendo provavelmente o texto mais antigo que confessa a preexistência e encarnação do Cristo. Através do hino Paulo orienta os cristãos ter uma postura ética e espiritual. É frisado que não basta somente buscar a união, a humildade, o amor: em verdade, para alcançá-los, é necessário ir além; exige um despojamento de seu próprio eu, de seus interesses, para busca dos interesses do próximo.

É justamente no hino cristológico de Fl 2,5-11 que se destaca que o Messias “assumiu a forma de escravo”. E mais, se destaca que ele assumiu a forma de escravo para ficar “na semelhança de humano”. Efetivamente quando neste hino se afirma que ele foi “obediente até à morte, e morte de cruz”, estabelece-se uma aporia, uma contradição interna insolúvel na expressão, já que a cruz não se destina ao escravo obediente, mas sim ao desobediente, àquele que não se resigna ao seu lugar desumanizado e se rebela em busca de sua liberdade. Sendo assim, a obediência de Jesus não é uma obediência à ordem vigente que desumaniza o escravo, mas uma obediência à sua condição de ser humano livre, à dignidade que a figura divina plasmada no ser humano tem desde a criação e da qual Jesus é também portador.

De um modo geral, a autoridade apresentada por Paulo no hino tem como fundamento o exemplo de Cristo, sendo que em primeiro lugar está o amor incondicional que se configura como esvaziamento, obediência, auto humilhação. Este auto-esvaziamento, esta ab-negação são, ao final, reconhecidos e recompensados pelo Pai com a hiper-exaltação de Jesus. O hino apresenta a confissão da fé da comunidade, que acreditava que Jesus pré-existia na “forma de Deus”. Porém Jesus opta por viver não a partir do poder e da autoridade divina, mas na forma humana, “semelhança de humano”. Isso significa que o líder que segue Jesus deve destacar-se não pela autoridade, mas pela sua humanidade, suas características humanas e humanizadoras.

A partir destas constatações repassou-se também o princípio bíblico da autoridade no âmbito da Igreja, agora vistos a partir do despojamento de Jesus Cristo em Filipenses 2,5-11. Definido o significado de autoridade bíblica a partir da exegese da perícopé estudada, foram analisadas várias dificuldades e empecilhos das Igrejas quanto ao exercício e ao estabelecimento e reconhecimento da autoridade. Alguns outros exemplos bíblicos sobre autoridade foram ajuntados, no sentido de conscientizar sobre sua relevância no contexto da igreja, e de contribuir para um exercício de autoridade mais coerente com Cristo. Assim, acredita-se que os objetivos que motivaram o empreendimento desta dissertação, foram discutidos e alcançados.

Como parte das principais lições que se podem tirar da análise da exortação de Paulo, do hino da *kénosis* nela embutido está a de que a autoridade não é algo ao qual o líder deve se agarrar com unhas e dentes. “Não algo ao qual aferrar-se considerou o ser igual a Deus”. Não se aferrar à autoridade. Muitas implicações podem ser tiradas disso: não lutar pela autoridade, não competir pela autoridade (Fl 2,3), não procurar aumentar sua autoridade, não lutar para permanecer como autoridade, não concentrar a autoridade em suas mãos, de um lado tem-se Jesus, do outro lado o líder ou pseudo-líder e tentação pela autoridade e poder, de conformidade com as Escrituras Eva vacilou ao obedecer a voz da Serpente e comer do fruto em troca de ser igual a Deus, a Serpente disse para Eva: “Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês serão como Deus, conhecedores do bem e do mal” (GÊNESIS 3,5).

O exemplo máximo é do Senhor Jesus que venceu a tentação em vários aspectos e de acordo com o Evangelho Segundo Mateus 4,8-10 frisa que o diabo levou Jesus a um monte muito alto e mostrou-lhe todos os reinos do mundo e o seu esplendor. E lhe disse: “tudo isto lhe darei, se você prostrar e me adorar. Jesus lhe disse: “retire-se, Satanás! Pois está escrito: “adore o Senhor, o seu Deus e só a ele preste culto”. Numa visão positiva significa partilhar a autoridade, permitir e fomentar, estimular o surgimento e o crescimento de novas lideranças. Trabalhar para que todas as pessoas tenham autoridade e possam desenvolvê-la e exercê-la, aceitando o rodízio de pessoas em cargos de liderança.

Quando se escuta o que Paulo quer dizer quando usa o hino que afirma que Cristo “A si mesmo esvaziou”. Entendem-se os discípulos e discípulas de Jesus, e especialmente aqueles e aquelas que desempenham funções de liderança, devem

colocar as necessidades das pessoas da comunidade antes dos seus projetos e interesses pessoais, ou seja, colocar a comunidade em primeiro lugar (Fl 2,4).

Do mesmo modo quando se percebe que Paulo coloca como exemplo o ato de conformar-se à figura do escravo (Fl 2) – uma releitura do servo de Javé (Is 53), que posteriormente também é replicada nos evangelhos (Mc 9,33-35; 10,42-45; Mt 20,25-28; Lc 22,24-27; Jo 13,13-17). A característica maior da liderança cristã não é o poder, mas o serviço, a *kenosis* leva ao serviço, materializa-se, realiza-se no servir. A *kenosis* expressa no serviço à comunidade é que leva alcançar o respeito e a autoridade na comunidade, especialmente pelo cuidado e dedicação aos mais necessitados. A *kenosis*, como foi visto, tem o lado do serviço, mas, também tem o aspecto da identificação com os mais pobres, com os mais humildes, com os mais necessitados da comunidade. Muitos líderes olham para os grandes e fazem deles o seu modelo. Segundo Filipenses Jesus olhou para os que estavam no mais baixo patamar da sua sociedade, os escravos, e fez deles o seu modelo, fez deles o centro de seus cuidados. Paulo, seguindo este parâmetro, também se solidarizou com eles, se fez um com eles (Fl 3,7-11,17), e em sua exortação, espera que também os filipenses reproduzam este modelo de relacionamento entre eles (Fl 2,3).

Outra qualidade do discípulo e da discípula de Jesus, segundo os parâmetros do hino, deve ser a obediência à vontade do Pai. Entretanto, para ser obediente à vontade do Pai é necessário primeiro conhecer a vontade do Pai. E já são necessárias todas as qualidades anteriormente apresentadas pelo hino kenótico para conhecer bem a vontade do Pai. A ênfase no conhecimento de Deus e de sua vontade não deve ter como foco central a questão do Poder de Deus.

No êxodo o mais importante não são os atos de poder que recheiam a narrativa, inseridos muito posteriormente nela. O mais importante é a revelação de um Deus que é contra toda a forma de escravidão, de opressão, de violência. O mais importante e revelado também na ação de Jesus, é o rosto de Deus solidário com os que sofrem, com os injustiçados que lutam contra as injustiças, que gritam de dentro de suas prisões. A ênfase demasiada e indevida no poder de Deus ofusca seu rosto comprometido com a Justiça, com um mundo sem opressões e sem violência. O Deus do poder é o Deus daqueles que condenaram Jesus à morte (MACCHI, 2004, p. 221-223).

Portanto para conhecer o rosto e a vontade de Deus devemos olhar para a vida e os ensinamentos de Jesus. E ali tudo fala em serviço aos mais pobres, aos

excluídos, a ajudar aqueles e aquelas que tinham na cabeça o Deus do poder, para trazê-los de volta ao Deus com rosto humano, com coração de misericórdia, ao Deus da solidariedade, do amor que é humanizador.

Para Jesus a vontade do Pai também não consistia em respeitar as leis da pureza, nem no cumprimento dos rituais ou no comportamento legalista. Tudo consistia em amar ao próximo como a si mesmo, tratar o próximo como desejava ser tratado. A Vontade do Pai é aquela expressada no êxodo, que todas as pessoas tenham vida abundante e liberdade (Jo10). A liderança cristã é obediente à vontade do Pai quando tem essas mesmas preocupações e se empenha para tornar realidade, concretizar, estes mesmos objetivos, mesmo quando eles impliquem em relativizar doutrinas, leis e instituições. A *kenosis* às vezes também é exigida das instituições. Não é para que reine a indefinição, a desorganização total, mas para que a vida, a defesa e a promoção da vida em toda a sua multitudine de formas e expressões, seja sempre o centro, e a razão de ser da comunidade.

A exaltação é consequência de uma vida vivida assim. Não é a exaltação daqueles que nos rodeiam. É a exaltação final, dada pelo Pai, após o bom cumprimento de sua jornada aqui. Não é algo para ser buscado (fl 2,4), deve ser a consequência de toda uma vida vivida a serviço da comunidade, na defesa e na promoção da vida.

Assim chega-se ao fim desse trabalho. O caminho foi escorado por um conjunto de autores consagrados pela academia de pesquisa científica como, por exemplo: Barbaglio, Cerfaux, Udo Schnelle, José Comblin, Meeks, além de vários outros pesquisadores. A exegese da perícopie de Filipenses 2,5-11, feita à luz da contribuição destes pesquisadores e também inspirada por uma preocupação para que dentro das comunidades cristãs a autoridade seja sempre exercida de modo coerente, levando assim cristãos e comunidades cristãs a terem um papel sempre mais relevante na sociedade, ainda tão marcadas pelas injustiças, desigualdades, luta pelo poder e pelo desamor, ajuda compreender melhor as características e os desafios do exercício da autoridade nas comunidades que verdadeiramente preocupam-se em testemunhar o rosto deste Deus, que em Jesus se esvazia, como exemplo, que com sua vida e sua morte, redime todos, e abre para que receba o Espírito Santo, o Espírito do Deus que é Amor (1Jo 4,7-21).

REFERÊNCIAS

ALAND, K; ALAND, B. **O texto do Novo Testamento**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1985.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Tradução Ecumênica**. São Paulo: Loyola, 1994.

BÍBLIA. Português. **Nova Bíblia Pastoral**. São Paulo: Paulus, 2014.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada. Tradução Nova Versão internacional**. São Paulo: Vida, 2003.

BÍBLIA. Espanhol. **La Santa Bíblia**. Reina Valera. Espanha: Editorial Mundo Hispano.

BÍBLIA. Inglês. **Scofield Reference Bible**. Oxford University Press: London, 1917.

BIBLEWORKS, LLC. **Bible Works for Windows**. Versão 7.0.012g. Norfolk: BibleWorks, LLC, 2006. 1 CD-ROM.

BÍBLIA. Novo Testamento Grego: **com introdução em português e dicionário grego português**. 4°. Ed. Ver. Burueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BARBAGLIO, G. **As cartas de Paulo II / tradução e comentários**. São Paulo: Loyola 2°ed, 2009.

BARTH, G. **A Carta aos Filipenses**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1979. p. 46

BERKHOF, L. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 1990. 847p.

BEZERRA, C. **O poder como serviço no Novo Testamento perspectivas pastorais**. Dissertação de Mestrado, Curitiba, PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Programa de Pós-Graduação em Teologia -PPGT, 2012

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de Política vol.1**. 11°. ed. Brasília DF: Universidade de Brasília (Unb), 1998. 1358p.

BOFF, Clodovis. **El Evangelio del poder-servicio**. Bogotá (Colômbia): CLAR/Confederación Latinoamericana de Religiosos, 1988.

BROWN, R. **A comunidade do discípulo amado**. São Paulo: Paulus, 2006.

BRUCE, FREDERICK FYVIE. E. **Novo comentário bíblico contemporâneo: Filipenses**. São Paulo: Editora Vida, 1992.

BRUCE, F. F.; HARRISON, R. K.; YOUNGBLOOD, R. **Dicionário Ilustrado da Bíblia**. 1°. ed. São Paulo: Vida Nova, 2004. 1475p.

CARVALHO, A. V. **Planejando e administrando as atividades da igreja**. São Paulo: hagnos, 2004. 120p.

CASAGRANDE, V. **Sabedoria da cruz de Cristo em 1cor 1,17-25**. Dissertação de Mestrado, Curitiba, PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Teologia, 2013.

CERFAUX, L. **Cristo na teologia de Paulo**. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

_____ **O cristão na teologia de Paulo**. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

CÉSAR, M. C. **Feridos em nome de Deus**. São Paulo: Mundo Cristão, 2003

CLEMENTE, R. **Carta aos Coríntios**. Disponível em <http://www.scribd.com> > acesso em 05 jul de 2016

COMBLIN, J. **Epístola aos Filipenses**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

CONGAR, Y. **Igreja pobre e serva**. Lisboa: Logos, 1968.

CHAMPLIN, R. N. **O Antigo Testamento Interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Candeia, 2000. 4669p.

_____ **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. v. 3. São Paulo: Hagnos, 2004.

_____ **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. v. V. São Paulo: Milenium, 1982.

CROSSAN, J. D; REED, J. L. **Em busca de Paulo**. São Paulo: Paulinas, 2007

DUNN, J. D. G. **A teologia do apóstolo Paulo**. São Paulo: Paulus, 2003

EHRMAN, B. D. **Como Jesus se tornou Deus**. São Paulo – SP: Ieya, 2014.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio O Dicionário da língua portuguesa**. Curitiba - Pr: Positivo, 2010. 856p.

GOMES, C. R. **O autoritarismo, a autoridade, e a liderança**. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/administracao-e-negocios/o-autoritarismo-a-autoridade-e-a-lideranca/38653/>> Acesso em: 14 ago. 2015

GUSSO, A.R. **Gramática Instrumental do Hebraico**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

GRUDEM, W. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999. 1046p.

HAUGHT, J. F. **Mistério e Promessa. Teologia da Revelação**. São Paulo: Paulus, 1998.

HAWTHONE, G. F.; RALPH. R.P; REID, D. R. (Org.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. 5°. ed. São Paulo: Loyola, 2008. 1285p.

HENRY, M. **Comentário Bíblico Novo Testamento Mateus a João**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. 1092p.

HERRING, R. A. **Carta de Paulo aos Filipenses**. Rio de Janeiro: CPB, 1958. p. 86.

HORSLEY, RICHARD, A. **Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana**. São Paulo: Paulus, 2004. p.248J

JR, W. W.; UNGER, M. F.; VINE, W. E. **Dicionário Vine**. Rio de Janeiro, Brasil: CPAD, 2002. 1081p.

KASCHEL, W.; ZIMMER, R. **Dicionário da Bíblia de Almeida**. Barueri,SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. 920p.

KIVITZ, E. R. **Outra espiritualidade**. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

KÖESTER, H. **Introdução ao Novo Testamento, volume 1: história, cultura e religião no período helenístico**. São Paulo: Paulus, 2005.

KÖESTER, H. **Introdução ao Novo Testamento, volume 2: história e literatura do cristianismo primitivo**. São Paulo: Paulus, 2005.

KÜMMEL, W. G. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

LOPES, H. D. **Paulo, Maior Líder do Cristianismo**. São Paulo. Editora Hagnos, 2009.

McKIBBEN, J. K. **Nuevo Léxico Griego – Español Del Nuevo Testamento**. Buenos Aires: CBP, 1978.

MACCHI, Jean-Daniel, Êxodo, em: RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel;

NIHAN, Christophe (orgs.), **Antigo Testamento, história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2004, p. 215-230.

MEEKS, W, A. **Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo**. São Paulo: Paulinas, 1992.

MÍGUEZ, N. **As vozes originárias de Paulo**. São Bernardo do Campo- SP: Nhanduti, Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana (RIBLA, No.62), 2009/1. 158pl.

MORAIS, R. **Sala de aula: que espaço é este?** 14°. ed. São Paulo: Papyrus, 2001. 200p.

MURPHY, J. **Paulo biografia crítica**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

NESTLE, Eberhard: ALAND, Kurt. **Novum Testamentum Graece**. Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 27° ed. 1993.

PAGLIARIN, J. **O Evangelho Reunido**. São Paulo: Landscape, 2005. 478p.

PEREIRA, S. **A saga do herói e o esvaziamento de Cristo: Análise de Filipenses 2,5-11**. Dissertação de Mestrado, São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 2012

ROMEIRO, P. **Decepcionados com a Graça**. São Paulo: Candeia, 2013.

RONALD, F. Y. **Dicionário ilustrado da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

SAMPLEY, J.; LAMPE, P. **Paulo no mundo greco-romano**. São Paulo,SP: Paulus, 2008. 626p.

SCHNELLE, U. **Introdução à exegese do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2004.

_____ **Teologia do Novo Testamento**. Santo André (SP): Academia Cristã: São Paulo: Paulus, 2010.

_____ **Paulo: vida e pensamento**. Santo André (SP): Academia Cristã: São Paulo: Paulus, 2010.

_____ **A evolução do Pensamento Paulino**. São Paulo: Loyola, 1999.

SEVERA, Z. **Manual de Teologia Sistemática**. Curitiba: A. D. Santos Editora, 1999.

SHEDD, R. P. **Autoridade e poder**. São Paulo: Shedd Publicações, 2013. 152p.

SILVA, C. M. D. **Metodologia da exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000.

SOARES, D. O. **O hino cristológico de filipenses 2,5-11. Estudos Bíblicos No. 102 – 2009/2 – Carta aos Filipenses**. Petrópolis. Editora Vozes, 2009. 12p.

SPURGEON, C. H. **O Cabeça da Igreja**. Disponível em:
<<http://livros.gospelmais.com.br/livro-o-cabeça-da-igreja-charles-haddon-spurgeon.html>> Acesso em: 16 set. 2015

TAYLOR, W. C. **Dicionário do Novo Testamento grego**. Rio de Janeiro: JUERP, 1991.

WEGNER, U. **Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia**. São Paulo: Paulus, 1998.

ZABATIERO, J. P. T. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1982.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

BARTH, K. **Carta aos Romanos**. São Paulo: Novo Século Cultura, 2003. 854p.

BOFF, L. **Espiritualidade: um caminho de transformação da Esperança**. São Paulo: Sextante, 2001.94p.

BULTMANN, R. **Crer e Compreender**. São Leopoldo: Sinodal, 2001. 422p.

_____ **Teologia o Novo Testamento**. Santo André: Academia Cristã, 2008.

BORTOLINI, J. **Como ler a carta aos Filipenses: O evangelho encarnado**. 6° Ed. São Paulo, 2010.

DIAS, Z. **Discussão sobre a Igreja**. São Paulo: Vozes, 1975. 154p.

DOCKERY, David. S. **Manual Bíblico Vida Nova**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.

FALCÃO, S. A. **Meditações em Filipenses**. Rio de Janeiro: CPB, 1955.

GUIJARRO, S. **Servidores de Dios y esclavos vuestros. La primera reflexión cristiana sobre el Ministério**. Salamanca: Sígueme, 2011..

TILLICH, P. **Teologia Sistemática**. São Leopoldo/ RS: Editora Sinodal, 2005. 868p.

SEGAL, A. Paulo, **o convertido: apostolado e apostasia de Saulo fariseu**. Coleção Academia Bíblica. São Paulo, 2010.

Discernir Adequadamente a Autoridade Espiritual para Seguir o Senhor Corretamente.. Edição Eletrônica, Fevereiro de 2008 Publicado por: Projeto de Defesa e Confirmação Disponível em:

<<http://www.afaithfulword.org/portuguese/articles/DiscerningAuthority.html>> Acesso em: 5 ago. 2015

Autoridade Espiritual Genuína. Disponível em:

<<http://www.graodetrigo.com/portuguesebooks/AutoridadeEspiritual.pdf>> Acesso em: 8 set. 2015

Autoridade ou Autoritarismo? A "Didática do comportamento": uma necessidade na relação Professor-aluno.. Autor: Acácio de Assunção Ferreira-Jr Disponível em: <<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-praxis-pedagogicas/RELA%C3%87%C3%83O%20PROFESSOR-ALUNO/autoridade%20ou%20autoritarismo>> Acesso em: 6 ago. 2015

CALVANI, C. E. **Espiritualidade e pregação em Tillich**. > Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/557/51 Acesso em: 14 maio. 2015.